Claire Baumard

Léon Denis
na Intimidade

Préfacio de
Sir Arthur Conan Doyle

Título Original em Francês
Claire Baumard - Léon Denis Intime
Préface de Sir Arthur Conan Doyle
Paris (1929)





Mlle. Baumard, de pé, ao lado de sua irmã Mlle. Grabrielle.

Claire Baumard - A Secretária de Léon Denis

Conteúdo resumido

Mlle. Baumard foi secretária de Léon Denis nos últimos anos de sua vida. Nesta obra a autora mostra interessantes detalhes da vida pessoal de Denis.

A autora mostra na obra o extremo cuidado que Denis tinha com suas inúmeras correspondências recebidas, sua grande cortesia com as visitas recebidas, em especial aquelas que necessitavam de auxílio espiritual, sua grande admiração pelas obras de escritores (espíritas ou não).

É uma obra importantíssima ao leitor que deseja conhecer de perto o dia-a-dia de uma grande personalidade espírita (grande escritor, orador, amigo e de grande coração).

É preciso que a morte deixe de ser um motivo de horror, visto que, através dela, vemos a ascensão para a luz.

Léon Denis
”O Gênio Céltico e o Mundo Invisível”

Dedico estas páginas à memória de Léon Denis, o mestre venerável ao qual devo uma justa compreensão da vida e da morte.

Sumário

Prefácio explicativo de Wallace Leal V. Rodrigues 4
Prefácio de Arthur Conan Doyle 57
Introdução 59

PRIMEIRA PARTE

I – O homem, sua casa 61
II – Suas lembranças de infância, sua piedade filial 66
III – Seus dons 73
IV – O escritor, o moralista 80
V – Sua correspondência 97
VI – Seus visitantes 117
VII – Suas distrações: a leitura, as viagens, a música 124

SEGUNDA PARTE

VIII – Na casa de Léon Denis 131
IX – 1925: o Congresso de Paris 149
X – 1926-1927: *O Gênio Céltico*; Os últimos dias de vida do mestre 162

Obras de Léon Denis 178

Prefácio explicativo
de Wallace Leal V. Rodrigues

O que o livro de Claire Baumard não contou...

Viver cotidianamente através da tradução, as duzentas e poucas páginas deste "pequeno grande livro", *Léon Denis na Intimidade*, de Mlle. Claire Baumard, urdido de lembranças, carinhosas recordações, divagações em torno da posição filosófica daquele a quem chamava o "mestre", terminou para se tornar, para nós, um estado de espírito ao mesmo tempo benéfico e ansioso.

Houve o momento em que desejamos com emoção ter na retentiva a presença física de Mlle. Baumard e isto nos satisfez a gentileza de Hubert Forestier, já desencarnado, antigo diretor da *Revue Spirite* e amigo pessoal da escritora. Em preciosa foto – um típico instantâneo familiar de "tarde dominical" – vê-se ante uma parede de pedras e o gradil de sua residência, em Saint-Cyr-sur-Loire, Mlle. Baumard, de pé, ao lado de sua irmã gêmea, Mlle. Gabrielle, esta assentada, ambas frágeis como pequeninos pássaros, sorridentes, com seus "chignos", como nuvens alvas aureolando-lhes a cabeça e fugitivos olhares nos quais se adivinha uma suave ironia.

Mlle. Gabrielle antecedeu-a, partindo para o Mundo Maior a 26 de outubro de 1958. Com 89 anos de idade, Mlle. Claire Baumard segui-la-ia três anos mais tarde, a 15 de janeiro de 1961, e os espíritas de toda a França prestaram-lhe carinhosas homenagens.

Embora sejam parcos os dados biográficos a seu respeito, presume-se que tenha nascido em 1872.

Claire Baumard assistiu aos dias heroicos do Espiritismo e se manteve fiel ao ideal que Léon Denis lhe transmitira até o fim. Poucos meses antes de sua desencarnação, era ainda assídua participante das realizações do "*Chainon Tourangeau*", a principal entidade espírita de Tours.

"As conferências realizadas em uma das belas salas da Prefeitura – escreve Hubert Forestier – interessavam-na vivamente, e era raríssimo estar ausente, apesar de sua avançada idade. Sua presença, na primeira fila do auditório, era um reconforto para todos, um patrocínio de particular valor, aureolado pela lembrança do *Canto da Sobrevivência*."


Mlle. Baumard, de pé, ao lado de sua irmã Mlle. Grabrielle.

Mlle. Baumard não era uma jovenzinha quando, em 1918, entrou a serviço de Léon Denis, pois tinha 45 anos. Entretanto, conhecera-o vinte anos antes e já com convicção espírita, conforme narra em suas páginas. Revela ainda que, no decorrer dos anos em que foi a dedicada secretária do escritor, já cego, redigiu um diário, ao qual, entretanto, não recorreu para a feitura de sua obra. Preferiu a revelação do grande e reverenciado vulto do Espiritismo, pelo depoimento escrito de seus contemporâneos e sínteses de sua obra, ao desmonte dessa soberba personalidade, pela sucessão real do cotidiano. Por esse motivo, seu livro é, antes, a impressão intelectual e espiritual desse a quem chama incessantemente de "mestre".

Todavia a gama existencial que nos transmite não é o fruto de uma imaginação exacerbada ante um líder carismático como o foi Léon Denis. Ela vai além de acontecimentos visceralmente representativos e importantes, deixando-nos, a nós pesquisadores, incomodados pela existência desse diário e do qual a autora não quis valer-se. E perguntamos: na mão de quem estará agora, acolá, nessa longínqua Tours? E nem sabemos se dele se valeu o próprio biógrafo de Léon Denis, Gaston Luce, também já falecido.

Dissemos "incomodados" tendo em vista que o venerável mentor espiritual, Emmanuel, nos esclarece que a tarefa do trabalhador intelectual espírita deve também ser de desvencilhamento e perquirição da verdade, tanto em plano

doutrinário quanto em plano histórico, de modo a que, seguindo o próprio Allan Kardec, os processos e conquistas da sociedade humana, em progressiva ascensão, sejam incorporados ao acervo do Espiritismo.

Com esse propósito, valendo-nos da crítica comparativa e intuitiva, até certo ponto na conceituação de Bergson, tentamos, aqui, singela e respeitosamente, desdobrar a compreensão de Léon Denis, essa luminar figura das letras espíritas e que voa em direção aos séculos como o primeiro credenciado ao título de "apóstolo do Espiritismo".

A compreensão de Kardec e Denis

Dezembro de 1861. Três dias antes do Natal. Inverno em Paris. Noite. No interior tranquilo de sua casa, à Rua dos Mártires, nº 8, Allan Kardec, através da mediunidade do Sr. de A., entretém-se a falar com seu orientador espiritual.

A luz do bico de gás, o rosto do antigo aluno de Pestalozzi revela inconfundíveis sinais de fadiga. Lançara *O Livro dos Médiuns*, obra que convertera o Espiritismo nascente em uma ciência experimental e pelo qual denunciara os charlatães, os espíritos malévolos e os médiuns interesseiros. Enfrentara, sereno, o vomitório de anátemas e injúrias que, sobre ele tanto quanto sobre a Revelação dos Espíritos, tinha lançado, ininterruptamente, a Biblioteca Católica. Por fim o Auto de Fé de Barcelona reacendera a fogueira da ignorância e do fanatismo em sua biografia de imortal.

É, com certeza, essa fadiga, mais um certo desejo antecipado por um momentâneo oásis de paz, que o levam a tratar sobre o seu sucessor.

– Quem me sucederá quando eu partir? O que virá a ser do Espiritismo, uma vez que não se vê aparecer, de modo NOTÓRIO, ninguém para tomar as suas rédeas? Podereis dizer-me se a escolha de meu sucessor está feita?

– Está sem o estar, dado que o homem, dispondo de livre arbítrio, pode, no último momento, recuar diante da tarefa que ele próprio elegeu.

Mas, ainda assim, o diálogo especifica estas circunstâncias atinentes a esse substituto eventual:

1) Ele se revelará quando chegar o momento.
2) Não poderá se afastar do caminho traçado por Kardec.
3) Sua tarefa será penosa, pois terá que sustentar lutas rudes.
4) Kardec foi encarregado da concepção, ele será da execução.
5) Por isso deverá ser homem de energia e de ação.
6) Kardec não possui as qualidades que serão exigidas de seu sucessor.
7) Terá que ter a força do capitão que maneja um navio segundo as regras da... Ciência.
8) Estará exonerado do trabalho de criação da obra para ter liberdade para aplicar todas as suas faculdades ao desenvolvimento e à consolidação do edifício.
9) Será indispensável que dê provas de si, de capacidade, de devotamento, de desinteresse e de abnegação.
10) Não poderá se deixar levar pela ambição nem pelo desejo de se fazer o maior.

Ora, ao exame da ascensão do Espiritismo a partir de 1868, data da desencarnação de Kardec, quem configura essas qualidades e predisposições? Que silhueta, entre os denodados lutadores espíritas que se mantiveram na arena da irredutível pugna, responde a essas expectativas?

À testa da *Societé Anonyme du Spiritisme* e da *Revue Spirite*, imediatamente a Kardec seguiu-se Desliens, porém apenas por dois anos, até 1871. Paul Gaëtan Leymarie sucedeu-o, permanecendo nesse posto por 30 anos, até seu desencarne em 1901. Foi um trabalhador constante e de ação enérgica, embora tolerante.

Mas, a sustentação da causa espírita não se limitou ao círculo da *Societé* ou da *Revue*, conforme não é difícil depreender. Espraiou-se, foi de encontro à estrutura universal da sociedade humana e, aqui, eis que defrontamos, face a face, o parágrafo da

"execução", indiscutivelmente atribuído aos contingentes da intelectualidade espírita.

Chegados aos intelectuais espíritas, eis a nova interrogação: quem, dentre eles, se define, à distância do tempo, ao peso e medida do decálogo espiritual?

Delanne? Flammarion? Denis?

Eliminaríamos, em primeiro lugar, Flammarion. Sua *Autobiografia* revela-nos o reticente, é antes o poeta da Astronomia do que o líder espírita. Esta não é a... "tarefa que ele mesmo escolheu". Em verdade, a obra de Flammarion até 1897 é um dealbar de luzes frouxas, em que se mencionam as "*forces inconues*", as "*facultés de l'âme encore inexpliqués*". Flammarion é célebre demais, aplaudido demais, cortejado demais. É impossível estabelecer-se uma comparação entre Flammarion e Crookes, pois é diametralmente diverso ser um cientista célebre na Inglaterra e na França. Além disso a própria Astronomia faz de Flammarion um contemplativo. Ele seria incapaz do enfático e ultrabritânico arremesso de Crookes.

Ainda em *Forças Naturais Desconhecidas*, obra de 1907, Flammarion não hesita em afirmar que os fenômenos podem ser produzidos pelos espíritos... "*mas, entendamos bem, esses espíritos não são, necessariamente, almas dos mortos...*" pois podem existir... "*demônios, anjos, gnomos, fadas, larvas, elementares, duendes, trasgos, etc...*". Embora o levantamento crítico da obra de Flammarion seja ainda um convite ao exame demorado, parece-nos que apenas *A Morte e o seu Mistério* e *As Casas Mal Assombradas*, suas derradeiras obras, escritas entre 1920 e 1923, sejam efetivamente satisfatórias do ponto de vista do programa kardecista.

Em torno de Flammarion, o leitor encontrará, neste livro de Mlle. Baumard o curioso episódio do capítulo IX que, entretanto, ela não esclarece de todo. Léon Denis, sentindo-se extenuado, enfermo, dificultado pela quase ausência da visão, procura contornar o convite que lhe chega de Meyer, para presidir ao Congresso Internacional Espírita de Paris, em 1925.

> “O mestre levou a questão à consideração de seus guias em uma reunião íntima e estes o encorajaram a participar do Congresso; entretanto, ele objetou mais uma vez, recordando “o fardo de suas enfermidades”. *Flammarion o substituiria com vantagem.* “Léon Denis apenas pronunciara estas palavras quando foi interrompido pelo médium que, em tom firme e nítido lhe responde: – Flammarion não estará lá!” *Como? Flammarion vai se abster?* “Não, ele não estará lá!” Nenhuma palavra a mais.”

O Congresso teria lugar de 6 a 13 de setembro de 1925, Camille Flammarion desencarnaria a 4 de junho, portanto quatro meses antes. Mlle. Baumard não faz outros comentários, porém em seu prefácio à biografia de Kardec, por Sausse, Denis torna claro que o espírito ao qual confiara suas dúvidas nessa noite fora o do próprio Kardec.

Por outro lado a presença de Léon Denis nesse Congresso, um dos mais importantes nos anais do Espiritismo, parece ter sido considerada imprescindível por parte dos organizadores espirituais. Denis prossegue ainda mencionando Kardec e revela o seguinte:

> “Ele me decidiu por seus argumentos e a força de sua vontade. Durante toda a duração desse Congresso, eu senti o seu apoio fluídico e a eficácia de suas inspirações.”

E Delanne?

Delanne nasceu dentro da doutrina espírita, pois seu pai era também um espírita. Ele confessa que suas primeiras lembranças doutrinárias remontam a 1860.

> “Meu pai era espírita, eu aprendi o francês ouvindo falar de Espiritismo, ouvindo-o explicar e raciocinar. Formei minha consciência do mundo e das criaturas pela prática desse mesmo raciocínio.”

Delanne fundou, em 1897, a sua *Revista Científica e Moral de Espiritismo*, e escreveu nove obras que são clássicos espíritas.

E Denis?

Denis manteve sua colaboração dentro da Revista Espírita até seu último ano de vida. Em seu prefácio à obra de Sausse ele diz que...

> "Durante cinquenta anos trabalhei pela difusão de nossa doutrina, pela imprensa e pela palavra."

O estudo de sua obra leva a esta constatação: Kardec aguçara a inteligência dos investigadores, Léon Denis iria tocar o coração das multidões. Foi o grande divulgador, aquele que levaria à alma das criaturas – do cientista ao operário – a mensagem de alegria e esperança de que se impregna o Espiritismo.

Ao término do Congresso, Mlle. Baumard escreve:

> "... Todos guardaram uma impressão inapagável... Todos, sem exceção, sentiram que a doutrina que amavam tinha, em Léon Denis, um expoente venerável que, por sua grande convicção, sua eloquência persuasiva e sua lucidez de vistas, era o digno continuador de Allan Kardec."

E o repórter Esquier, de *La Liberté*, a 14 de setembro de 1925, escreve ao comentar sua entrevista com Denis:

> "Sabe-se que Léon Denis, o grande apóstolo do Espiritismo, é sucessor de Allan Kardec..."

Leymarie, Denis, Flammarion, Delanne, todos em conjunto?

O diálogo de Kardec com seu guia espiritual, em 1861, termina assim:

> *Kardec* – Frequentemente se há dito que muitos espíritos encarnariam para ajudar o movimento.
>
> *Espírito* – Sem dúvida! Muitos espíritos terão essa missão, mas cada um na sua especialidade para agir, pela sua posição, sobre tal ou tal parte da sociedade. Todos se revelarão por suas obras e nenhum por qualquer pretensão à supremacia.

Documentos, recursos diferentes de crítica serão capazes de projetar luzes diferentes sobre esse diálogo?

Interessa-nos, aqui, Léon Denis.

*** * ***

Um traço na obra de Léon Denis é certa estranha e maravilhosa faculdade de ubiquidade. Muitas vezes ele pode estar em si mesmo e naqueles para quem escreve. É quando mais ilumina e mais aquece os corações. Mas existem, também, outros momentos de igual faculdade em que sua identificação com a obra de Kardec é tão perfeita, que já não sabemos mais quem estamos lendo, se um, se outro. Então ele se dirige, sincero e contrito, para Allan Kardec e exclama: "Meu mestre!"

Léon Denis era quase um adolescente quando a doutrina espírita arrebatou para sempre os caudais de sua alma vigorosa.

> "Eu tinha 18 anos quando, por volta de 1864, passando um dia pela principal rua da cidade, vi, no mostruário de uma livraria, *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec. Avidamente o comprei, às ocultas de minha mãe, muito cuidadosa quanto aos assuntos de minhas leituras."

Mlle. Baumard irá comentar que "o rapaz entusiasta deveria discutir, raciocinar sobre a filosofia kardecista na presença de seus pais que, um após outro, aceitaram essas novas ideias..."

É relevante verificar que as derradeiras linhas ditadas por ele a Mlle. Baumard tenham sido para o prefácio à Biografia de Allan Kardec, escrita por Henri Sausse. Essas páginas derradeiras – apenas cinco! – são ricas de revelações, de melancólicas rememorações, um breve espaço para um demorado adeus. Denis lembra o remoto dia em que fizera aquela furtiva compra e diz com a surpreendente convicção de quem, defrontando o fim, não se arrependeu:

> "Eu tinha 18 anos quando li *O Livro dos Espíritos* e isso foi, para mim, uma súbita iluminação de todo o meu ser. Eu não exigi provas a uma doutrina que respondia a todas as questões, resolvia todos os problemas de maneira a satisfazer a razão e a consciência."

Não nos é difícil imaginar no austero dormitório do nº 19, Place des Arts, o silêncio riscado pela pena de Mlle. Baumard sobre o papel e a voz do jovem de 81 anos, que dita pela derradeira vez:

"Eu encontrei várias vezes Allan Kardec sobre o plano terrestre. A primeira vez foi em Tours, quando ele veio, ao curso de uma viagem de conferências. Tínhamos alugado uma sala para o receber, mas a polícia imperial, desconfiada, interditou-nos o seu uso. Foi preciso que nos reuníssemos no jardim de um amigo, à luz das estrelas. Éramos bem trezentas pessoas de pé, apertadas, pisando as platibandas, mas felizes por ver e ouvir o mestre, assentado em meio a nós, ante uma mesinha e que nos falava do fenômeno das obsessões.

No dia seguinte, quando fui levar-lhe os meus cumprimentos, encontrei-o nesse mesmo jardim, trepado num escabelo, colhendo cerejas para a Sra. Allan Kardec. Esta cena bucólica cheia de encanto contrastava com a gravidade dos personagens. Mais tarde encontrei-o em Bonneval, Eure-et-Loire, onde fora participar de um meeting [1] espírita que reunia todos os adeptos da região. Finalmente em Paris, ao curso de minhas viagens, pude trocar ideias com ele sobre a causa que nos era tão cara."

Aqui cabe um pequeno parêntese para uma conotação de interesse histórico. Há apenas três pinturas feitas ao vivo, na vida inteira de Allan Kardec, três clarões iluminando a intimidade do grande renovador, antes que sua biografia se confunda definitivamente no contexto de sua obra: duas cartas de Müller, a datada de 31 de março de 1869, em que registra a visão melancólica do Codificador morto na pequena sala da Passage Sainte-Anne; a outra, de 4 de abril de 1869, em que descreve o cortejo fúnebre ao longo dos bulevares parisienses; o terceiro é esse cartão postal escrito 60 anos depois, fixando o idílio outonal sob a cerejeira.

Não muitas linhas além, encontram-se as observações que motivaram, passados mais 50 anos, os nossos comentários atuais. Inaugurando a obra biográfica de Sausse, Denis volta-se sobre si mesmo e vislumbra meio século de trabalho pela palavra e a pena, na difusão do Espiritismo, bem como o motivo de sua incondicional rendição a esse programa e exclama:

"Ademais, as provas estavam em mim mesmo! Eram como vozes longínquas a me falarem de vidas quase de todo apagadas, a evocação de um passado esquecido. Todo um mundo de lembranças se despertava em mim, com seu cortejo de males, de sangue e de lágrimas."

Na *Revue Spirite* de janeiro de 1923, sob o título de "L'Spiritisme: la Theorie et les Facts", o filósofo faz as seguintes revelações:

"Dos espíritos que me protegem, eu tenho um privilégio terrível, que não desejaria a ninguém, pois pode tornar-se causa de sofrimentos morais, uma amarga fonte de lamentações: trata-se do conhecimento de vidas anteriores. A esse respeito eu recomendo a maior circunspecção dos pesquisadores, pois certos espíritos comprazem-se em abusar do nosso desejo de sondar o misterioso passado. A melhor maneira de controlar é encontrar, em si mesmo, os traços desse passado. Importa verificar se os elementos de nossa personalidade moral – aptidão, gostos, tendências, opiniões, generalidades e defeitos – são concordantes com as indicações recebidas, com as funções ocupadas, trabalhos realizados, acontecimentos sofridos. Ora, no que me concerne, essas concordâncias existem. Por exemplo:

Várias vezes, do Além, e com detalhes dois tipos de homem dominam a série já longa de existências minhas: o monge e o soldado, assim como outras personagens mais antigas. Suas vagas silhuetas estão a meio submersas na sombra dos séculos e, entretanto, seus atos sobrevivem, suas repercussões fazem-se sentir até minha vida atual, sob a forma das enfermidades que sempre pesam e que acabrunham a minha velhice. Aí estão, sobretudo, – dizem –, o resultado dos excessos cometidos no passado longínquo, ao curso das guerras de invasão.

No que toca a esse passado, a dúvida não é possível. Em minha vida atual fui isentado de todo serviço militar, em face a fraqueza de minha vista. Entretanto, em 1870, sentindo que poderia prestar um serviço qualquer, alistei-me como

voluntário. Em quinze dias aprendi o manejo das armas e completei o curso da escola de pelotões, de maneira a servir de instrutor nos quadros do meu batalhão.

No espaço de seis meses tornei-me, sucessivamente, sub-oficial, sub-tenente, lugar-tenente e estaria ainda progredindo em graus, se a paz não se tivesse feito. Ora, meu pai não foi soldado e nada na vida presente havia me preparado para a função de armas.

O beneditino, e talvez também o religioso de São Bernardo, se encontram em mim.

Reúno todos esses ensinamentos idênticos que me foram dados a esse respeito por diferentes médiuns, distanciados milhas uns dos outros, porém, insisto sobre a necessidade de manter uma grande prudência nessas matérias. Todavia, posso constatar no encadeamento de minhas vidas terrenas, o efeito dessa grande lei de justiça e de evolução que rege todo o destino humano.

"*Há uma misteriosa ligação entre o discípulo e o mestre? Reparemos em que meu nome está incrustado no de Allan Kardec que, na realidade, se chamava: Hippolyte* ***Léon Denis****ard Rivail.*"

... Vidas quase de todo apagadas... Um passado quase esquecido... Uma misteriosa ligação...

Eruditos e estudiosos que tiveram acesso aos documentos particulares da Sociedade Espírita de Pais afirmam que os espíritos teriam revelado a Allan Kardec, aquém de sua encarnação como druida, sua vida na Boêmia, sob a personalidade de Jan Huss. Nesse caso encontramos uma valiosa pista para a compreensão dessas "*vidas quase de todo apagadas e dessa misteriosa ligação*" através de Jerônimo de Praga, guia espiritual de Léon Denis e que foi, igualmente, o maior amigo e o mais eminente discípulo de Jan Huss. Principalmente no crepúsculo da vida do escritor, quando Denis preparava seu derradeiro livro, *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, e se preparava, ao mesmo tempo, para abandonar o cenário de suas lutas terrenas, Jerônimo e Kardec parecem volitar

incessantemente em torno do octogenário alquebrado e cego, de tal sorte que a última mensagem espiritual recebida por Denis se torna em um verdadeiro anúncio e, ao mesmo tempo, numa consagração. Parte de Kardec e diz:

> "... Correspondestes às expectativas ocultas da vontade divina e no reino da luz respirais..."

Não o futuro do verbo, mas o presente. E Léon Denis compreendeu essa sutil intenção. Eis a observação de Mlle. Baumard:

> "O mestre tinha o costume de ouvir a leitura das comunicações recebidas no dia posterior ao das sessões. Dessa vez não procedeu assim e foi só depois de seu decesso que essa mensagem assumiu, diante de nós, seus discípulos, sua verdadeira significação..."

A irrupção de Jerônimo de Praga na vida de Léon Denis deu-se no dia de Finados, 2 de novembro de 1882. O escritor, então com 36 anos, encontrava-se em um arrabalde, Mans, reunido a um grupo de operários espíritas. Em sua obra *O Mundo Invisível e a Guerra*, encontramos essa narrativa:

> "De certo nenhum dos outros assistentes conhecia a história do apóstolo tcheco. Eu bem sabia que o discípulo de Jan Huss fora queimado vivo, como o seu mestre, no século XV, por ordem do Concílio de Constança, mas não pensava em nada disso naquele momento. Em pensamento posso ainda ver a humilde estância em que fazíamos a sessão, em número de dez pessoas, em volta de uma mesa de quatro pés. Apenas dois obreiros mecânicos e uma mulher nela apoiavam as mãos rudes e escuras. E eis que o móvel ditou por movimentos solenes e ritmados:
>
> "Deus é bom! Que sobre vós se espalhe a sua bênção, como o benéfico orvalho, pois as consolações celestes não se distribuem senão aos que procuram a justiça. Lutei na arena terrestre, mas desigual era a luta. Sucumbi, porém das minhas cinzas surgiram defensores animosos; marcharam pela

estrada que eu pratiquei. São todos meus filhos muito amados.

Jerônimo de Praga”

... Das minhas cinzas surgiram defensores animosos... Marcharam pela estrada que eu pratiquei... São todos meus filhos muito amados!...

Em uma segunda comunicação, datada de 1º de março de 1883 e arquivada entre os papéis herdados por Mlle. Baumard, o mesmo espírito voltava a dizer:

“Caminha, meu filho, no sendeiro aberto diante de ti; eu caminho atrás para te sustentar.

Jerônimo de Praga”

... O sendeiro *já está aberto... Eu* caminho atrás para te sustentar...

Daqui para frente, Jerônimo de Praga passará a chamar Léon Denis “meu filho”. Denis retribui ao tratamento denominando-o “meu mestre”. Esse colóquio prosseguirá ao longo de 45 anos. Em 1886 Joseph Denis, o pai do escritor, desencarna no momento mesmo em que o filho iniciará uma viagem de conferências, cuja programação, por sinal, fora adrede sugerida pelo próprio Jerônimo de Praga quando, a 11 de outubro de 1885, escrevera:

“Meu filho, é preciso difundir por toda parte a vida e a luz; vai para onde fores chamado, vai para onde o bem precisa ser feito; eu sustentarei teus passos vacilantes, eu te acompanharei nos sendeiros da sabedoria.”

Todavia Léon Denis experimenta dúvidas. Sente-se abatido, Mme. Denis ficará sozinha nesses primeiros momentos de saudade. Na noite de 7 de maio de 1886, hesitante e desconfortado, Denis encontra-se em Rochefort. Jerônimo de Praga apresenta-se por escrita automática e enfaticamente declara:

> “Meu filho, não te perturbes e confia ao tempo o cuidado de aplainar as dificuldades. O grão semeado na dor é mais fecundo e mais produtivo para o semeador. Tua dor será avaliada a justo preço. Não renuncies a nada que, útil ao futuro, te mostrará, claramente, o que deves fazer. E as forças necessárias te serão dadas para que possas completar a tarefa.
>
> *Jerônimo de Praga*”

> “A partir desse dia – escreve Mlle. Baumard – Léon Denis, confiante, entregou-se ao seu bondoso pai espiritual, ao guia generoso que se revelara de modo tão inesperado.”

Essa entrega de Léon Denis à liderança desse “bondoso pai espiritual” se constitui no segundo convite à nossa compreensão.

Quem foi Jerônimo de Praga? Até que ponto sua existência carnal explica o seu trabalho espiritual junto à Terceira Revelação e, particularmente, junto a Léon Denis? Que espécie de relação entreteve com Jan Huss?

A compreensão de Jerônimo de Praga

A vida de Jerônimo de Praga é tão inseparável, em sua primeira metade, da vida do reformador inglês John Wycliffe quanto, em sua segunda metade, na vida do reformador tcheco Jan Huss. Entre João e João traçará sua trajetória histórica, que se inicia em uma classe de Oxford e termina em um punhado de cinzas, que as correntezas do Danúbio arrastam em direção ao mar.

Jerônimo nasceu em Praga, Jan Huss em Hussinetz, Na Boêmia. Conheceram-se na primeira mocidade, mas separaram-se quando Huss se decidiu a entrar para as ordens e Jerônimo seguiu para a Inglaterra, inscrevendo-se em Oxford. Voltaria anos mais tarde, já trazendo a chama que se comunicaria ao outro, e que acenderia as fogueiras na praça pública de Constança.

Jerônimo era inteligente, enérgico, brilhante. Ao chegar à Inglaterra havia menos de dez anos que Wycliffe morrera, em sua cura de Lutterworth, onde, ainda pregando com a mesma

convicção exacerbada, fora fulminado por uma apoplexia. Mas continuava vivo, quase palpável entre os muros de Oxford. A história de suas lutas e seus veementes escritos circulavam intensivamente entre as carteiras da Universidade. Wycliffe não era apenas um homem da Verdade, era também um patriota.

Quando Eduardo II contestara, revoltado, a legitimidade que, a partir de João Sem Terra, a Santa Sé exigia como homenagem feudal aos soberanos ingleses, o herói nacional integrou-se ao teólogo e pregador. O Parlamento já se pronunciara contra esse pagamento. Uma legação fora enviada a Gregório XI, para discutir e regulamentar a questão, e o nome de Wycliffe se encontrava em segundo lugar nessa comissão real. Em Bruges os sete embaixadores reais se reuniram para conferenciar com três comissários de Roma. Os resultados não foram favoráveis às presunções reais e Wycliffe saiu da conferência particularmente informado quanto às manhas, artimanhas e manobras da corte papal.

Em seu retorno passara a exprimir abertamente o seu ponto de vista sobre a igreja e o papa. Wycliffe era uma personalidade comburente e a cada vez que ocupava a cátedra de Oxford, alastrava um incêndio! Gozando do mais alto favor da Universidade, não tinha palpas à língua. Começara por arrasar as ordens mendicantes que tinham alcançado um tremendo domínio sobre o espírito supersticioso das populações.

Jerônimo leu arrebatadamente o famoso livro “O Triálogo”, em que Wycliffe introduz três interlocutores: a Verdade, a Mentira e a Prudência. Uma tremenda denúncia era ali feita.

Para motivar a jurisdição que a igreja se arrogava sobre as consciências, os teólogos invocavam um texto vago das Escrituras, em que era dado aos apóstolos o poder de ligar, desligar ou, em outros termos, de absolver ou condenar, seja gratuitamente, seja em tais ou quais condições que lhes aprouvessem fixar. As indulgências eram plenas ou parciais. As plenas obtinham a remissão de todas as penas temporais. Essas custavam um bom dinheiro, mesmo porque se relacionavam aos melhores lugares e mais próximos, ao lado direito do Trono em que está assentado Deus Padre. Mas, havia indulgências ao

alcance de todas as bolsas. Havia-as de 40 e 100 dias, de 7 e 10 anos. Por exemplo, 40 dias de indulgência, dispensavam exatamente de 40 dias de sofrimento no purgatório. Em suma, só ia para o inferno quem... não tivesse dinheiro. E, por isso, havia casos de pessoas que hipotecavam suas propriedades às ordens religiosas por uma concessão de perpetuidade. E o mais negro era que as ordens aceitavam esse negócio nefando. Wycliffe escrevia:

– Na linguagem do bom senso, isso não passa de um tráfego que supõe tanto a habilidade de uma das partes quanto a credulidade da outra.

Ora, Jerônimo vinha do continente e o continente estava literalmente infestado. As indulgências papais eram vendidas nas bancas das feiras, ao lado das couves e das morcelas.

Wycliffe não perdoara nem o presente nem o passado:

– Consideram-se as vítimas almas danadas, e as fogueiras estão santificadas. A heresia engorda o sangue da igreja e está triunfando!

Inocêncio III concedera indulgências plenas a todos os bandidos da Europa que se tinham dispostos a assassinar os albigenses. Alexandre VI fora o melhor comerciante de que o mundo ocidental ouvira falar e não negligenciara o artigo das indulgências. Inundara o mundo cristão e vendera-as aos próprios judeus. Com essa munição conquistara a Romênia. Quando, para fazer a guerra, Júlio II precisou fazer funcionar o comércio das indulgências, encontrou-o tão desacreditado, que teve que inventar meios novos para lançá-las em circulação. Foram postas em leilão e vendidas em praça pública.

As ordens religiosas tinham sido convocadas a concorrer para a emissão dessa moeda divisa e, na competição estabelecida, os franciscanos estavam levando vantagem sobre os concorrentes. Tinham explorado a Itália sem grande sucesso, a península estava saturada de assinaturas pontificais. A França estava em guerra com a Santa Sé e já fortemente atingida pela incredulidade. Os corretores se espalharam pela Alemanha e estabeleceram seu mercado à porta de Saxe. Em seguida ganharam a Europa Central.

Jerônimo fechou o livro e balançou a cabeça. Era perfeito, era exato. Entregou-se à leitura dos sermões escritos. Eram todos um desabusado ataque à supremacia de Roma, à hierarquia da Igreja, à supressão do clero secular, ao direito que o papa se atribuía de elevar os impostos sobre os povos.

Wycliffe chamava ao papa Anticristo, mau sacerdote, corrupto, ladrão. Roma reagira e o audacioso renovador fora citado a comparecer diante de uma corte eclesiástica reunida na Igreja de S. Paulo, em Londres. Wycliffe se apresentara no dia indicado, acompanhado por João de Gaunt, Duque de Lancastre e de Lord Henry Percy, primeiro Marechal. Uma violenta altercação se levantara imediatamente, transformando-se em tumulto e as partes se separaram sem nada haver resolvido.

Mas, uma bula de Gregório XI, em 1377, ordenara ao Arcebispo de Canterbury e ao bispo de Londres que citassem Wycliffe à sua presença e o interrogassem, mantendo-o sob vigilância. O processo verbal do interrogatório deveria ser mandado a Roma. Outras cartas, com a mesma data, eram remetidas ao rei e à Universidade, requerendo a assistência de ambos no assunto. Antes que as bulas chegassem à Inglaterra, entretanto, Eduardo morrera.

Wycliffe foi citado uma terceira vez. Compareceu e, como no primeiro sínodo, a condenação não fora pronunciada. O povo invadiu a capela do Arcebispado, onde a assembleia se reunira. Em meio a essa multidão, enviado pela rainha-mãe, apresentava-se Sir Lewis Cliffod, com ordens de proibir aos juízes a instrução do processo. Wycliffe foi libertado com o simples compromisso de se abster de pregar suas doutrinas heréticas.

As circunstâncias, porém, estavam a seu favor. Era o momento em que eclodia o grande cisma do Ocidente. Prometera não pregar, pois bem, então escreveria! Imediatamente publicou um tratado: *Do Papa Romano, ou Do Cisma dos Papas*, no qual propunha aos reis da cristandade que se aproveitassem do ensejo que a Providência Divina lhes oferecia para se subtraírem ao jugo de Roma. Esse escrito foi seguido de muitos outros, tanto em latim quanto em inglês, inspirados pelos mesmos sentimentos.

Entretanto, um acontecimento imprevisto voltara-se contra o reformador. A agitação religiosa provocara um contragolpe: uma agitação de ordem política. Os discípulos de Wycliffe, tirando do movimento suas consequências lógicas, sublevaram as populações do campo, excitando-as a quebrar as algemas da servidão feudal. Um predicador fogoso, John Ball e alguns homens audaciosos, entre os quais Wat Tyller e Jacob Strae, deram o sinal de uma insurreição formidável, que levou uma pequena multidão de camponeses a Londres. O Arcebispo de Canterbury, contrário às pretensões das massas, abriu caminho, intempestivamente, em meio ao movimento e foi massacrado pela turba indignada.

Wycliffe não tomara parte nesses movimentos populares que desaprovava, mas, de qualquer modo, fora considerado um dos principais incitadores. Uma reação entre os senhores feudais, que, até então, o tinham apoiado, não se faz esperar.

Indiferente, porém, em sua cátedra de Oxford, Wycliffe dava, nesse mesmo momento, o seu passo mais perigoso: atacava o dogma da transubstanciação.

Conforme a doutrina católica, o pão e o vinho que o padre consome, a hóstia que ele oferece aos fiéis, contêm realmente o corpo e o sangue de Jesus Cristo, sua dupla natureza, humana e divina. De fato, a realidade da substância do pão e do vinho desaparecem e só restam deles as aparências, há uma transubstanciação, isto é, uma mudança de substância. É um dos sete sacramentos da fé católica e um dos seus mais impenetráveis mistérios.

Em catorze proposições, Wycliffe abominava aquela hipocrisia irracional. Um conselho eclesiástico, presidido pelo Chanceler em pessoa, condenou suas proposições por unanimidade e pronunciou contra ele a ordem de prisão e excomunhão. Um outro sínodo foi convocado, desta vez sob a presidência do mais encarniçado inimigo de Wycliffe, Courtney. Das proposições de Wycliffe contra a transubstanciação, dez foram consideradas heréticas e quatro errôneas. As medidas tomadas no sentido de deter a propagação das ditas doutrinas foram as mais rigorosas.

Aos *sheriffs* de todos os condados foram expedidas ordens para que metessem na prisão os pregadores da heresia e aí os mantivessem até que estivessem satisfeitas as exigências da Igreja.

Embora um grande número de seguidores de Wycliffe tivesse sido levado ao calabouço, é surpreendente que nenhuma perseguição tivesse sido levada a efeito contra o autor mesmo das heresias. Supõe-se que a proteção do Duque de Lancastre o tenha livrado.

Em novembro de 1382, com sua independência costumeira, Wycliffe apresentara ao rei e ao Parlamento uma apelação contra a sentença do sínodo. Sua memória justificativa contém uma larga denúncia contra as pessoas da Igreja e do prelado. Reafirmava não crer na presença real de Jesus na eucaristia e reclamava estar sendo perseguido por detestáveis hipócritas, por maus padres, corruptos, infiéis à fé em Deus.

Foi imediatamente citado a comparecer ante o prelado, desta vez em Oxford, para responder por suas opiniões. Lancastre, ao vê-lo atacar abertamente a fé, comumente aceita, e os pontos considerados sagrados do dogma, após ter suplicado a Wycliffe que se retratasse ou que, pelo menos, não desse publicidade a tais sentimentos, retirou publicamente sua proteção.

Wycliffe fora condenado. Abandonara então Oxford, retirando-se para Lutterworth onde permaneceu até sua morte, sobrevinda dois anos depois.

Essa é a herança de independência de espírito e de incondicional amor à verdade que Jerônimo e Jan Huss deveriam herdar e pela qual pagariam com a vida.

Em Oxford, Jerônimo tinha um gentil-homem por colega de estudos, Foulfish. Este regressou à Boêmia antes de Jerônimo e foi o primeiro a falar a Jan Huss, já então notável pelo seu talento e pelo seu saber, sobre Wycliffe e sua obra.

Ao abandonar Oxford, Jerônimo estagiou por diversas universidades europeias, notabilizando-se por sua eloquência e sua cultura. Em Paris sustentou uma polêmica com Gerson, que mais tarde não a esqueceria no Concílio de Constança. Em Viena

Jerônimo foi preso por denúncia da Igreja, como um discípulo de Wycliffe. Libertado a instâncias da Universidade de Praga, regressou a seu país, indo ao encontro de seu antigo amigo Huss, reitor da Universidade e confessor da rainha Sofia, esposa do rei Wenceslau.

Jerônimo rendeu-se à eloquência, ao entusiasmo religioso do amigo de infância. A austeridade de costumes de Jan Huss, aliada ao seu saber, a eminência de suas funções, davam-lhe uma grande influência e uma autoridade que se igualava quase à do poderoso arcebispo de Praga.

Já antes mesmo que se deixasse empolgar pelas ideias de Wycliffe, Huss andara fulminando, em seus sermões, os vícios e a avidez do prelado, o fausto e a tirania do clero, os escândalos, a simonia das vendas de indulgências, a exploração pecuniária dos falsos milagres, acusações essas bem fundamentadas e que, durante toda a Idade Média, foram o tema da predicação de ilustres cristãos.

As discussões e debates com Foulfish e Jerônimo, o estudo dos escritos de Wycliffe, solidificaram suas convicções e ele passou também a atacar publicamente os dogmas tais como eram ensinados pela Igreja Romana.

Enquanto isso, Jerônimo também se punha em ação. Pregava nas praças públicas e perguntava, por exemplo, se havia mais Cristo na hóstia do papa do que na de um simples capelão da campanha. O povo espocava em gargalhadas e a eucaristia se desprestigiava.

Aproveitando-se de seu talento para o desenho, ilustrava suas afirmações nas muralhas e muros das casas. Um dia, enquanto pregava, ilustrou uma parede, num dos pontos centrais da cidade, com duas cenas, uma representando Cristo sobre um burrico, seguido de seus discípulos pobremente vestidos. A outra mostrava um suntuoso cortejo de prelados, com suas suntuosas equipagens, cavalos ajaezados, cobertas doiradas, precedidos de tambores e trombetas. Essa educação pelo método visual ficou famosa, o mural improvisado foi discutido pelo povo da cidade até que o Arcebispo mandou apagá-lo. De outra feita conta-se

que fez um monge espertalhão “perder os seus argumentos de vendas de localidades no céu” dentro de um ribeirão.

Os eruditos são unânimes em reconhecer que, intelectualmente, Jerônimo era superior a Huss. Entretanto, Jerônimo aceita espontaneamente a ascendência do amigo e permanece seu discípulo, nele reconhecendo uma grande superioridade moral.

Huss foi chamado a Roma para se justificar por sua conduta e por sua doutrina. Fortemente sustentado pela corte e pelo povo, resistiu ao Arcebispo de Praga e recusou se apresentar diante do Vaticano. Entretanto protestava da pureza de sua fé e de suas intenções, valendo-se da interpretação particular das Escrituras. E ia mais longe:

Negava a necessidade da confissão auricular, atacava como idolatria o culto às imagens, tanto as das virgens quanto as dos santos. Atacava também a infalibilidade papal. Afirmava ele:

> “A necessidade de um papa e de um colégio de Cardeais para governar a Igreja não está estabelecida nos Evangelhos e não era tão pouco reconhecida nos tempos apostólicos.”

E é preciso notar que, sem admitir a liberdade de consciência, tal como nós a entendemos hoje, mostra, para com a vida humana, um respeito bem estranho àqueles tempos de violência e de fanatismo.

> “Não se tem direito a punir com a morte, nem mesmo aos heréticos!”

São outras palavras suas, belas palavras na boca de quem vai saber morrer tão dignamente por suas convicções, mas que seus juízes lhe reprocharam como a uma blasfêmia e uma impiedade.

Os ataques de Jan Huss aos dogmas ergueram uma tempestade não menos terrível do que aquela que o Espiritismo deveria desencadear 400 anos depois. Como se não bastasse, Jan ampliara o seu tema, castigando a riqueza material que a Igreja avidamente acumulava e convidando-a a voltar à pobreza apostolar. Sobretudo o alto prelado espumou com uma ira desconhecida. Jan Huss foi obrigado a abandonar Praga por

algum tempo, para evitar complicações. Entretanto, como Wycliffe o fizera, não deixou de escrever para defender sua doutrina e propagá-la.

A maioria da nobreza boêmia e o povo estava com ele. Em seu país permaneceria inatacável. Nem as censuras, nem as excomunhões, nem o papa, nem o rei, nem o imperador, podiam com ele. O entusiasmo público o salvaguardava. Em caso de necessidade, cada vila, cada cidade, cada castelo se transformaria em uma fortaleza ao seu redor.

Um senhor feudal da Boêmia, Jean de Chium, disse fervorosamente diante do Concílio de Constança:

> "Eu sozinho, tão mesquinho em comparação com outros, poderei defendê-lo anos inteiros, contra todas as forças dos reis Wenceslau e Sigismundo!"

Era impossível reduzi-lo ao silêncio. Não era apenas a energia de suas convicções, o ardor de seus discípulos, havia mais: a Igreja não possuía, entre a plêiade brilhante de seus doutores, nenhum adversário de gênio igual ao seu, nem de tão impoluto e magnífico caráter. Era, pois urgente destruí-lo!

Era do interesse da Igreja Romana atraí-lo para fora de seu país, levá-lo a entregar-se voluntariamente às mãos de seus inimigos e reconhecê-los como seus juízes. O imperador Sigismundo, que havia contribuído para a instalação do Concílio de Constança, pôs-se a serviço da trama. Convidou Huss, que já fora previamente citado, a comparecer e explicar sua doutrina. Assegurava-lhe, ao mesmo tempo, um salvo-conduto e assegurava-lhe a segurança pessoal.

Apesar dos insistentes pedidos de seus amigos, Jan Huss decidiu-se a enfrentar seu destino.

– Irei contigo, a fim de te sustentar e defender diante dos juízes! – disse-lhe Jerônimo.

Mas Huss não concordou:

– Recorrerei a ti se algum perigo me ameaçar – disse-lhe à guisa de consolação.

Era de manhã cedo, as primeiras luzes do dia bruxuleavam sobre os telhados. Jerônimo apertou bem forte a mão do amigo:

– Sustenta – disse-lhe –, sustenta o que escreveste e pregaste apoiado sobre o Evangelho, contra o orgulho, a avareza e todos os vícios dos membros da Igreja. Se esse trabalho se tornar muito para ti, se eu souber que caíste em qualquer perigo, irei, voarei em tua ajuda.

Huss pôs-se a caminho atravessando a Alemanha, sendo acolhido triunfantemente em cada cidade. Chegou a Constança a 3 de novembro de 1414. Três semanas mais tarde estava preso e atirado à enxovia, com total desprezo pela palavra e a assinatura do imperador e sob ordens dos padres conciliares. A consciência atormentada de Sigismundo foi pacificada à afirmativa de que, moralmente, estava dispensado de guardar sua fé em um homem acusado de heresia. E Jan Huss estava acusado de heresia, não estava?

Uma espécie de maquinação que a história pôs à luz foi iniciada contra o ilustre acusado, sem que lhe fosse permitido comparecer às audiências públicas. Mais do que isso, negavam-lhe um defensor, sob o pretexto de que o direito canônico a ninguém permitia tomar o partido de um herético.

Ao saber da prisão do amigo, Jerônimo partira, mesmo sem salvo conduto. Misturando-se à multidão, ouviu o que se dizia: Jan Huss ia ser condenado à morte. O Concílio não queria nem ao menos ouvi-lo. Jerônimo teve uma reação inesperada. Tomado pelo terror, fugiu de Constança. Todavia, envergonhado desse momento de fraqueza e resolvido a retornar a Constança, escreveu ao imperador rogando-lhe um salvo-conduto.

Mas a resposta do imperador tardava! Jerônimo encontrava-se uma tarde em uma cidade da Floresta Negra quando, cheio de impaciência, levantou-se pública e violentamente contra o Concílio. Foi denunciado e preso. Conduziram-no a Constança e trancafiaram-no na Torre do Cemitério.

João de Wallendrod, Arcebispo de Riga, a quem fora confiado, fez com que o atassem a um poste, carregado de ferros, de tal modo que lhe era impossível assentar-se; sua cabeça permanecia sempre pendida à força de instrumentos e cadeias.

Jerônimo adoeceu seriamente. O Concílio contava com seu sofrimento para obter uma retratação pública e, desgraçadamente, não se enganava.

Jerônimo se retratou e subscreveu, publicamente, a condenação dos escritos dos dois Joãos, João Wycliffe e João Huss. Em seguida jurou viver e morrer na profissão de fé católica.

Enquanto isso os esforços dos inimigos triunfavam igualmente junto a Jan Huss. Encadeado dia e noite por sete meses, na Fortaleza de Gotleben, sobre o Reno, Huss compareceu diante do Concílio, a instâncias do imperador, que exigia fosse ouvido. Era um homem esgotado, alquebrado, porém calmo e indômito. Foram-lhe apresentadas certas proposições extraídas mais ou menos fielmente de seus escritos e exigiam-lhe retratação. Mas, ainda temia-se de tal forma o ardor de sua palavra que, cuidadosamente, cobriam com clamores as explicações que ensaiava dar.

Convidado a retratar-se dos erros cometidos em seus artigos, todos eles interpretados com evidente má fé, recusou corajosamente, malgrado a ameaça do suplício, apelando para Deus contra a injustiça dos homens.

Suas obras foram condenadas ao fogo, ele mesmo declarado herético, degradado do sacerdócio e entregue ao braço secular. Foi condenado à morte na fogueira.

Alguns dias mais tarde, a 6 de julho de 1415, foi queimado vivo e suas cinzas atiradas ao Reno. Seu suplício teve lugar com grande aparato.

> "Tomo Deus por testemunha – disse ele enquanto as chamas cresciam – de que jamais ensinei ou escrevi isso de que me acusam os falsos testemunhos. Meus discursos, meus livros, meus escritos, tudo fiz no único pensamento, com o único objetivo de libertar as almas à tirania do erro. Eis por que, cheio de alegria, assinarei hoje, com meu sangue, essa verdade que ensinei, que escrevi, que publiquei e que é confirmada pela lei divina."

Correu o olhar pela multidão silenciosa e sorriu bondosamente:

> "O ganso – prosseguiu, fazendo alusão ao seu nome, Huss, que quer dizer ganso em boêmio – é um pássaro modesto e que não voa muito alto. Mas virão as aves do alto céu e essas voam muito além das armadilhas dos inimigos..."

À distância, Jerônimo via a coluna de fumo negro que se desfazia carregada pelas límpidas brisas da atmosfera montanhesa. Depois, pelo movimento da multidão, percebeu que as cinzas do mártir eram levadas e atiradas à correnteza do rio. Então deixou-se cair petrificado de dor sobre a enxerga da prisão.

O Concílio, para seu maior triunfo, dera-lhe tempo, mas apenas para que se arrependesse. Tal era o parecer dos Cardeais de Cambrai, de Ursins, da Aquileia e de Florença. Novas acusações já chegavam de Praga.

Os monges desejavam acender para Jerônimo a fogueira de Jan Huss e pretendiam que era necessário revisar o processo.

Na prisão, insone, avassalado pelo desespero, Jerônimo lamentava-se por sua retratação, por sua covardia. Mas impôs silêncio aos seus remorsos tomando a resolução de defender a verdade, audaz e ferozmente, até ao derradeiro instante. Sua oportunidade não se fez esperar.

Levado outra vez diante do Concílio e chamado a responder aos chefes da acusação, reunidos contra ele em número de 107, Jerônimo rejubilou. Suas respostas deveriam ser simplesmente sim ou não, pois contava-se com sua suprema humilhação e o lamentável estado a que se reduzira. Ele ignorou essa condição. Voltou-se soberbo para seus acusadores e, por sua vez, julgou-os, dizendo:

– Mantivestes-me trancado na podridão, com necessidade extrema do mínimo a manter-me a vida. Pela derrota dos corpos pensais destruir as ideias. Envergonhais a vida e dignificais a morte. Meu brado endereço-o a Deus e à História: vós sois os réus.

Em seguida defendeu suas ideias, às quais somavam-se as de Wycliffe e Huss, com um calor e uma eloquência que perturbaram e emudeceram muitas vezes os membros do Concílio. Tomado, ele mesmo de emoção, e voltado inteiramente para a memória de seu amigo e mestre, Jan Huss, ousou dizer àqueles mesmos que o atiraram às chamas:

– Conheci-o desde a infância e nunca o vi praticar um único mal. Era um excelente homem, um justo, um santo. E foi condenado, apesar de sua inocência. Como Elias, Jan Huss subiu aos céus em meio às chamas e de lá clamará seus juízes ao irredutível tribunal de Cristo. Eu também estou prestes a morrer. Mas não tornarei a recuar diante dos suplícios que para mim preparais, nem me vergarei ante as testemunhas impostoras que um dia prestarão contas de suas mentiras diante do Grande Deus a quem ninguém engana.

E, para que não restasse nenhuma dúvida da dor e do arrependimento por sua retratação, acrescentou em seguida:

– De todos os pecados que cometi desde a minha infância, nenhum me pesa mais e nem me causa mais pungentes remorsos do que aquele que cometi neste mesmo lugar fatal, quando aprovei a sentença iníqua contra Wycliffe e contra o santo mártir Jan Huss, meu mestre e meu amigo. Sim, eu o confesso de coração e de lábios, digo-o com horror: eu vergonhosamente falhei por temor à morte, em condenando uma doutrina de verdade que o mundo reconhecerá. Suplico, pois, conjuro a Deus todo poderoso, que se digne perdoar os meus pecados e o mais grave de todos, valendo-me dessa promessa que por ele foi feita: "Eu não desejo a morte do pecador, mas que se converta e que viva..."

A sentença foi decisiva, motivada por sua retratação e sua aprovação às doutrinas de Wycliffe e Jan Huss. Em consequência, condenado por relapso e herético, foi entregue ao braço secular e conduzido ao local do suplício. Durante os preparativos para o momento supremo, orou e cantou tranquilamente o hino: *Salve, festa dies*. Vendo que uma velha trôpega trazia um feixe de lenha para aumentar sua fogueira,

sorriu compreensivamente e pronunciou as palavras que passaram à história:

"*Sancta simplicitas!*"

O carrasco escondia-se para atear as labaredas e ele se lhe dirigiu:

– Não te ocultes. Avança e acende o fogo à minha vista. Se eu temesse não estaria aqui.

Como as cinzas de Jan Huss, as suas foram atiradas às águas do Reno. Em 1428, quarenta e quatro anos à morte de Wycliffe, em virtude mesmo de uma condenação do Concílio de Constança, o papa enviava ao bispo de Linsoln ordem para que desenterrassem os seus despojos, levassem-nos à fogueira e atirassem suas cinzas ao rio do local, ordem essa que foi rigorosamente executada.

Assim, especado entre duas das consciências mais livres que a história das religiões já viu, surge aquele a quem Léon Denis dedica sua obra *Cristianismo e Espiritismo*, com estas expressivas palavras:

> "Ao espírito de Jerônimo, meu mestre venerado, dedico este livro."

O destino desses três homens intimoratos e altivos, entregues até à morte ao serviço da emancipação moral da humanidade, pode ser reconhecido como um alicerce espiritual sustentando a construção de Allan Kardec e o trabalho de seus continuadores, para que o Espiritismo se constituísse em alfândega espiritual onde o homem, emigrante de obscuras idades, deixasse o contrabando de suas viciações e ignorância, para entrar em novo país para dignificantes trabalhos de um abençoado triunvirato, a Ciência, a Filosofia, a Religião?

Julgamos, assim, que o quadro se completa: Allan Kardec seria Jan Huss reencarnado; Léon Denis seria John Wycliffe reencarnado. É o que o panorama deste estudo faz desdobrar-se.

A compreensão da Tours de Léon Denis

Léon Denis desencarnou a 12 de abril de 1927.

"*La Dépêche*", de Tours, a 16 do mesmo mês, abria suas colunas para o necrológio do escritor, estampando as seguintes linhas:

> "Eis que de novo as letras francesas estão de luto. Nosso compatriota, Léon Denis, escritor espiritualista bem conhecido, acaba de falecer a 12 de abril passado, depois de curta moléstia. Nascido em Foug, burgo Loreno nos arredores de Toul, a 1º de janeiro de 1846, era ainda uma criança quando as circunstâncias fizeram com que sua família fosse residir em Saint-Pierre-des Corps e, imediatamente em seguida, em Tours. Sua carreira literária se desenrolou, pois, nesta cidade. Depois de uma adolescência bastante áspera, dividida entre trabalhos penosos e intensos estudos, a vida de Léon Denis, a partir de 1870, é uma ascensão lenta, porém contínua para o sucesso."

Em documentos ainda inéditos em português, encontramos, por outro lado, esta confissão pessoal de Léon Denis:

> "Nasci na classe dos operários e conheço suas lutas e privações. Meu pai era lapidador de granito, depois se tornou empreiteiro, mas o trabalho faltava muitas vezes e teve que mudar de profissão. Eu mesmo, depois de ter recebido uma instrução sumaríssima, me iniciei como pequeno empregado do comércio e o labor manual não me é estranho. Aos doze anos eu já descolava *fians* [2] de cobre na Casa da Moeda de Bordeaux, e meus dedos de criança, sob o atrito do metal frequentemente se tingiam de sangue. Aos dezesseis anos, numa fabricação de faianças de Tours, eu carregava nas costas os cestos, nos dias em que se desenfornava. Aos vinte anos, em uma manufatura de couro, eu carregava os fardos de peles, quando havia pressa, eu manejava a "margarida", pesado utensílio de madeira que serve para amaciar o couro. Obrigado a ganhar meu pão durante o dia, para mim e meus pais, consagrava as noites ao estudo, a fim de completar minha pequena bagagem de conhecimentos, e desse tempo começou o enfraquecimento prematuro de minha vista."

Voltando-nos para o necrológio de "*La Dépêche*", ocorre-nos que, em 1870, o jovem Denis contava 24 anos. Mas aos 20 ainda carregava couros na manufatura e fazia girar a "margarida". Ora, que espécie de cidade era Tours e que papel desempenhou na formação intelectual desse por cuja perda "as letras francesas estão de luto"? Qual era a atmosfera em que o operariozinho pôde, sempre como autodidata, se transformar no espírito cultivado, sensível às artes tanto quanto às letras, à religião, às ciências e à filosofia, que vamos encontrar ao longo de suas obras: Léon Denis amava os clássicos e costumava assistir aos concertos, era familiar à ópera e podia mesmo executar árias ao piano, sendo suas prediletas a *Si j'etais roi*, *Mignon*, *Carmen*, *os Dragons de Villars*.

Seu quarto de dormir guardava um *petit-bronze* reproduzindo a Jeanne d'Arc de Mercier, cópias de Ingres e Barras. Sua sala de jantar, onde trabalhava nos meses de verão, era mobiliada por "um armário Renascença, do mais puro estilo", onde esplendiam "belos vasos da China".

Qual era, ao tempo de Léon Denis, a fisionomia cultural, artística e religiosa dessa Tours onde permaneceria até morrer? Que valores ofereceu à formação do jovem que tão expressivas pegadas deixou na trilha do progresso espiritual da humanidade?

*** * ***

Com o nome de Caesarodunum, Tours já é mencionada no roteiro das "Guerras contra os gauleses", a célebre obra de César. Tours encontra-se a 235 quilômetros de Paris, por estrada de ferro, e já era por essa via que Léon Denis se movia, em 1870, em suas viagens ao longo do Departamento, ou se dirigindo a Paris para as famosas conferências pronunciadas no palácio da Duquesa de Pomar. Também por ali se dirigiu a Paris pela derradeira vez, para o Congresso Espírita Internacional de 1925.

Tours fica à margem esquerda do Loire, no vale onde se encontram os mais belos e mais famosos castelos do mundo. Ao tempo de Denis a cidade continha uma população de 38.511 almas. Em 1865 todo o Departamento abrigava 43.368 habitantes. Era sede de um dos grandes comandos militares, o

Indre-et-Loire onde, em 1871 o Sr. Léon Denis era lugar-tenente da 3ª Companhia. Em 1815, depois da derrota de Waterloo, os exércitos ali se reorganizaram para o definitivo licenciamento da grande armada francesa.

Era também sede do Arcebispado, o que explica o estabelecimento comercial mais importante da cidade, a impressora e livraria Mame, fundada no começo do século e que fazia imensos negócios, inundando a França e mesmo o estrangeiro com publicações e revistas de espírito clerical, todas munidas da devida aprovação do Senhor Arcebispo.

Esta conotação, aparentemente singela, talvez possa explicar o episódio mencionado pelo próprio Denis, em seu prefácio à Biografia de Kardec, de Henri Sausse: Em 1867 Allan Kardec pronunciara conferências em Bordeaux, Orleans e Tours. Os espíritas haviam alugado uma sala para recebê-lo, mas uma denúncia feita à Polícia Imperial fez com que a sala fosse interditada. Em resultado disso, Tours passou à história do Espiritismo como a cidade em que o mestre Allan Kardec pronunciou sua única conferência à luz das estrelas.

> "Éramos bem 300 pessoas de pé, apertadas, pisando as platibandas..."

Kardec falava sobre o fenômeno das obsessões...

A cidade possuía corte, tribunal de 1ª Instância e de Comércio, Escola Preparatória de Medicina e Farmácia, liceu, Sociedades de Agricultura, Ciências, Artes, Letras, Arqueologia e de Medicina.

A biblioteca ficava instalada na Prefeitura, um edifício em estilo do século XVII, construído entre 1777 e 1786, e continha um extraordinário baixo-relevo, no primeiro andar, representando os rios Loire e Cher. Talvez aqui Léon Denis tenha, ao longo dos anos, enfraquecido seus olhos, pois as prateleiras são atrativas e oferecem grandes novidades ao jovem dotado de curiosidade e viva inteligência. Recentemente o Sr. Salon, arquivista da cidade, enriquecera-a com um legado de 25.000 obras, entre as quais edições raríssimas, manuscritos relativos à história da cidade, eclesiástica e artística da Touraine

e que veio somar-se aos 50.000 volumes já existentes. Todo esse material é de extremo interesse para o jovem Denis, e ele pôde examinar um *Evangelho* em velino, com letras onciais de ouro, do século XIII, sobre o qual juraram os reis de França e os cônegos honorários de Saint Martin; as *Horas* de Carlos V, em velino ornado de belas iluminuras; as *Horas* de Ana da Bretanha; o *Formulário* do Papa Benedito XII; uma *Bíblia* de Mayence, de 1462; *A Cidade de Deus*, de Santo Agostinho, datada de 1475.

Saindo da Biblioteca para o Museu, o rapaz passaria pela estátua de Descartes, recém-inaugurada, trabalho do escultor Nieuwerkerke, ao pé da qual está escrito: *Cogito*, *Ergo Sun*. Neste Museu Denis vai travar seus primeiros contatos com a Arte, que ele tanto amaria. O acervo de Tours reúne mais de 300 peças preciosíssimas. Três telas de Boucher: "Apolônio visitando Latônio", "Sílvia fugindo ao lobo", "Aminta e Sílvia"; "Os músicos árabes", de Delacroix; "O juramento de Amor", de Fragonard; "Perseu segurando a cabeça de Medusa", de Natier. "Retrato de Homens", de Jean Holbein; "Cabeça de mulher representando a Joconda", de Leonardo da Vinci; "Judite entrando na tenda de Holofernes", de Tintoreto; um retrato, de Ticiano; um mármore de Veronesa: "A Morte de Santa Úrsula".

A rua Royale é a principal artéria de Tours e, no ocaso de seus dias, Léon Denis, já em adiantado estado de cegueira, terá receio de seu tráfego que, em 1927, já não é mais de caleches e landós. Mlle. Baumard o acompanhará quando ele tiver que se dirigir aos seus editores, a casa Arrault, um estabelecimento menor do que o Mame, porém independente. Essa rua Royale, de intenso trânsito, divide Tours em duas partes iguais. Na parte que se estende à direita encontram-se a Prefeitura, a Catedral, o Arcebispado, a Torre de Guise e o Museu. Na parte que se estende à esquerda estão o Palácio da Justiça, a Torre de Carlos Magno, a Torre do Relógio, o Hospital Geral.

Para que bem víssemos sua cidade, Léon Denis nos levaria a dois pontos. Às torres da Catedral ou ao meio da ponte, que une as duas margens do Loire.

A Catedral, datada de 1170. Seu coro, o transepto, as quinze capelas e parte da nave, foram construídos na primeira metade

do século XIII. As duas torres, onde os sinos anunciaram o Armistício no dia em que Mlle. Baumard entrou para o serviço de Léon Denis, já se elevavam a 30 metros do solo em 1426, porém só foram terminadas, uma em 1507 e a outra em 1547. A mais alta, ao norte, tem 70 metros de altura, a do sul 69 metros. No interior da Catedral guardam-se os túmulos dos dois filhos de Carlos XIII e de Ana da Bretanha.

Ana da Bretanha já é por nós citada pela segunda vez ao longo deste trabalho. Sua lembrança impregna toda a Tours histórica e, à margem do Espiritismo, há, a seu respeito, uma pequena anotação a ser feita aqui: um dos avós de Allan Kardec, Aymard Rivail, nasceu em Saint-Marcelin, Isera, por volta de 1490. Era um jurisconsulto consagrado e um diplomata sutil. O rei Francisco I encarregou-o de várias missões na Itália, entretanto Ana da Bretanha apreciava ainda mais suas qualidades pedagógicas, sua vasta cultura e seu espírito metódico, motivo pelo qual rogou-lhe que fosse preceptor de sua filha Renée. Mas o encargo não foi aceito e Aymard Rivail consagrou-se à vida militar e política.

O segundo ponto ao qual Denis nos levaria seria a ponte. Possui 434 metros de comprimento e 15 de largura e se divide em 15 arcos. Foi iniciada em 1765 e terminada em 1777 sob a administração de Choiseul, sobre desenhos de Baveux. Vista dali, Tours se revela sob os seus mais belos aspectos. Percebe-se, com efeito, seus principais monumentos erguendo-se acima da massa compacta das casas.

Na extremidade da rua Royale começa a avenida Gramont, que vai morrer na estrada para Bordeaux, prolongando-se em linha reta até as costas cobertas de bosques, da margem esquerda do Cher.

À direita e à esquerda, estendem-se os cais plantados de árvores. Durante os seus primeiros dezessete anos passados em Tours, a família Denis ocupou um pequeno apartamento abrindo para uma bonita praça, Prébendes-d'Oé, "sempre verdejante, graças a uma feliz combinação de árvores resinosas. O logradouro é enfeitado por um grande tanque, no qual os cisnes flutuam majestosos, respondendo aos chamados das crianças que

lhes atiram pão". Nesse apartamento Léon Denis escreveu suas primeiras obras. Foi durante a guerra que o filósofo transferiu residência para "o primeiro andar da grande casa branca, em forma de quadrilátero, cuja fachada bordeja o cais do Loire". É o número 19 da Praça das Artes, de onde o féretro de Léon Denis saiu para o Cemitério da La Salle.

Conforme Mlle. Baumard nos conta, das janelas dessa casa goza-se de um panorama belíssimo, a contra-vista da ponte. Os quadros ribeirinhos são encantadores em todas as estações do ano e pode-se ver, até bem longe, encostada ao rochedo, entre jardins, Saint-Cyr-sur-Loire, onde residiu Mlle. Baumard e sua família.

Não é difícil imaginar-se o prazer de Léon Denis ainda jovem, um amante da natureza e um andarilho por vocação, ao contato com esse vale rico e mutável, as aventuras de sua mocidade entre castelos e ruínas lendários. O Loire é semeado de ilhas cobertas de pequenos bosques que contrastam agradavelmente com seu leito arenoso. Rio acima, encontra-se a Ilha Aucard, o Entreponto, o bairro de Saint-Symphorien. Rio abaixo a Ilha Simon.

Nos dias feriados, como todos os habitantes da cidade, em plena *belle époque*, a família Denis certamente passeava no Mail, velha praça de guerra plantada de plátanos, com dois quilômetros de comprimento, na Avenida do Campo de Marte, ou saía em visita aos velhos monumentos.

Entre essas velhas relíquias do passado, a mais importante e rica de lembranças talvez seja a Igreja de Saint Martin e sua *collegiale*. O túmulo de Saint Martin deu a essa basílica, no correr dos séculos, um grande prestígio. Por causa dele reis, príncipes, senhores feudais, patriarcas, bispos, abades, o povo, acorria a Tours em multidões. Oito vezes destruída pelo fogo, de 469 a 1203, foi oito vezes reconstruída pelos fiéis. Ao tempo de Léon Denis, apenas duas torres, conhecidas por Torre de Carlos Magno e Torre do Relógio, separadas pela rua Saint Martin, é o que resta do magnífico monumento.

Mas sua história certamente dava o que pensar ao jovem estudioso das religiões. Em sua origem Saint Martin constituía

uma abadia poderosa, gozando de numerosos privilégios. Duzentos monges serviam-na, revezando-se de hora em hora em número de 20, para cantar o ofício que, dessa maneira, não sofria interrupções. Sua influência e seu crédito, sua riqueza cresceram com uma rapidez que, mesmo nessa época de fé, tendia para o milagre. Em certo momento contavam-se 20 igrejas sob sua dependência. Essa prosperidade crescente, esses privilégios, colocavam os monges de Saint Martin ao abrigo de toda censura e não tardou que se reproduzissem, na abadia, os escândalos dos conventos medievais, os hábitos de luxúria e o relaxamento dos costumes. Então Carlos, o Calvo, fixou em 200 o número de seus monges, até aí ilimitado. Esse número desceu para 150 e em 1237 eram 50 apenas. Mas, se o número de monges decrescia, o mesmo não se dava com o tesouro do túmulo de Saint Martin, que todos os reis de França enriqueceram até o século XV, quando as coisas se modificaram.

Francisco I arrancou e mandou à fundição uma grade de prata dada por Luiz XI, para cobrir os gastos da guerra da Itália. As guerras religiosas fizeram a ruína desse tesouro; as pérolas, os diamantes, todas as preciosidades tiradas ao tesouro de Saint Martin para a armada de Condé, em 1561, produziram 1092 marcos de prata e 113 marcos de ouro.

Também as marcas da Revolução Francesa estão ainda frescas na Tours de Léon Denis. A Igreja Abacial de Saint Julien, fundada por Clóvis em 509, foi vendida e transformada para fins industriais. A Igreja de Notre-Dame-la-Riche, que antigamente fora chamada Notre-Dame-La-Pauvre, é agora mercado de trigo, apesar de suas belas esculturas no portal norte e de sua tribuna renascentista. E a Igreja dos Jacobinos, construída no século XIII, hoje está transformada em loja de forragem.

Conhecendo a cidade com Léon Denis, poderemos visitar alguns edifícios civis notáveis por sua beleza ou por sua história. Por exemplo, a casa de Tristan l'Hermite, curiosa construção em ladrilho e pedra, com torreão. Aos cantos das janelas do segundo andar lê-se esta inscrição: *Assez aurons et peu vivrons* (Bastante teremos e pouco viveremos) e esta outra frequentemente repetida

em outros lugares: *Priez Dieu pour moi* (Rogai a Deus por mim). Tristan foi o terrível preboste de Luiz XI. Figuras de arqueiros, esculpidas, enfeitam a escada construída e aplicada em uma dupla muralha concêntrica, guarnecida de pequenas aberturas que iluminam os degraus.

Uma grossa torre redonda, dos séculos XII ou XIII, é o que resta do castelo de Tours. É conhecida pelo nome de Torre de Guise, pois que serviu de prisão ao Duque de Joinville, filho de Henri de Guise, de Balafré depois do assassinato de Blois. Hoje se eleva em meio à caserna da cavalaria.

Há uma colossal fonte na Praça do Mercado Grande, esculpida por Michel Colomb "*tailleur d'images du roi*", e que o povo da cidade gosta de exibir porque Colomb era natural da cidade. O trabalho, concluído em 1510, compõe-se de uma pirâmide de mármore de Carrara, com 5 metros de altura e uma bacia de pedra negra de Volviv, medindo 4 metros de diâmetro e 80 centímetros de altura. Nela veem-se as armas de Jacques de Baume, que mandou erigi-la, as de Luiz XII, de Ana da Bretanha e da cidade.

O palácio Guion, incendiado em 1440, acaba de ser restaurado. Quando Léon Denis residia com seus pais na praça de Prébendes d'Oé, da janela de seu quarto... "descobria-se uma pequena fachada enriquecida de esculturas, fazendo parte de um magnífico palácio construído entre os séculos XV e XVI, chamado, antigamente, Palácio Gardette, e cuja designação moderna, Palácio Guion, é tomada ao nome dos proprietários que o restauraram".

Há ainda o Museu de História Natural e de Antiguidades, com belas coleções de minerais e relíquias célticas, galo-romanas e da Idade Média. Foi criado em 1843 e nele Léon Denis vai recolher parte de sua inspiração para a feitura de sua derradeira obra, *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*.

O progresso de Tours, por volta de 1865, corre por conta de suas fábricas de tecidos de seda para móveis, brocados, *gros de Tours*, passamanarias, fitas, sarjas, amido, curtumes, etc.. Faz-se um considerável comércio de sedas, vinhos, grãos, perfumes, frutos secos. Suas passas são de reputação europeia e suas

conservas muito apreciadas. Assinala-se também a manufatura de vitrais do Sr. Leopoldo Lobin, a manufatura de tapetes Roze, a fábrica de esmaltes de Avisseau.

Léon Denis não é um cidadão omisso ao progresso da cidade que adotou. *La Dépêche*, no necrológio já referido, informa:

> "Foi a serviço da escola laica que ele ofereceu, em primeiro lugar, seus dons excepcionais de homem de ação e de pensamento. Em 1880 ele se tornou, junto ao senador Belle, a alma do Círculo Turanês da Liga do Ensino. Com Jean Macé ele fundou os primeiros círculos de bibliotecas populares do Departamento."

Eis como o próprio Denis comenta esse fato:

> "Depois da guerra de 1870, compreendi que era preciso trabalhar com ardor pela educação do povo. Com esse fim, reunindo-me a outros cidadãos devotados, fundamos em nossa região a Liga do Ensino, da qual foi o secretário geral, e que criava bibliotecas populares, promovia, por toda parte, uma série de conferências."

Mas é óbvio que um trabalho realizado em prol da escola laica haveria de ser extremamente antipático à Igreja Católica, sobretudo partindo de um espírita reconhecido. É assim que, em 1927, poucos meses após o desencarne do autor, um jornal turanês, *Les Nouvelles du Centre*, folha clerical, informava aos seus leitores que as obras de Denis eram reprováveis. O Sr. Lucien Roure, censor muito conhecido na época, autor desses *Études*, aproveitando-se do silêncio do grande doutrinador, escrevia que "a religião espírita, que Léon Denis propõe, é a doutrina voltairiana burguesa de 1850, renovada pela Liga do Ensino."

E quanto ao Espiritismo em Tours, de que informes dispomos?

A primeira anotação a respeito nos vem do próprio Kardec, pela *Revista Espírita* do mês de fevereiro de 1863. Kardec estampa o discurso pronunciado a 12 de novembro de 1862, isto é, sete anos após o aparecimento de *O Livro dos Espíritos*, pelo

doutor em medicina Chavet, na sessão de instalação do Círculo de Tours. Esse discurso contém uma passagem bastante explicativa:

> "Senhores, quando, há dois anos, constatávamos, com um dos nossos secretários, em casa de um amigo comum, os fenômenos de ordem mecânica intelectual mais admiráveis, a despeito de nossa convicção profunda de que essas manifestações extraordinárias se passavam fora das leis naturais conhecidas, apenas ousávamos expor, timidamente, os nossos conhecimentos íntimos, tanto era o receio que pusessem em dúvida a integridade de nossa razão. *O Livro dos Espíritos* era então pouco conhecido em Tours e ainda estava na primeira ou segunda edição. Naquela época (1860), numa palavra, quase não havia transposto os limites da capital."

Cinco anos mais tarde, como já vimos, em 1867, dirigindo-se pela primeira vez ao público de Tours, Allan Kardec viveu o episódio que rememoramos.

Mas, a pedra de toque do desenvolvimento do Espiritismo em Tours reside no fato de que, em 1925, por ocasião do Congresso Espírita Internacional de Paris, Léon Denis pôde apresentar um substancioso "Relatório da História do Espiritismo em Tours".

A compreensão de *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*

Como o livro de Mlle. Baumard o expressa, e já mencionamos neste estudo, *O Gênio Céltico* não contém, a rigor, as últimas páginas escritas por Léon Denis, já que estas se encontram no pequeno prefácio ao livro biográfico do escritor Henri Sausse, sobre Kardec. Mas foi com os originais de *O Gênio Céltico* debaixo do braço, que ele sairia mesmo cego, pela última vez. Ocasionalmente era o aniversário espiritual de Kardec, 31 de março, a bem dizer o 58º aniversário, e o fato não devia estar ausente no espírito do escritor que, tantas vezes, em anos anteriores, discursara nessa data ante o dólmen do Codificador, no Cemitério do Pére Lachaise, em Paris.

Eis como Mlle. Baumard menciona o fato, aludindo, igualmente, à sua anotação do derradeiro ditado:

> "Tivemos uma sessão na véspera do dia em que Léon Denis saiu de casa pela última vez. Contrariamente ao hábito, ele tinha convidados. Quando cheguei, o mestre entretinha-se com eles e demonstrava uma grande animação. Aguardando alguns retardatários, ditou-me uma página para o trabalho em curso: o prefácio para uma nova edição da biografia de Allan Kardec. (...) Esta foi a última vez (30 de março) que escrevi sob o seu ditado..."

Entretanto é preciso esclarecer – o que nos parece muito sugestivo – que esse pequeno prefácio e *O Gênio Céltico* não eram, em programação de ordem espiritual, os últimos trabalhos do autor. Havia, em expectativa, uma terceira obra que – meditemos bem! – sujeita aos cálculos de probabilidade, não chegou a ser escrita. A revelação é feita por esta pequena narrativa de Mlle. Baumard:

> "Em certa noite do mês de janeiro de 1927, Jerônimo de Praga dissera imperiosamente àquele a quem chamava "seu filho":
>
> – É preciso que publiques... teus dois livros neste ano...!"

Léon Denis argumentara! Como poderia publicar dois livros em um ano?! Era muito! Entretanto, no dia seguinte, confidenciara com sua devotada secretária:

> – Viste como Jerônimo me apressa? Isso prova que não mais estarei aqui no próximo ano!

Em sua obra Mlle. Baumard por sua vez confidencia:

> "Jerônimo de Praga fazia alusão ao livro que Léon Denis intentava imprimir, "Socialismo e Espiritismo".

Abortara então um plano inicial? Sim, sem dúvida. E mais do que isso: mesmo *O Gênio Céltico*, livro que coroa a obra do autor, correu sério risco de ficar inacabada. Allan Kardec pressentia esse risco e veio, em pessoa, em socorro do autor. Em verdade, Allan Kardec (...) escreveu a parte final de *O Gênio*

Céltico. Eis o depoimento pessoal embora não proposital de Mlle. Baumard:

> "Durante os anos de 1926 - 1927 Denis manteve constantes contatos com o invisível. O interesse de Allan Kardec para com a obra em elaboração era *intenso*; apresentava-se a cada quinze dias e (...) se encarregou, por ditado mediúnico, da parte final do livro..."

Kardec pressentia que o tempo do escritor rapidamente se esgotava. Denis recalcitrou ante Mlle. Baumard, alarmada com sua moléstia em estado inicial. Não autorizou que chamasse o médico. Uma certa data, marcada em enigmático calendário, não marcaria o mês de abril de 1927?

O que se encontra por detrás desse ingênuo comentário de Mlle. Baumard?

> "Solidários, os amigos do apóstolo perceberam que a vinda da morte, que ele denominava *a sua libertadora* e que aguardava sem temor, causava-lhe uma decepção. Essa decepção lia-se-lhe nos olhos. Ele nutria mais de um projeto (...) por outro lado deixava seu querido *O Gênio Céltico*, a última concepção de seu pensamento, terminado, é certo, mas sem forma tangível, sem vestes, por assim dizer. O trabalhador não terminara a tarefa que ele mesmo se impusera."

E essa "última concepção", *O Gênio Céltico* – praticamente desconhecido no Brasil – que Allan Kardec pressurosamente vem terminar por ditado mediúnico?

Em realidade, o tema do druidismo e do gênio céltico estão propostos por Kardec ainda encarnado e se encontram no número de *Revista Espírita* de março de 1858: "O Espiritismo entre os Druidas".

Ou se encontra, em gérmen, na mensagem que, um ano antes, em certa noite de 1857, Zéfiro, espírito guia, apresenta-se para uma comunicação inteiramente pessoal. "Conhecemo-nos quando vivemos ambos nas Gálias, entre os druidas. Chamavas-te Allan Kardec".

Quanto a mais foi dito? Como medir a força de arrastão desse ditado aparentemente singelo e que tem escapado aos biógrafos do Professor Rivail? André Moreil, o segundo e mais recente estudioso da personalidade e da obra de Kardec, escreve o seguinte:

> "A partir desse momento não há mais Denizard Rivail. A missão recebida, o título de chefe doutrinário de uma ciência ditada pelos Espíritos, obriga-o a renascer como Allan Kardec. O nome parece carregado de um valor quase esotérico. Allan Kardec renderá homenagem a essa existência anterior escrevendo, um ano depois, um artigo sobre o Espiritismo entre os druidas."

E, à face dos séculos, os despojos mortais do Professor Rivail estarão, no mais famoso cemitério do mundo, abrigados sob um dólmen druida.

Em seu artigo, Kardec nos diz que a doutrina druídica "leva-se, sob certos aspectos, às mais sublimes verdades". Comenta uma série de artigos escritos por Edouard Fournier, *Le vieux neuf*, publicados no "Siècle" em "época em que não se cogitava de Espíritos" e afirma que "tudo quanto se passa hoje é mera repetição daquilo que os antigos sabiam tão bem ou melhor do que nós".

Essa verificação é auspiciosa porque prova, mais uma vez, a antiguidade e a universalidade da doutrina dos Espíritos. Entretanto Kardec acrescenta: "Faremos notar, porém, que, se encontramos por toda parte os traços da doutrina espírita, em parte nenhuma a temos completa. Parece ter sido reservada à nossa época a tarefa de coordenar esses fragmentos esparsos entre todos os povos, a fim de chegarmos à unidade de princípios, através de um conjunto mais completo e, sobretudo, mais geral de manifestações que, parece, dão razão ao autor do artigo citado, sobre o período psicológico no qual, aparentemente, está entrando a humanidade".

Em razão disso, tanto Kardec quanto Denis terão muito a dizer sobre o druidismo e, sobretudo, as Tríades Bárdicas. Mas a

acumulação dos conhecimentos humanos, a investigação e a pesquisa, o que nos podem dizer sobre esse assunto?

*** * ***

Não apenas César, em seus *Comentários*, porém Lucano, Horácio e Floro, entre os autores antigos, tratam da raça gaulesa. Clemente de Alexandria, Cirilo e Orígenes separam com cuidado os druidas da multidão dos idólatras. E as "Tríades Bárdicas"?

Antes, naturalmente, foi a invasão romana e a guerra contra os gauleses. Depois a dispersão. Mas os remanescentes druidas, no País de Gales, depois de terem mantido seus monumentos literários e sua doutrina secretos e sujeitos à mais rigorosa transmissão oral, no decorrer de séculos, constituíram a Sociedade Bárdica do País de Gales, em pleno século XVI. Tinha-se decidido a confiar à escrita as partes mais essenciais da herança. Nesses textos o que se "respira", acima de tudo, é o espírito dos bardos medievais que, por sua vez, eram os últimos discípulos dessa corporação sábia e religiosa.

Ora, "sabe-se que os druidas tinham uma predileção particular pelo número três e o empregavam especialmente, como no-lo demonstram a maioria dos monumentos gauleses, para a transmissão de suas lições que, mediante esse corte preciso, mais facilmente eram gravadas na memória".

Allan Kardec, em seu artigo, apresenta-nos a sua síntese em forma de Tríade: *Deus e o Universo*; *Os Três Círculos*; *O Círculo de Abred*.[3]

Deus e o Universo

I – Há três unidades primitivas e de cada uma delas não poderia existir mais que uma: um Deus, uma verdade e um ponto de liberdade, isto é, o ponto onde se encontra o equilíbrio de toda oposição.

II – Três coisas procedem das três unidades primitivas: toda vida, todo bem, todo poder.

III – Deus é, necessariamente, três coisas: a maior parte da vida, a maior parte da ciência e a maior parte do poder; e de cada coisa não poderia haver uma parte maior.

IV – Três coisas Deus não pode deixar de ser: o que deve constituir o bem perfeito, o que deve querer o bem perfeito e o que deve realizar o bem perfeito.

V – Três garantias do que Deus faz e fará: o seu poder infinito, sua sabedoria infinita, seu amor infinito; pois não há nada que não possa ser efetuado, que não possa tornar-se verdadeiro e que não possa ser querido por um atributo.

VI – Três fins principais da obra de Deus, como criador de todas as coisas: diminuir o mal, reforçar o bem e esclarecer toda diferença; de modo que se possa saber o que deve ser ou, ao contrário, o que não deve ser.

VII – Três coisas que Deus não pode deixar de conceder: o que há de mais vantajoso, o que há de mais necessário e o que há de mais belo para cada coisa.

VIII – Três forças da existência: não poder ser de outro modo, não ser necessariamente outra coisa e não poder ser melhor pela concepção; nisto está a perfeição de todas as coisas.

IX – Três coisas prevalecerão necessariamente: o supremo poder, a suprema inteligência e o supremo amor de Deus.

X – As três grandezas de Deus: vida perfeita, ciência perfeita, poder perfeito.

XI – Três causas originais dos seres vivos: o amor divino, de acordo com a suprema inteligência; a sabedoria suprema, pelo conhecimento perfeito de todos os meios; e o poder divino de acordo com a vontade, o amor e a sabedoria de Deus.

Os três Círculos

XII – Há três círculos da existência: o *círculo da região vazia* (*ceugant*), onde, exceto Deus, não há nada vivo nem morto e nenhum ser que Deus não possa atravessar; o *círculo da migração* (*abred*), onde todo ser animado procede da morte e que o homem o atravessou; e o *círculo da felicidade* (*gwynfyd*), onde todo ser animado procede da vida e que o homem o atravessará no céu.

XIII – Três estados sucessivos dos seres animados: o estado de humilhação no abismo (*annoufn*); o estado de liberdade na humanidade e o estado de felicidade no céu.

XIV – Três fases necessárias de toda existência em relação à vida: o começo em *annoufn*, a transmigração em *abred* e a plenitude em *gwynfyd*; e sem estas três coisas nada pode existir, exceto Deus.

As Tríades mostram, pois, Deus na esfera eterna e inacessível. Ao contrário da teologia cristã, as almas não são retiradas do Nada, mas se originam nas últimas camadas do universo, no abismo (*annoufn*); daí passam para o círculo das migrações (*abred*), onde seu destino é determinado através de uma série de existências, segundo o bom ou mau uso que hajam feito de sua liberdade; enfim elevam-se ao círculo supremo (*gwynfyd*), onde cessam as migrações, onde se não morre, onde a vida ecoa na felicidade, conservando-se, entretanto, uma atividade perpétua e a plena consciência de sua individualidade. Na verdade o druidismo não cai no erro tão pouco dos teólogos orientais, que levam o homem a ser finalmente absorvido no seio imutável da Divindade, pois, ao contrário, distingue um círculo especial, o círculo do vazio ou infinito (*ceugant*) que forma o privilégio incomunicável do Ser Supremo e no qual nenhum ser, seja qual for o grau de sua santidade, jamais poderá penetrar. É o ponto mais elevado da religião, porque marca o limite fixado ao progresso das criaturas.

O Círculo de Abred

XV – Três coisas necessárias no círculo de *abred*: o menor grau possível de toda vida e, daí, o seu começo; a matéria de todas as coisas e, daí, o crescimento progressivo, o qual se não realiza em estado de carência; e a formação de todas as coisas da morte e, daí, a debilidade das existências.

XVI – Três coisas das quais todo ser vivo participa necessariamente, pela justiça de Deus: o socorro de Deus em *abred*, porque sem isto ninguém poderia conhecer coisa alguma; o privilégio de participar do amor de Deus; e acordo

com Deus quanto à realização, pelo poder de Deus, tanto quanto for justo e misericordioso.

XVII – Três causas da necessidade do círculo de *abred*: o desenvolvimento da substância material de todo ser animado; o desenvolvimento do conhecimento de todas as coisas; e o desenvolvimento da força moral para superar todo contrário e *Cythraul* (o mau Espírito) e para libertar-se de *Droug* (o mal). E sem esta transição de cada estado de vida, não haveria a realização de nenhum ser.

XVIII – Três calamidades primitivas de *abred*: a necessidade, a ausência de memória e a morte.

XIX – Três condições necessárias para chegar à plenitude da ciência: transmigrar em *abred*, transmigrar em *gwynfyd* e recordar-se de todas as coisas passadas, até em *annoufn*.

XX – Três coisas indispensáveis no círculo de *abred*: a transgressão da lei, pois não pode ser de outro modo; o resgate pela morte ante *Droug* e *Cythraul*; o desenvolvimento da vida e do bem pelo afastamento de *Droug* no resgate da morte; e isto pelo amor de Deus, que abraça todas as coisas.

XXI – Três meios eficazes de Deus em *abred* para dominar *Droug* e *Cythraul* e para superar a sua oposição, em relação ao círculo de *gwynfyd*: a necessidade, a perda da memória e a morte.

XXII – Três coisas são primitivamente contemporâneas: o homem, a liberdade e a luz.

XXIII – Três coisas necessárias à vitória do homem sobre o mal: a firmeza contra a dor, a mudança, a liberdade de escolha; e com o poder que tem o homem de escolher, não é possível ter-se a certeza prévia de para onde irá.

XXIV – Três alternativas oferecidas ao homem: *abred* e *gwynfyd*, necessidade e liberdade, mal e bem; tudo em equilíbrio, pode o homem, à vontade, ligar-se a um ou outro.

XXV – Por três coisas cai o homem na necessidade de *abred*: pela ausência de esforços para o conhecimento, pelo não apego ao bem e pelo apego ao mal. Em consequência

destas coisas, desce em *abred* até o seu análogo e recomeça o curso de sua transmigração.

XXVI – Por três coisas retorna o homem necessariamente ao *abred*, posto que, sob todos os outros respeitos, esteja ligado ao que é bom: pelo orgulho, cai até *annoufn*; pela falsidade, até o ponto do demérito equivalente; e pela crueldade, até o grau correspondente de animalidade. Daí transmigra novamente para a humanidade como antes.

XXVII – As três principais coisas a obter no estado de humanidade: a ciência, o amor, a força moral, no mais alto grau possível de desenvolvimento, antes que sobrevenha a morte. Isto não pode ser obtido anteriormente ao estado de humanidade, e não pode ser senão pelo privilégio da liberdade e da escolha. Estas três coisas são chamadas as três vitórias.

XXVIII – Há três vitórias sobre *Droug* e *Cythraul*: a ciência, o amor e a força moral; porque o saber, o querer e o poder realizam o que quer que seja em sua conexão com as coisas. Estas três vitórias começam na condição de humanidade e continuam eternamente.

XXIX – Três privilégios da condição do homem: o equilíbrio do bem e do mal, e da faculdade de comparar; a liberdade da escolha e, daí, o julgamento e a preferência. Estas três coisas são necessárias à realização do que quer que seja.

"Assim, em resumo, o início dos seres no seio do universo dá-se no mais baixo ponto da escala da vida; e se não é levar muito longe as consequências da declaração contida na vigésima sétima tríade, pode conjeturar-se que na doutrina druídica esse ponto inicial era suposto no abismo confuso e misterioso da animalidade. Consequentemente, desde a origem mesma, a necessidade lógica do progresso, já que os seres não são destinados por Deus a permanecer nessa condição baixa e obscura. Contudo, nos estágios inferiores do universo, esse progresso não se desdobra segundo uma linha contínua; essa longa vida, nascendo tão baixo para elevar-se

tão alto, quebra-se em segmentos, solidários no fundo de sua sucessão; mas a sua misteriosa solidariedade, graças à falta de memória, escapa, ao menos por algum tempo, à consciência do indivíduo. São essas interrupções periódicas, no secular curso da vida, que constituem aquilo a que chamamos morte. De sorte que a morte e o nascimento, que, por uma consideração superficial formam dois acontecimentos tão diversos, na realidade não são mais que as duas faces do mesmo fenômeno: uma voltada para o período que se acaba, a outra para o que se inicia.

Considerada em si mesma, não é, pois, a morte, desde então, uma calamidade verdadeira, mas um benefício de Deus que, rompendo os hábitos estreitíssimos, que havíamos contraído com a nossa vida presente, transporta-nos a novas condições e dá lugar, assim, a que nos elevemos mais livremente a novos progressos.

No que diz respeito aos períodos passados, não é difícil perceber que a perda da memória se constitui num benefício relativamente ao homem em sua condição presente. Porque se esses períodos passados, como a posição atual do homem num mundo de sofrimentos, constituem uma prova, infelizmente foram manchados de erros e de crimes, causa primeira das misérias e das expiações de hoje, evidentemente é uma vantagem para a alma achar-se livre da visão de uma tão grande quantidade de faltas e, ao mesmo tempo, dos mais acabrunhadores remorsos que daí nasceriam. Como não a obriga a um arrependimento formal senão relativamente às culpas da vida atual, assim, se compadecendo de sua fraqueza, realmente lhe concede Deus uma grande graça.

Enfim, segundo esta mesma maneira de considerar o mistério da vida, as necessidades de toda natureza, a que somos aqui submetidos e que, desde o nosso nascimento, por um desígnio por assim dizer fatal, determinam a forma de nossa existência no presente período, constituem um último benefício, tão sensível quanto os dois outros. Porque, em definitivo, são essas necessidades que dão à nossa vida o caráter que melhor convém às nossas expiações e às nossas

provas e, consequentemente, ao nosso desenvolvimento moral. E são ainda essas mesmas necessidades, tanto de nossa organização física quanto das circunstâncias exteriores, em cujo meio somos colocados que, arrastando-nos forçosamente ao termo da morte, arrastam-nos, por isso mesmo, à nossa suprema libertação. Em resumo, como dizem as tríades em sua enérgica concisão, aí se acham reunidas as três calamidades primitivas e os três meios eficazes de Deus em *abred*."

*** * ***

Em seu emocionado discurso junto ao dólmen de Kardec, a 31 de março de 1916, *O Mundo Invisível e a Guerra*, Léon Denis chora a França ensanguentada e exalta o gênio celta. Percorrera as praias da Bretanha, essa terra de granito, agitada pelas tempestades, varrida pelos rijos ventos do largo e vira os imponentes monumentos megalíticos que representam o grande pensamento dos druidas.

"Foi nessa profunda fonte – exclama – que Allan Kardec ilustrara o seu espírito. Foi em meio idêntico que viveu outrora, não na Bretanha, talvez, mas antes na Escócia, segundo a indicação de seus guias."

Ali Kardec aprendera a filosofia dos druidas, a filosofia das Tríades, ali aprendera, no estudo e na meditação, para as grandes empresas que lhe reservava o futuro.

Só onze anos mais tarde *O Gênio Céltico* vai entrar nas tipografias da casa Arrault. Entretanto, no decorrer de todo esse tempo o tema sobre o qual Léon Denis vai improvisar não lhe abandonara o espírito. Muito significativamente Mlle. Baumard escreve:

"Quando o mestre cogitou em dar uma forma concreta à sua obra (*O Gênio Céltico*), ela se encontrava a meio elaborada em seu cérebro. Durante muito tempo tinha-a afagado, acariciado. Só isso pode explicar a extrema rapidez com a qual nos ditou os primeiros capítulos."

A morte de Léon Denis não atrasou o lançamento do livro, que já se encontrava nas livrarias da França em junho de 1927, na data mesma prevista pelo autor.

No Brasil, *O Gênio Céltico* não alcançou o sucesso de outras obras do autor. Minha geração a desconhece completamente e isso embora constitua, em plano de exegese, o par de *Depois da Morte*, um grande sucesso editorial em língua portuguesa. Por quê?

Em suas mensagens para *O Gênio Céltico*, Kardec diz o seguinte em certo trecho:

> "Há, em vosso mundo, certos pontos fluidicamente privilegiados e que se constituem como que em espelhos condensadores e refletores de fluidos destinados a fazer vibrar os cérebros e os corações dos povos do planeta. Nesses pontos, três focos se acenderam: o foco oriental, nas Índias; o foco cristão, na Palestina; o foco céltico no ocidente e ao norte. Se estudarmos a gênese dos fenômenos que se concretizaram nas doutrinas, verificaremos que a causa superior é sempre a mesma e que vosso planeta está envolto por essas correntes ou feixes de ondas superiores, que são as verdadeiras artérias da vida universal. Por vossa evolução produz-se agora um novo foco radiante de pensamento que mostrará à humanidade toda a beleza, a grandiosidade, a pujança da obra divina."

Quinze dias passados o médium "completamente ignorante de quanto se relacionava aos problemas célticos" em transe profundo permitia que Kardec voltasse a se manifestar:

> "O dia em que um novo foco se acender sobre a Terra, ele suscitará uma curiosidade bem natural. Na hora presente, os centros parecem se deslocar. Eu não ficarei surpreso de ver, um dia, a América se constituir em um polo capaz de erradicar o positivismo do povo americano. Esse povo é, como sua composição étnica, do ponto de vista do caldeamento, ideal."

Esse foco... que se deslocou... se inspira, pelo menos no Brasil, não no foco "oriental, das Índias" ou no foco "céltico, no ocidente e ao norte", mas no foco "Cristão da Palestina"?

Comentando *O Gênio Céltico*, Gaston Luce, recém falecido, amigo pessoal e biógrafo de Léon Denis, comenta, pelas páginas da *Revista Espírita* de junho de 1927, o seguinte:

> "O Espiritismo *francês* (o grifo é nosso), o Espiritismo kardecista, não é outra coisa que uma adaptação das crenças de nossos ancestrais à mentalidade moderna, pois que coincide exatamente com o druidismo e constitui num verdadeiro retorno a nossas verdadeiras tradições étnicas, amplificadas pelo progresso das ciências e confirmadas pelas vozes do espaço."

Esse *exatamente* de Gaston Luce colide com a conotação pessoal de Kardec:

> "... que encontramos por toda parte os traços da doutrina espírita, em parte alguma a temos completa. Parece ter sido reservada à nossa época a tarefa de coordenar esses fragmentos esparsos...", ou com a transmissão mediúnica... "verificamos que a causa superior é sempre a mesma..."

De qualquer modo a questão ressalta. Até que ponto vai a importância desses fragmentos esparsos? Até que ponto "o foco céltico" ampara e fortalece o "foco cristão" enfraquecido e rebaixado pelo catolicismo romano? A resposta é óbvia: ao ponto em que a herança celta, em Allan Kardec, faz dele o autor de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, esse marco histórico de reabilitação.

Para que essa fonte oculta e ignorada de arrasadora inspiração se prestigie dentro do movimento espírita, Léon Denis, firmemente amparado em Allan Kardec, escreve em *O Gênio Céltico*:

> "Com efeito, foi por instigação de Kardec que eu realizei o trabalho."

Quando da publicação de *O Gênio Céltico*, o Espiritismo na França se levantou em coro: Houvera um dia em que o velho sangue gaulês se agitara nas veias do povo; em seu torvelinho, a Revolução derrocara estas duas importações estrangeiras: a Teocracia de Roma e a Monarquia implantada pelos francos. A velha Gália vivera na França de 1789. Depois tinham vindo as vozes espirituais e, em 1857, com a publicação de *O Livro dos Espíritos*, a Revolução Espiritual se desencadeava; outra vez o espírito gálico se levantava: A França não é latina, mas céltica; esquiva-se do poder dogmático e sufocante de Roma sobre as consciências: liberdade, igualdade, fraternidade. Fé verdadeira é só aquela que pode enfrentar a razão face a face. Reconhece-se o espírita pela sua modificação moral. Fora da Caridade não há salvação.

> "O movimento de ideias – comenta o redator da *Revue Spirite* em junho de 1927 – o encadeamento de fenômenos que se desenrolaram há um século e se ordenaram sob o nome de Espiritismo, não é outra coisa, em realidade, senão um retorno às tradições, às crenças e às práticas célticas, enriquecidas pelo progresso dos séculos e das descobertas das ciências. Não é obra isolada de um profeta, de um apóstolo, é o mundo invisível que se expande de suas distâncias. Sobre todos os pontos do globo as almas dos mortos voltam para afirmar, em suas mensagens, os princípios ensinados pelos druidas: a unidade de Deus, a sobrevivência do ser sob forma fluídica, a pluralidade das existências, a evolução em escala infinita dos mundos."

*** * ***

O primeiro capítulo de *O Gênio Céltico* é dedicado por Léon Denis à Irlanda, a verde ilha, tão cara aos corações célticos, o antigo santuário dos druidas. Mais que nenhum outro país, Erinn conservou a intuição do invisível, "desse oceano de forças e de vida, povoado de multidões inumeráveis, cuja influência se estende por sobre nós e, conforme nossas disposições, nos protegem ou nos acabrunham".

A Irlanda é a terra das mais belas histórias mediúnicas, a ilha dos bardos. Yats, George Russel mergulham suas raízes íntimas nas profundezas místicas que sempre alimentaram a alma gaélica, impressionável, nostálgica, atormentada, fascinada pelo mistério do Além. No instante em que o Espiritismo necessita se firmar cientificamente, de Belfast se apresenta Crawford, de Dublin Barret.

Da Irlanda, dos verdes campos, o autor nos conduz ao País de Gales, austero, grave, depois à Escócia brumosa onde a ação das forças subterrâneas e do mar se inscreve em sua ossatura de basalto e granito.

Como a indomável Irlanda, o País de Gales e a Escócia, apesar das seculares perseguições dos conquistadores saxões, souberam guardar sua língua e sua autonomia.

Do lado de cá da Mancha, na Bretanha, a obra de Chateaubriand, de Renan, de Brizeux, de Le Braz, parece ecoar a música, a poesia melancólica e sonhadora, a sede de infinito da alma céltica.

Das praias de Armor, eriçadas de menhirs, Léon Denis nos conduz às altitudes do Auvergne onde se levantavam ontem os templos gauleses entre vales e florestas profundos. Como o vemos no livro de Mlle. Baumard, de cajado à mão, percorrendo os santuários druidas do país dos dolmens, assim ele nos leva a conhecer o remoto Auvergne, o antigo reino de Bituit, os trágicos locais dos encontros da armada gaulesa e das legiões romanas, Gergóvia, Alésia!

Páginas são consagradas a César e seu jovem e heroico adversário, Vercingétorix. Daí à Lorena, pois que Vercingétorix leva à Jeanne d'Arc.

O capítulo que Léon Denis dedica à sua província natal é penetrado da mais pura emoção. Reúne lembranças, retoma a posse da terra de sua infância.

A segunda parte da obra trata especificamente do druidismo, das Tríades bárdicas, da palingenesia, da experimentação mediúnica, à qual tão intensamente se dedicou. O autor completa os dados imperfeitos, tidos até então sobre esses filósofos do

ocidente que foram, conforme assevera, os mestres alexandrinos, os verdadeiros inspiradores da sabedoria antiga.

O que sobretudo surpreende na "síntese dos druidas" que apresenta, é a curiosa analogia com a doutrina kardecista. Léon Denis oferece a esse fato uma explicação marcada pelo bom senso. Em vez de tentar explicar a similitude de pensamento entre os brâmanes e os pitagóricos e os druidas, por empréstimos constantes e sucessivos, é mais lógico, mais simples – diz ele – atribuir essas semelhanças a revelações idênticas promanadas do mundo invisível.

Léon Denis entrega-se então a um estudo de profundidade de admiráveis documentos, em que o Espiritismo se encontra exposto, por antecipação, com uma maestria e uma penetração não ultrapassados.

Por último vem Allan Kardec e é o mesmo herói espiritual que tira a doutrina da reencarnação de seu sono milenário e oferece-a como oposição, como artigo de fé, à face dos dogmas da Igreja Católica.

> "Eu julguei que devia retirar de minha consciência profunda a fagulha de ardente fé, de pura luz, que me foram legados de minha existência céltica, para tentar projetar sobre os humanos um raio inspirador!
>
> Temos, por missão, reunir os verdadeiros celtas, que são a própria essência da França. Posso disso falar-vos, pois eu mesmo vivi na Bretanha, fui druida em Huelgoat. Mais tarde, junto às bordas do mar, por um favor especial, senti as forças emanadas do círculo superior e minha fé permaneceu viva e forte, seguiu-me ao longo de minhas existências ulteriores, até aquela em que me conhecestes.
>
> Fui recompensado, visto que as intuições alimentaram suficientemente a pequenina chama interior e, recordando as leis da vida universal, acreditei um dever difundir a doutrina que conheceis e que permanecera inscrita no fundo de meu superespírito."

*** * ***

"O Celtismo é o raio de luz que aponta o caminho dos estudos psíquicos futuros. É sobre ele que se implantou, em vosso país, o pensamento do Cristianismo, como o próprio Cristianismo se impregnou em outra luz, o misticismo oriental."

*** * ***

O druida, como o lama, fruía das fontes geradoras do espaço forças que despertavam sua fé e o atraíam para o foco superior. As formas podem variar, mas, no círculo do oriente, no Cristianismo e entre os druidas há um ponto absolutamente idêntico: é que o ser humano, quando sabe se desprender das atrações materiais, vibra suficientemente para perceber as emissões dos grandes focos celestes. Os sacerdotes do oriente, Cristo e os druidas estavam impregnados dessas ondas poderosas e, por isso, podiam produzir os fenômenos que tanto impressionavam as multidões.

*** * ***

"A espiritualidade deve evoluir e, em certas épocas, reavivar a fé que, de outro modo, se afogaria no materialismo. Buda, o Cristo, os Espíritos dos druidas, representam forças superiores ligadas ao foco divino e eles trabalham para manter a Terra em um grau de equilíbrio necessário a que possa prosseguir em sua evolução, pois, se a espiritual se extinguisse sobre vosso planeta, a matéria se apoderaria dele e terminaria por corroê-lo e dissolvê-lo. A matéria deve ser mantida em suspensão pela ação superior do espírito. Na realidade ela não é mais do que uma tela sobre a qual vêm se refletir os raios de luz da vida universal."

Araraquara, março de 1981.

Wallace Leal. V. Rodrigues

Prefácio
de Arthur Conan Doyle

Eu considero uma honra atender ao pedido que me é feito para prefaciar, com algumas linhas, estas lembranças íntimas a respeito do saudoso Léon Denis.

Serei breve, pois conheci-o bem pouco e, apenas raramente, o encontrei. Todavia devo dizer, com toda sinceridade, que poucos homens produziram – em tão curto espaço de tempo – uma impressão mais viva em meu espírito.

Revejo ainda, muito nitidamente, seu sólido e forte tórax, seu ar majestoso e sua cabeça leonina, que lembrava aqueles antigos sacerdotes celtas ou os guerreiros primitivos, figuras marcantes de um tempo remoto, que ele amava evocar. Severo, mas benevolente, impetuoso, porém sábio, emotivo, mas reflexivo, tais eram as expressões, tão diversas, que eu discernia em sua face notável.

Como escritor, ele me emociona profundamente. Eu falo imperfeitamente o francês, mas leio-o com frequência, pois me parece que a literatura francesa é a primeira do mundo.

Não pretendo erigir-me em crítico de uma tal literatura, porém do meu ponto de vista, a prosa de Léon Denis, tão virogosa e expressiva, tão elegante em sua forma, embora o peso de seu pensamento, é de um estilo absolutamente perfeito. Ela alia, à riqueza dos conhecimentos, uma filosofia muito precisa e definida.

Sua *Jeanne d'Arc Médium* cativou-me a tal ponto que passei três meses me esforçando por transpor sua inspiração em nossa língua, mas a mágica luminosidade de Léon Denis não é fácil de ser traduzida. Foi assim que tomei a liberdade de mudar o título, de uma corajosa franqueza, em *O Mistério de Jeanne d'Arc*. Pareceu-me oportuno não arriscar, ferindo os preconceitos dos profanos e de furtá-los privando-os, assim, da leitura de uma obra-prima.

Nem Anatole France, nem Bernard Shaw conceberam, como Léon Denis, uma tão concludente, tão real apreciação dessa

maravilhosa heroína. Ele dá, nesse livro, a única explicação plausível do fato mais prodigioso da História.

Quanto aos estudos das origens célticas, e da sua importância étnica, meus conhecimentos etnológicos não são suficientes para apreciar-lhes o valor, mas eu estou seguro de que jamais o assunto foi tratado de maneira mais encantadora.

Agora me apago para deixar o leitor iniciar, mais intimamente à história terrena desse homem superior, história escrita por aquela que teve ocasiões tão excepcionais de conhecê-lo e compreendê-lo.

Arthur Conan Doyle

12 de julho de 1929.

Bignell Wood, Ninstead, Lyndhurst.

Introdução

As obras de Léon Denis revelaram-me a doutrina espírita. Jamais alguma filosofia me havia proporcionado uma impressão de alegria tão intensa; foi um deslumbramento. O estudo dela é particularmente cativante quando o mistério da morte se impõe ao espírito acabrunhado pela tristeza de lutos sucessivos, mistério sobre o qual nenhuma religião ocidental jamais projetou claridades. Aí se encontra um verdadeiro tesouro espiritual, a certeza de esperanças religiosas, aquela de uma sobrevivência consciente estabelecida em provas incontestáveis.

De imediato, eu havia feito minha a teoria reencarnacionista; ela não me parecia nova e revelava em mim, ao meu ver, conhecimentos já adquiridos. Tinha a intuição de ter, outrora, percorrido sendeiros pelos quais nos conduzia o mestre.

Algum tempo depois de ter lido a obra de Léon Denis, chegou ao meu conhecimento que o apóstolo do Espiritismo vivia em Tours. Entretanto, deixei decorrer alguns anos antes de ousar ir até ele. Um dia, o acaso – terá sido mesmo o acaso? – colocou sob meus olhos um jornal da localidade onde era anunciado o falecimento de um Sr. Léon Denis. Essa novidade foi para mim uma fonte de aborrecimentos e de remorsos. Mas eu respirei aliviada, era um homônimo!

Sem mais esperar, fui bater à porta do mestre,[4] o acolhimento que ele me deu, marcado por uma benevolente cordialidade, tocou-me profundamente. Ele teve a bondade de me pagar a visita, o que quer dizer que ele próprio apertou o nó que, em seguida, deveria se tornar muito forte.

No fim da guerra, Mlle. Camille Chaise, refugiada renana, secretária do mestre tendo que abandonar Tours, teve a ideia de me chamar para substituí-la. Aceitei sem hesitação. Minha colaboração para o trabalho do escritor espírita só deveria terminar por ocasião de sua morte. É, pois, a época de sua plena maturidade que eu descreverei particularmente aqui.

Com o tempo, estabelecendo-se a confiança, nossa intimidade cresceu e Léon Denis tomou o hábito de pensar alto em minha

presença. Ele me fazia conhecer os seus sentimentos e os seus julgamentos sobre coisas e pessoas.

Agora, que o mestre venerado por todos foi "chamado ao espaço",[5] um dever se nos impõe: este de retratar esta bela e nobre figura de apóstolo e de tornar durável a sua lembrança. O que vai a público nestas páginas, não tem senão uma finalidade: fazer tornar mais bem conhecido o grande escritor francês que devotou sua vida inteiramente à causa do Espiritismo, causa que ele defendeu valentemente e propagou durante cinquenta anos com um ardor jamais desmentido.

Oh! Deus, nós te rogamos que Léon Denis se torne "vivo" aos olhos de seus numerosos amigos, conhecidos e desconhecidos, particularmente junto dos inumeráveis correspondentes por ele consolados. Menos privilegiados do que nós, eles não tiveram a alegria de se aproximar, de ouvir sua voz e de se beneficiarem com seu ensinamento oral; que pelo menos sua memória seja piedosamente conservada em seus corações como ela está no nosso!

Saint-Cyr-sur-Loire,

12 de outubro de 1927.

PRIMEIRA PARTE

I

O homem, sua casa

Apesar dos anos decorridos, guardo muito viva a lembrança do dia em que comecei a trabalhar na casa do autor de *Depois da Morte*. Como me parece próximo ainda aquele 2 de novembro de 1918, em que, com o coração inundado de uma jubilosa emoção, tomei lugar à mesa de trabalho! Ele me havia acolhido com estas palavras amáveis:

– Aqui estás em tua casa, mademoiselle.

Minha voz, de começo trêmula, pouco a pouco se tornava firme e foi com um tom quase natural que eu fiz minha primeira leitura para o filósofo. O começo de meu secretariado permanecerá para sempre ligado ao armistício! Eram cinco horas, eu acabava de deixar o escritor; de repente senti-me chumbada ao pátio sob o império de um grande espanto: os sinos da catedral soavam com força! Hesitei um segundo e subindo os dois lances de escada correndo, abri a porta do apartamento dizendo:

– Abri a janela grande, mestre, para melhor ouvirdes os sinos.

Ele se precipitou para a janela francesa, abriu-a, e as vibrações sonoras encheram a peça. E ele foi preso de uma viva emoção.

Tendo convivido com Léon Denis muito de perto durante dezoito anos, conheci nele dois aspectos diferentes. O período da guerra operou nele uma grande modificação física; a barba grisalha e espessa lhe dava o aspecto de um patriarca, a fisionomia adquirira uma majestade, algo como uma auréola. Era um homem de estatura mediana, esguio porém de ombros largos, onde a cabeça forte mergulhava dando a impressão de combatividade; a fronte era magnífica e larga, o nariz fino entre as sobrancelhas, alargava-se nas narinas e se sobrepunha a uma boca de desenho delicado, coberta por um espesso bigode; os

olhos eram de um azul cinzento-pálido. Estavam profundamente colocados sob o arco das sobrancelhas de maneira a ocultá-los em parte. Que expressões diversas podiam apresentar os olhos do mestre! Se bem que apagados por uma cegueira quase completa, eram de uma mobilidade surpreendente, ora doces, brilhantes de espírito, às vezes tristes até as lágrimas. Eles podiam também se tornar duros, cortantes como o aço. Um visitante posto pela primeira vez em presença do filósofo, sentia cair sobre si um olhar que atemorizava um pouco. Olhar que podia ser comparado à sonda atirada ao mar pelo marinheiro que deseja medir a profundidade. Mas depois de alguns instantes de palestra, esse olhar se dulcificava e fazia esquecer a dureza anterior. Em uma palavra, o ser físico de Léon Denis revelava um pensador, um chefe, um condutor de homens.

Existe um retrato do mestre ainda jovem, feito a pastel em forma de medalhão, onde se pode adivinhar os traços do octogenário na grave fisionomia de vinte anos. Os olhos têm a mesma expressão cativante, incisiva, perscrutadora! A sua infância e a juventude foram laboriosas e precárias.[6] Essa é a razão por que, no retrato, os olhos do rapaz não refletem a alegria que às vezes visitava os do ancião? Bem superficiais são aqueles que atribuem o privilégio do entusiasmo unicamente à juventude. Ele é por vezes um dos encantos da idade madura.

Quando a intimidade do trabalho cotidiano nos aproximou eu disse um dia ao mestre:

– Verifiquei que pareceis de maneira espantosa a Léon Tolstoi.

– Nada de espantar nisso – respondeu-me ele – pois vivi algumas de minhas existências nos países do Norte.

Quando a ocasião ensejava, o filósofo evocava espontaneamente o seu passado que lhe fora revelado por diferentes médiuns absolutamente estranhos uns aos outros. Essas revelações eram, não obstante, concordantes e idênticas.

Lembro-me de que, depois de uma leitura que tratava da "Grande Chartreuse" o mestre me disse:

– Não deixei de fazer essa excursão quando percorri a Isíria; desejava ver o jardim onde monges cavam cotidianamente suas sepulturas, pois fui outrora um deles.[7]

Na brochura *O Lado de Lá e a Sobrevivência do Ser*, o expoente da doutrina espírita escreveu:

> "Verifiquei a exatidão dessas revelações que me foram feitas por introspecção, isto é, por um estudo analítico de meu caráter e de minha natureza psíquica. Esse exame me fez encontrar muito acentuados em mim diferentes tipos de homens que fui ao curso das idades e que dominam todo o meu passado: o monge estudioso e o guerreiro."

Léon Denis com efeito lembrava, de certa maneira, o beneditino. Era um oposto do sibarita. Em qualquer estação ele preferia uma cadeira e não uma poltrona; sua resistência ao frio era extraordinária. Achava mais higiênico cobrir-se abundantemente a aquecer os aposentos; sua alimentação consistia em legumes, ovos e derivados do leite.

Comia pouca carne, bebia água, mas todavia apreciava uma xícara de bom café como a maioria dos intelectuais. A aparência monacal do filósofo se acentuava no inverno quando usava um grosso *robe de chambre* cinzento. Quando batiam na porta ouvia-se sua voz grave pronunciar:

– Entrai!

E quando ele se apresentava, podia-se crer que se penetrara a cela de um monge, de um grande monastério. Não era a certos aspectos um trabalho de beneditino a ocupação à qual se entregava?

Seus dedos acariciavam pacientemente as folhas de papel muito grossas, cujo tom amarelado lembrava velhos pergaminhos. Era *La Lumière*; revista escrita em Braille, a única leitura que ele podia fazer. A impressão de que se penetrava na cela de um cenobita era maior se se levantavam as cortinas. O que se percebia: Uma única nesga de céu à direita. Uma frondosa árvore vedava completamente a luz à esquerda. Por essa nesga podia-se ver telhados de ardósia de todas as formas e várias chaminés; um pouco mais distante muros muito antigos se

erguiam, restos de um monastério carmelita; mais ao fundo descobria-se uma pequena fachada enriquecida de esculturas e que fazia parte do magnífico palácio dos séculos XV e XVI, chamado outrora Palácio Gardette e cuja designação moderna é Palácio Gouin, o nome do proprietário que o havia restaurado.

O quarto do mestre não tinha as dimensões de uma cela, era até certo ponto amplo.

Simplesmente mobiliado, os únicos ornamentos eram gravuras de Jeanne d'Arc, pela qual ele tinha profunda veneração. Duas estatuetas, uma em pequeno bronze sobre um consolo, reproduzia a obra de Mercier; uma outra menor, em gesso, representava a pastora e adivinhava-se que era a preferida, colocada ao alcance da mão sobre a cômoda como um vaso quase sempre florido diante dela; à cabeceira do leito a reprodução da estatueta de Barrias.

– Esta é a preferida entre todas as obras estatuárias! – dizia Léon Denis.

A jovem Lorena tem a cabeça descoberta e está vestida com uma armadura com os dois punhos algemados. Do lado oposto se encontrava uma gravura em seda, representando a pastora sob uma árvore das fadas vigiando carneiros com um cajado nas mãos,[8] e uma reprodução do quadro de Ingres que está no Louvre: Jeanne vestindo a couraça à qual deixa escapar o echarpe bordado com as armas reais, descansa a mão esquerda sobre o altar, empunhando o estandarte com a outra; ao pé deste altar vê-se um grupo de personagens em prece.

Era nessa peça voltada para o sul que Léon Denis vivia a maior parte do ano; era ali que meditava, orava e trabalhava durante oito meses.

Quando junho se aproximava, ele me anunciava alegremente que iríamos transportar "nossos utensílios" para outro lugar. Amparava-se numa pequena escrivaninha sobre a qual repousava a revista Braille e, me chamando, pronunciava estas palavras graves:

– Eis aqui o teu tabernáculo.

Eu apreciava sempre muito favoravelmente essa mudança anual do sul para o norte: mudar de horizonte é quase viajar.

O escritor, despojado de seu amplo "*robe de chambre*", parecia com a atmosfera amena deixar uma personalidade para vestir outra. Ele me dava a impressão de haver rejuvenescido. Sentíamo-nos muito bem nessa grande sala de jantar onde o pesado calor de fora não penetrava nunca! Seu velho mobiliário evocava todo um passado; o armário renascentista, de estilo o mais puro, com finas esculturas, brilhavam no quarto; vasos da China se encontravam sobre ele; uma peça de acaju em estilo imperial, vizinho a um samovar, cujo cobre brilhante punha uma nota alegre no aposento. Um velho sofá revestido de couro de Córdova, um canapé esculpido, algumas cadeiras velhas, completavam a mobília. Foi durante a guerra que o filósofo foi ocupar o primeiro andar de uma casa branca, em forma de quadrilátero, cuja fachada era voltada para o cais do rio Loire. As janelas abriam-se para uma vista esplêndida em todas as estações, embora se tornasse particularmente encantadora no outono quando as margens de Saint-Cyr-sur-Loire se paramentavam com toda a gama de cores de ouro. Essa natureza, muito repousante, oferece uma impressão de grande paz; nenhum ruído entre as duas margens, em meio às quais o rio preguiçoso rola lentamente; ele se alarga nesse local formando uma grande ilha dividida em dois braços, espelhando o topo dos choupos. Desgraçadamente a vista desse panorama era uma alegria recusada ao filósofo, pois sua cegueira aumentava mais e mais, permitindo apenas a contemplação das estrelas cujo brilho é particularmente intenso no céu da Touraine encantando ainda.[9]

Pelos fins de setembro era preciso dizer adeus à grande sala; o frio se fazia sentir, o mestre vestia seu "*robe de chambre*" e tomava sua "*chancellère*" [10] e dizia:

– Transportemos nossos materiais para o sul!

Nesses deslocamentos sucessivos, éramos sempre seguidos de seus gatos, personagens importantes sobre os quais falarei mais adiante.

II

Suas lembranças de infância, sua piedade filial

Um dia, Léon Denis recebeu uma obra intitulada *La vie vécu d'un médium spirite*.[11] Esta autobiografia lhe foi ofertada pela autora.

Sem tardar ele me pediu que fizesse a leitura da obra. Quando foi pronunciado o nome da região onde nasceu a narradora, Notre-Dame-Guglose, o mestre exclamou jubilosamente:

– Madame Angullana é natural de Notre-Dame-Guglose! Foi lá que eu vivi até a idade de 13 anos. Foi a primeira estação para qual meu pai foi designado como chefe.[12]

Oh! A magia de uma palavra capaz de reviver todo um passado! Sulhy Prudhome, em versos muito emocionantes pinta a força evocadora de uma palavra:

> *Uma lágrima, um canto triste, uma única palavra em um livro*
> *nuvem do céu límpido onde com prazer eu viveria*
> *Faz-me sentir no coração a mordida de antigas penas.*

Ouvindo o nome da pequena comunidade onde passara uma parte de sua primeira juventude, Léon Denis sentira afluir em seu cérebro e em seu coração uma multidão de lembranças ligadas a esse lugar. As palavras se atropelavam em sua boca.

– Meu pai esteve na Casa da Moeda, em Strasbourg, depois na de Bordeaux, mas um dia chegou em que já não precisavam de seus serviços. Em troca o posto de chefe da estação de Notre-Dame-Guglose lhe foi oferecido. Antes de nossa partida os irmãos da Escola de Doutrina Cristã, onde eu já estava matriculado, disseram a meu pai: "Seria bom deixardes o vosso filho conosco. Ele é inteligente e nós faremos o que estiver ao nosso alcance. Seria realmente uma pena se não no-lo enviar."

Ele expressou seus sentimentos: seus meios não lhe permitiam separar-se de mim. Foi assim que eu acompanhei meus pais para Notre-Dame-Guglose. Permanecemos ali por alguns anos, até que meu pai foi transferido para Moux, estação

situada entre Sete e Toulouse. Eu tinha, então, 16 anos e experimentei um grande prazer acionando o telégrafo Bréguet. Minha distração era igualmente estar na plataforma quando da passagem dos trens. Lembro-me que, certa vez, salvei a situação de meu pai. Eu estava na plataforma quando um expresso passou. Coisa extraordinária, eu o vi deter-se. Um inspetor passou e me perguntou:

– Rapaz onde está o teu pai?

Não perdi tempo e disse, apontando para uma passagem de nível:

– Vê, ele se encontra lá embaixo ocupado com os homens no carregamento de um vagão.

– Está bem! – respondeu o inspetor e, lesto, tomou a viatura. Eu tremia todo, porém minha presença de espírito me havia servido!

O espírito do mestre estava completamente transportado para essa região meridional:

– Eu me lembro de ter tido nesse momento um pequeno galo branco, que eu estimava muito. Seu lugar favorito era no parapeito da janela da cozinha; essa janela única era sempre situada abaixo do nome de cada estação na parte dos fundos da casa. Minha mãe me dizia constantemente:

– Verás que teu galo terminará esmagado pelo trem!

Ele morreu, com efeito, como ela havia previsto e essa foi minha primeira grande tristeza, a morte desse galo que eu amava tanto.

Um outro fato permitia ao mestre evocar numerosas lembranças de sua infância decorrida em Foug, pequena comunidade de Meurthe-et-Moselle, de onde ele era natural. Elas brotaram de um passado longínquo depois da leitura da *Revue Spirite*. Terminámaramos de ler um artigo assinado por R. Mosbach, proprietário em Foug.

– Não é possível! – exclamou o mestre. – Há um colaborador da Revista em Foug.

A esse compatriota e discípulo tão curiosamente encontrado, Léon Denis enviou uma revista que tinha publicado seu retrato

acompanhado por notas biográficas e seu endereço. O Sr. Mosbach respondeu-lhe logo em seguida. Ele contou a Léon Denis que muito jovem havia vivido em Tours onde seu pai era coronel do corpo da engenharia. Entre eles se estabeleceram ligações epistolares que enchiam o mestre de alegria. Ele falava do Sr. Mosbach com entusiasmo, bem assim da região que o vira nascer, da floresta onde muito pequeno acompanhava seu avô à *tendue*.[13] Esse antepassado fora soldado de Napoleão, participara da retirada da Rússia e da passagem da Beresina. Léon Denis dizia ao seu compatriota que a biblioteca de Nancy lhe revelara interessantes coisas a respeito de Foug, particularmente o achado de túmulos romanos. O mestre reviu a região natal pela última vez em 1914, quando se dirigiu a Domremy.

Passagens de *Livre de Mon Ami*, de Anatole France, provocaram em Léon Denis impressões de sua infância! Como Pierro Noziére ele permanecia horas diante da porta de vidro de uma livraria lendo as legendas e vendo as ilustrações de Epinal. Que decepção quando essa maldita porta se abria. A criança tinha de interromper sua leitura!

Entre 15 e 16 anos Léon Denis teve uma crise de misticismo religioso.

– Eu conheci – dizia ele – as exaltações da consciência. Lembro-me de que em certo verão, eu me dirigia todas as noites a uma pequena capela construída no começo de uma rua em aclive para ali seguir os exercícios destinados aos meninos. Em minha casa se inquietavam um pouco por me verem chegar tarde, e minha boa mãe me acolhia muito bem... Persuadida que eu não tinha ido a lugares suspeitos.

Recolher da boca do filósofo essas lembranças de infância nos enchia de ternura. Apreciávamos muito isso, mas somente em certas ocasiões ele voltava ao assunto.

*** * ***

A vida de Léon Denis foi admiravelmente contada por seu devotado amigo Gaston Luce,[14] que descreve o trabalho manual ao qual o escritor se dedicou desde sua infância e nos faz saber

que o rapaz teve que renunciar a constituir um lar para assegurar o futuro material de seus velhos pais. Consultemos a biografia:

> "Aos 35 anos, Léon Denis se vê diminuído nos seus dotes físicos,[15] com a perspectiva de continuar sua vida a sós, perto de seus pais velhos e enfermos. Se ele abandonasse o trabalho seria para eles a miséria. Como qualquer pessoa, ele esboçara um projeto de casamento com uma jovem que amava sinceramente e era por ela amado, a fim de constituir um lar, um refúgio contra as tempestades da vida. Esperança irrealizável; como poderia ele, ocupado em trabalhos modestos, tornar uma mulher solidária com encargos tão pesados? De outro lado, como poderia gozar as doçuras, os cuidados da vida de família, com despesas crescentes, enquanto o seu caráter de missionário se definia cada vez mais?"

A vida espiritual de Léon Denis foi desde a adolescência orientada para o problema do destino humano; ele nos revelou nesses termos o grande mistério de suas primeiras leituras espíritas:

> "Eu estava mais ou menos com dezoito anos quando, em 1864, passando um dia por uma das principais ruas da cidade, vi numa livraria *O Livro dos Espíritos* de Allan Kardec. Eu o comprei avidamente, escondendo-o de minha mãe, sempre muito cuidadosa com minhas leituras. Detalhe curioso! Ela havia encontrado o meu segredo e por sua vez lia essa obra em minha ausência. Ela se convenceu, como eu, pela beleza e grandiosidade dessa revelação."

O rapaz entusiasmado ia discutir a filosofia kardecista com seus pais que, um após outro, aceitaram essas ideias novas como é fácil ver nesses dois documentos que levam aos princípios pregados por Kardec.

> "Nascer, morrer, renascer e progredir sempre sem cessar, tal é a lei."

Em seguida o belo pensamento de Victor Hugo:

"Os mortos não são os ausentes, são os invisíveis."

O primeiro desses documentos é uma declaração que faz os amigos da família saberem que Joseph Denis, que desencarnara, acreditava na continuidade de vidas existentes depois da morte. Nas vidas sucessivas que o espírito percorre como em degraus para se elevar à eterna luz. O outro se destinava a informar os amigos da morte terrena de sua mãe. Vê-se quanta simplicidade houve nas exéquias e os pensamentos caridosos que tinham animado a Sra. Denis.

"Nascer, morrer, renascer e progredir sem cessar, tal é a lei." – Allan Kardec.

"Os mortos não são os ausentes, são os invisíveis." – Victor Hugo.

*** * ***

Declaração

A família do morto, conforme sua vontade, declara que Joseph Denis deve ser enterrado civilmente, sem o concurso de qualquer sacerdote assalariado. Nisso não existe uma manifestação de ateísmo, como um ato anti-religioso, mas porque ele possuía suas convicções, em sua consciência livre, em desacordo com todo e qualquer culto material.

Joseph Denis acreditava em Deus, princípio soberano e regulador da vida universal. Ele acreditava na continuação da existência após a morte, nas vidas sucessivas que o espírito percorre em degraus para se elevar à eterna luz. É nessa disposição de espírito que ele entrou na nova vida.

"Nascer, morrer, renascer e progredir sem cessar, essa é a lei." – Allan Kardec.

*** * ***

O Sr. Léon Denis tem a honra de levar ao vosso conhecimento a morte terrestre da Sra. Viúva Denis, sua mãe, nascida Annie-Lucie Liouville.

Sua alma se desprendeu da prisão carnal no dia 17 de novembro de 1903, às seis horas da manhã.

Depois de uma penosa existência de sofrimentos, de sacrifício e de dever, ela partiu, com todas as virtudes e os méritos adquiridos, para se recolher no espaço e se preparar para uma vida nova.

N.B. – Ela não quis convidar para seu enterro senão um pequeno número de amigos; recomendou que se evitasse em seus funerais todas as coisas inúteis ou de vaidade, e que se desse aos pobres sem exceção de opinião e de crença o que se gasta comumente em pompas fúnebres.

Essa bondosa mãe do mestre morreu subitamente aos 84 anos de idade. Seu filho conservou sempre viva a mágoa de não ter podido fechar-lhe os olhos. Ele acabara de deixá-la para ir a Lyon onde pronunciaria duas conferências. Apenas a primeira teve lugar, a outra foi transferida para mais tarde. Em *O Problema do Ser e do Destino* pode-se ler a passagem seguinte que demonstra o quanto mãe e filho eram unidos:

> "Nos últimos dias de sua vida, minha mãe me via sempre perto dela em Tours, muito embora eu estivesse longe de lá viajando pelo leste."

Os laços afetuosos se haviam apertado entre eles depois da desencarnação de Joseph Denis, ocorrido em 1886. Durante 17 anos eles viveram no pequeno apartamento que tinha vista para a linda praça de Prebendes-d'Oé sempre verdes graças à feliz combinação de árvores resinosas. Ela é ornamentada com um grande espelho de água, sobre o qual cisnes nadam majestosos, respondendo aos chamados das crianças que lhes atiram pão. Foi nesta residência que o mestre escreveu suas obras iniciais, apoiado em uma pequenina mesa de madeira negra, munida de dois espelhos com a qual ele me presenteou um dia.[16] Pode-se imaginar facilmente o que deveria ser a vida da mãe e do filho. Ele, madrugador, esforçava-se por fixar os pensamentos, que sempre se elevavam para as regiões superiores, enquanto os primeiros titilares dos pássaros subiam das grandes árvores; ela, excelente mãe, respeitava o trabalho do escritor afastando muitas

vezes em um dia visitantes inoportunos com essas palavras: “Léon trabalha”. Seu rigor se abrandava às vezes quando se tratava de uma mágoa a ser consolada (uma pessoa de Tours me disse ter sido recebida graças à intervenção da Sra. Denis tocada pela gravidade do motivo de sua visita).

No álbum da família, precioso tesouro do escritor, pode-se ver, em uma fotografia de amador batida em jardim, a Sra. Denis assentada em uma poltrona, seu filho de pé ao lado dela.[17]

Sua bondade e sua simplicidade se revelam em uma carta datada de 18 de janeiro de 1871 e cujo subscrito diz: “Armada do Loire. Sr. Léon Denis, Lugar-tenente da 3ª Cia. do 1º Batalhão, 1ª Legião dos Mobilizados de Indre-et-Loire”. A mãe, cheia de cuidados para com seu filho, fazia-o ciente do envio de roupas brancas do qual ele teria bastante necessidade. Ela se queixava de sua má saúde, do rigor do inverno e terminava dizendo: “Creio que bem cedo veremos os prussianos, pois que hoje cortaram as pontes de fio de ferro. A Sra. Girrardot te contará o que se passa em Tours, entregando-te o que te enviamos. Teu pai se junta a mim; nós te beijamos com o coração.”

Em uma pequena biografia do mestre, aparecida no *Spiritisme Kardéciste*, número de dezembro de 1920, o Sr. Henri Sausse, contemporâneo de Léon Denis, e que a conheceu na intimidade familiar, escreve:

> “A Sra. Denis me recebia como a um filho em sua casa. Ela não deixava, cada vez que eu lá ia, de me beijar dizendo: “Esta vez é a última, tu não me encontrarás mais quando voltares para ver Léon.” Eu protestava dizendo o contrário, que a reveria ainda e em melhores condições; durante perto de quinze anos fui eu que tive razão. Essa bondosa mamãe Denis não vivia senão para seu filho, que ela adorava, enquanto que ele também a amava muito.”

III
Seus dons

Por volta de seu trigésimo aniversário, Léon Denis foi muitas vezes o objeto de prementes solicitações. Um Senador da Tourange quis atraí-lo para a política e lhe demonstrou a necessidade de se devotar aos seus concidadãos aceitando uma cadeira no Conselho Municipal. Por outro lado, personalidades parisienses e bordelesas o haviam moralmente eleito o continuador da obra de Allan Kardec e propagador da causa espírita. Todos haviam certamente reconhecido as qualidades do rapaz: bela inteligência, julgamento seguro, grande lucidez, eloquência, tenacidade e honestidade asseguravam o triunfo de seu partido e de sua causa.

Às cartas elogiosas do senador, às suas demandas reiteradas, Léon Denis opunha um argumento peremptório: o mau estado de sua saúde e o pouco tempo que lhe deixavam suas ocupações materiais destinadas a assegurar o futuro de seus velhos pais. Os finais das respostas dirigidas ao homem político fazem entrever, por parte do rapaz, um plano de vida bem meditado;[18] nenhuma dúvida é possível; na ocasião e depois sentimo-lo obstinado na ideia de colocar suas forças ativas ao serviço da causa do Espiritismo. Com efeito, desde há uma dezena de anos a leitura das obras de Allan Kardec haviam definitivamente orientado seu espírito para problemas do destino da alma humana, já que o jovem pesquisador encontrou o seu caminho em seguida a uma sessão de tiptologia que teve lugar nos arredores de Mans, no dia 2 de novembro de 1882 e na qual se revelou um guia eminente, de uma excepcional autoridade, que assinou sua comunicação como Jerônimo de Praga.[19] Em uma segunda comunicação trazendo a data de 1º de março de 1883, o Espírito chamava Léon Denis "meu filho". Nós temos a sorte de possuir essa comunicação escrita pela mão do mestre. Ela foi sem nenhuma dúvida obtida em Mans, como a primeira, e pela tiptologia. Ei-la:

> "Caminha, meu filho, no sendeiro aberto diante de ti, eu caminho atrás para te sustentar."

J. de Praga

"Que a mão de Deus te conduza e te sustente nas provas da vida, que Ele seja teu o confidente e teu o pai. E tu meu caro filho, sinto-me feliz de te dizer esta noite que estamos contentes contigo, que contamos contigo para grandes coisas; nós sabemos que tua alma é grande e caridosa; nós te escolhemos, não te preocupes, nós te advertiremos a tempo e em Tours. Que a humildade, quando o momento for chegado, não se torne um obstáculo ao nosso desígnio.

(Eu opus ante ele minhas enfermidades).

Coragem, a recompensa será mais bela."

Jerônimo de Praga
1º de março de 1883.

Alguns anos mais tarde, o mesmo grande Espírito devia ainda exortá-lo à ação, lhe assegurando sempre seu apoio. Nós lemos:

"11 de outubro de 1885.

Meu filho, é preciso difundir por toda parte a vida e a luz, vá onde te chamam, vá onde existe bem a fazer; eu sustentarei teus passos vacilantes, eu te acompanharei nos sendeiros da sabedoria. Coragem, meu filho, não te perturbem os mentirosos, eles não terão forças sobre ti, a verdade por todos os meios. Adeus, meu filho, Eu te abençoo."

No ano seguinte, o rapaz perdia seu pai; havia começado uma série de conferências e não sabia se deveria interrompê-las. Ele interrogou seu guia, chegando de Rochefort no dia 7 de maio de 1886, e, por psicografia, obteve a seguinte resposta:

"Meu filho, não te perturbes e deixes ao tempo o cuidado de aplainar as dificuldades, o grão semeado na dor é mais fecundo e mais produtivo para o semeador; e teu sofrimento te será levado em conta por seu preço. Não renuncies a nada do que é útil; o futuro te mostrará claramente o que tu deves fazer, e as forças necessárias te serão dadas para completares tua missão."

J. de Praga

A partir desse dia Léon Denis, confiante, se entregou ao seu bondoso pai espiritual, a esse guia generoso, que se havia revelado a ele de uma maneira tão inesperada. Daí para a frente, ele se tornou o dócil instrumento do invisível. Durante toda a sua vida esse grande Espírito o dirigiu, dando-lhe instruções e conselhos, como um pai dando-os a seu filho; ele aplainou também seu caminho eriçado de espinhos, pois o sendeiro em que Jerônimo de Praga colocou o rapaz era muito abrupto! Que tarefa ingrata a propagação das ideias espíritas nessa época! Fazia-se necessária a alma de um apóstolo para assumir a condição de ser o pioneiro de uma causa achincalhada, ridicularizada. Em *O Mundo Invisível e a Guerra* (pág. 106), o escritor nos fala a esse respeito:

> "Foi no começo, sobretudo em nossa ação moral, recolhemos mais sarcasmos que aplausos; o Espiritismo era considerado uma coisa ridícula. Mas, de pouco em pouco a opinião pública se tornou mais acessível; hoje escuta-se, reflete-se, compreende-se."

Léon Denis, por seus dons e energia, era o homem para esta causa; além do mais ele era humilde e modesto; como o filósofo Emerson, se mostrava disposto a praticar a lei do abandono completo à Providência, inspirando-se nos conselhos tão sábios que lhe prodigalizavam Jerônimo de Praga, que havia sido, como se sabe, em sua última existência, um chefe, um condutor de almas, um grande Reformador.

Jerônimo de Praga e Allan Kardec foram os inspiradores do filósofo, e este não o ocultava. Quantas vezes ele nos disse "que teria eu escrito, que teria eu feito, sem os meus guias?".

Em apoio do que dizemos, nada mais significativo do que esta última carta do mestre dirigida ao Sr. Pauchard, de Genebra e que aqui reproduzimos de seu *Rapport de la Société d'Etudes Psychiques de Genève* em 1926:

> "Trabalho neste momento com a colaboração do Espírito de Allan Kardec (antigo druida) e, segundo sua vontade, em

> um livro importante sobre a questão céltica em suas relações com o Espiritismo. Isso vos interessa a vós também, Helvéticos, que sois dessa raça, como nós. Meu livro conterá revelações inesperadas com mensagens impressionantes sobre a origem e evolução da vida universal. Depois virá meu último livro sobre o Socialismo e o Espiritismo e isso será "o canto do cisne", tudo isso sob a ordem formal dos invisíveis."

Sim, esse grande pensador era um humilde, um modesto como o prova esta resposta a uma correspondente reconhecida e elogiosa:

> "Vós me louvais muito, mas, vede bem: eu me conheço e me sondo muitas vezes, em minhas preces, ao olhar de Deus; as dobras escondidas de minha pobre Psique, eu as encontro ainda tão cheias de imperfeições que me sinto humilhado e entristecido."

Um outro fato provando a extrema modéstia do mestre me foi fornecido por uma visita que me fez um industrial dos arredores de Paris. Numerosas pessoas eram descartadas entre as que se apresentavam enquanto Léon Denis trabalhava. "Depois de cinco horas!" tal era o conselho dado a Georgette, a devotada doméstica. Em sua ausência, eu a fiz conhecer a um desconhecido que, com um aspecto profundamente aflito, me disse: "Eu estou de passagem e queria tanto vê-lo... Eu queria... abraçá-lo!" Emocionada diante do seu desapontamento, fui defender a sua causa tão bem que ele foi recebido. No momento de sua partida assisti a uma cena tocante. O industrial quis beijar a mão de Léon Denis, mas quando ele se curvava para fazê-lo, este a retirou dizendo: "Não, não, eu não quero, é um sinal de rebaixamento."

Outro traço: Quando o mestre transcrevia passagens de cartas recebidas, ele suprimia os elogios de caráter pessoal, conservando apenas aqueles que tinham relação com a doutrina.

Com suas grandes qualidades naturais, o mestre havia desenvolvido outras. A energia não se faz com arrebatamento: Léon Denis havia sabido controlar a sua e torná-la em paciência. Grandemente combativo, ele foi também um admirável modelo

de resignação. Foi na última parte de sua existência que ele colocou essa virtude em prática para suportar valentemente uma prova tão terrível quanto a meia cegueira que o tornava dependente de outrem para o seu trabalho. Com seu caráter independente, isto foi-lhe certamente muito duro, mas sua força de vontade o fez reagir, e aos 70 anos ele aprendeu a ler, antes, o Braille integral, depois, em seguida, o abreviado, a fim de criar para si uma ocupação agradável e salutar.

Sua resignação na prova e sua grandeza de alma se mostravam nestas palavras que ele me ditou tantas vezes:

> "Eu bendigo minha prova e agradeço a Deus por me tê-la enviado, pois que ela permite a minha alma se depurar e adquirir mais mérito."

Dotado de uma prodigiosa memória, Léon Denis animava sua solidão recitando poemas. *Os Versos Doirados* de Pitágoras, segundo a tradução de Fabre d"Olivet, tinham a sua preferência. Ele amava particularmente esta estrofe que nos fez muitas vezes ouvir:

> "Que jamais o sono feche-te a pálpebra sem te haveres perguntado: Que omiti? Que fiz? Se foi o mal abstenho-me, se foi o bem persevero-me. Escuta meus conselhos: ama-os, sejam eles todos divinas virtudes, eles saberão te conduzir."

Muitas vezes ele retirava de sua pasta uma folha amarelada, gasta nas dobras, e pedia que lhe fosse relida uma das *Tríades Bárdicas*. Ele a sabia de cor e era maravilhoso ouvir aquela voz grave modular as estrofes antigas.

Quando soou a hora em que o rapaz deveria difundir pela palavra o ensinamento adquirido pelos livros, o dom da eloquência despertou nele. Léon Denis nos confiou que teve, no início de sua iniciação, faculdades para psicografia; depois, quando os guias quiseram fazer dele um orador, toda mediunidade desse gênero lhe foi subitamente retirada; a ação dos invisíveis se circunscreveu exclusivamente sobre o cérebro a fim de o impressionar. É a essa mediunidade intuitiva que ele

deveu uma facilidade de argumentação que jamais lhe faltou na sua luta.

Eis duas cartas que nos provam que, mesmo no início, Léon Denis alcançou grandes sucessos oratórios: a primeira vem de Agen; ela foi escrita depois da passagem do conferencista espírita por essa cidade.

> "22 de novembro de 1893.
>
> Prezado Senhor.
>
> Eu esperei dois dias antes de vos escrever para fazer-vos conhecer a impressão geral que deixou vossa conferência; à unanimidade encantastes e quando retornardes tereis ainda mais auditores, embora desta vez 800 pessoas vos tenham ouvido e o Teatro estivesse repleto. Alcançastes um raro e legítimo sucesso em nossa cidade onde vosso nome será conservado como sinônimo do orador delicado e elevado. Fizestes muito bem aqui e torna-se necessário a um grande número de pessoas ouvirem em suas almas inquietas vossa doce, maravilhosa e tão consoladora linguagem.
>
> Eu temo ferir vossa modéstia insistindo, porém vos digo: retornai o mais cedo possível; tendes numerosos amigos em Agen. Quanto vossos pais devem ser felizes por ter um filho tal qual o sois!"

Bem curioso este fragmento de uma carta endereçada a uma pessoa chamada Amélie por seu pai, que acabara de ouvir Léon Denis em uma de suas conferências em Paris.

> "17 de outubro de 1906.
>
> Minha querida Amélie.
>
> Fui no último domingo assistir à conferência de Léon Denis; ela não poderia ser mais interessante. Esse homem, de aspecto muito modesto, terminou por se tornar soberbo; sua palavra é quente, vibrante e arrebatou a assistência; por vezes ele toca o sublime, é um maravilhoso apóstolo. A conferência versava sobre "O Espiritismo e a Democracia"; ele desejou nos provar que a democracia atual, privada de um ideal elevado, não poderia produzir senão homens ansiosos de

> gozos materiais mas cuja consciência se tornaria, de mais e mais, elástica. Ele começou por nos dizer que não tinha, absolutamente, a intenção de nos oferecer uma conferência política, pois não é um homem político, mas eu teria apreciado muitíssimo conversar uma hora com ele e o arguir sobre diversas questões."

Em Paris, Léon Denis fez a maior parte de suas conferências na Sala dos Agricultores ou na da Sociedades Sábias. Na província elas tinham lugar, seja em um teatro, seja na Prefeitura, como sucedeu em Alger; seja nas vastas salas reservadas para este fim na maioria das grandes cidades: a Sala Poirel em Nancy, no Ateney em Bordeaux. Léon Denis havia ficado muito feliz ao ver abrirem-se-lhe as portas da Faculdade de Letras de Toulouse, graças às gentilezas de Jean Jaurès,[20] então professor de Filosofia no Liceu e adjunto do Prefeito; e, mais tarde, aquelas da Faculdade Protestante de Teologia em Montalban, pelo pastor Bèzénech; ali ele havia exclusivamente falado para os estudantes futuros pastores.

IV
O escritor, o moralista

Léon Denis durante toda sua longa existência, não viveu senão para o seu trabalho; como vimos, ele teve que se adstringir a um duro labor manual mas, graças a um vivo desejo de se instruir reunido a uma grande força opinativa, adquiriu, quase sem o concurso de qualquer mestre, conhecimentos extensos em todos os ramos do saber humano.

Ao seu desejo de aprender juntava-se um maravilhoso dom de assimilação, graças ao qual aprofundava e analisava com proveito os livros de exegese, mesmo os mais árduos. Ele possuía uma grande cultura intelectual e se elevava bem acima de seu meio.

Léon Denis teve um magnífico início; sua primeira obra o imortalizara. Ele permanecerá sobretudo como o autor de *Depois da Morte*. A este volume sucederam-se *O Problema do Ser e do Destino*, *Cristianismo e Espiritismo*, *No Invisível (Espiritismo e Mediunidade)*, *Jeanne d'Arc Médium*, *O Grande Enigma*.

Todas essas obras foram, como a primeira, acolhidas com entusiasmo. As cartas elogiosas endereçadas ao autor pela grande imprensa francesa, depois de pura aparição, o provam. Mas este concerto de louvores não o tocava absolutamente e ele fazia apenas sentir que a hora do Espiritismo havia soado. Foi seguramente nesses primeiros 27 anos do século vinte que sua obra conheceu o período de vulgarização mais intensa. O após guerra veio ainda aumentar a venda de suas obras e, por conseguinte, seu renome.

Que pensava o mestre de suas obras? Como o fizemos entrever antes, ele reconhecia humildemente que, tudo sendo o fruto do trabalho de seu próprio pensamento, elas, não obstante, tinham sido, em parte, inspiradas por seus guias espirituais. Henri Sausse escreveu:

> "Apesar desta proteção do Alto, tão evidente e tão francamente reconhecida, pode-se dizer de Léon Denis, com toda segurança, que ele é, absolutamente, o filho de suas

obras. Ele criou em todas as peças a alta situação moral que ocupa hoje por seu labor opinativo, seus estudos perseverantes, sua energia constante e sua força de vontade, sempre agindo e dirigidas para o mesmo fim.”

Um escritor tem, por vezes, uma preferência por um de seus livros e que nem sempre é aquele que alcançou o maior sucesso junto ao público. Léon Denis, oferecendo um dia sua *Jeanne d’Arc* a um visitante, teve esta reflexão: “Esta é milha filha, os outros são meus filhos”, frase que deixa entrever uma preferência marcante por esta obra-prima.

O escritor reuniu em um volume os artigos que havia publicado durante a guerra em diferentes revistas; isto constituiu *O Mundo Invisível e a Guerra*. Quando as provas chegavam em duplos exemplares e ainda frescas da impressora, a metade era enviada ao Sr. Rossignon, refugiado de Reins, fixado em Tours, amigo do escritor, ao qual ele oferecia, desde há muito tempo, o serviço de corrigir as provas das obras. Alguns dias mais tarde, o homem vinha conferir. Nós ambos nos líamos o texto cada um por sua vez e assinalávamos os erros tipográficos. Se por falta de atenção eu havia esquecido um deles, encontrado pelo Sr. Rossignon, eu recebia uma ligeira admoestação do mestre, mas, quando por acaso o Sr. Rossignon havia deixado passar uma falta que não me havia deixado escapar, como eu tomava minha contrapartida! De tempos em tempos os dois velhos estavam em debate por uma regra de gramática, uma mudança completa a ser operada no texto ou simplesmente uma palavra mal apropriada e que convinha substituir. O Sr. Rossignon lutava com tenacidade para fazer triunfar o seu ponto de vista, Léon Denis, com não menor tenacidade, defendia o seu.

Os dois amigos assentados face a face, se curvavam um para o outro no ardor da discussão. Em seus rostos expressivos, suas barbas brancas, seus gestos animados, faziam deles como que personagens destacados da tela de um mestre flamengo. Em meu espírito surgia, então, um melancólico pensamento: a morte viria um dia interromper estas boas reuniões de trabalho em comum! Pois muito bem! Esse momento estava mais próximo do que eu poderia supor.

O Sr. Rossignon chegou em dia de inverno com um tempo muito frio. Era sua última visita! Sua brusca desencarnação nos mergulhou em uma grande tristeza. O mestre perdia nele um velho amigo e um colaborador precioso, pois que o Sr. Rossignon juntamente com a correção das provas tipográficas acrescentava as contas da livraria, o que me foi, daí para frente, confiado.[21]

* * *

Apesar da idade, o apóstolo do Espiritismo havia conservado o espírito vivo e guardava uma grande força de trabalho; seu cérebro estava em constante ignição. Ele superava todas as dificuldades engendradas por sua meia-cegueira, por sua prodigiosa memória, seu espírito de ordem e método e, até à sua doença, só ele tocava em seus papéis. Sua colaboração se estendia a várias revistas francesas e estrangeiras e, por acréscimo, um trabalho ao qual ele me oferecia muito de minúcia e que lhe era imposto a cada ano: a revisão de uma ou outra de suas obras, tendo em vista a tiragem de novas edições.[22] Tornar-se atualizado era sua grande preocupação. A maior parte do tempo o escritor ditava seus textos, mas às vezes uma carta importante ou um artigo que exigia maior cuidado que os outros o obrigavam imediatamente a fixar seu pensamento; ele se servia do lápis e da grade de metal que permite aos cegos não fazer remontar as linhas umas sobre as outras.

Por vezes o mestre recebia uma carta em escritura Braille; era então uma alegria para ele brincar comigo dizendo: “Ah! Esta aqui tu não tomarás conhecimento dela!”, mas a correspondência em Braille não tinha uma resposta pelo mesmo processo. O mestre achava-o muito demorado e não recorria ao estilete senão para fazer suas contas. Ele preferia mais a sua grade, com o auxílio da qual escrevia rapidamente, mas, que desapontamento não lhe ocasionava ela às vezes! Ele me apresentou um dia muitas páginas para decifrar, páginas nas quais não encontrei nada!

– Como? Dizes que está em branco?!

– Exatamente, mestre.

– Mas não é possível!

– Mas sim, eu vejo o que aconteceu: escrevestes com a ponta do lápis quebrada.

Pela primeira vez eu o vi desolado, constatando que o fruto de seu trabalho, o produto de seu pensamento estava perdido. Imediatamente, mal ou bem, ele se esforçou por reconstituir seu texto.

Eu conservo um certo número desses escritos com lápis que me agrada muitas vezes reler. Nenhum contém tantos pensamentos profundos quanto aquele que contém a cena dialogada entre *O Homem e o Espírito*, publicada pela *Revista Espírita* em 1926. Eu me concedo o prazer de transcrevê-la, pois, plena de ensinamentos, é uma das páginas que descreve melhor o moralista:

DIÁLOGO

O Homem – O céu está negro sobre minha cabeça. O sendeiro é tortuoso e eu o percorro contornando o abismo, eu caminho na bruma para um fim desconhecido; quem, pois, guiará meus passos? Quem, pois, iluminará meu caminho? Eu esgotei a taça dos prazeres materiais e, no fundo, não encontrei senão amargura. Honra, fortuna, renome, tudo se desfez em fumo! E agora minha barba se tornou branca, minha fronte desnudou, minha vista está quase extinta. Eu sinto que me aproximo de um fim fatal. Qual será ele? A noite profunda, o silêncio eterno, ou será uma aurora?

O Espírito – Para cima da Terra erga teus pensamentos. Este globo é apenas o degrau para se subir mais alto. Medita e ora. A prece ardente é uma chama, uma radiação da alma que dissipa as brumas, ilumina o caminho, indica o fim. Medita e ora, e se tu sabes orar obterás a visão, a compreensão da beleza do mundo, do esplendor do Universo; tu verás caminho imenso de ascensão, verás almas em etapas para a sabedoria, a paz serena, a luz divina e tu agradecerás a Deus!

Tudo que é material é precário e mutável. Apenas as coisas do Espírito são duráveis; durante o tempo que te resta para

viver aqui em baixo, procura, pelo pensamento e a vontade, te liberares do jugo da carne. Isto te tornará mais rápido o desprendimento da alma por ocasião da morte. Mais fácil tua entrada no mundo fluídico, nas grandes correntes de ondas que percorrem o espaço que te levarão para as esferas superiores onde tu fruirás, conforme os méritos adquiridos, divinas harmonias, até à hora da reencarnação, hora do retorno à Terra, para aí retomares a obra da evolução e do aperfeiçoamento que pareces ter negligenciado ao curso de tua vida presente.

O Homem – Tu me abres perspectivas de deslumbramento que me dão vertigens. Retomar a tarefa após esta vida agitada, atormentada, pesada de tantos cuidados?! Renascer para lutar ainda?! Eu preferiria o nada, o repouso da tumba e o esquecimento.

O Espírito – O nada é apenas uma palavra vazia de sentido. Nada que é pode cessar de ser. O princípio da vida, que nos anima, é um dinamismo poderoso que muda simplesmente de meio no fenômeno a que chamais morte. Minha presença aqui é a prova demonstrativa. Estuda a obra de Deus em ti, em tua alma, e tu reconhecerás o germe de maravilhosas riquezas destinadas a se desenvolverem e se acrescerem de vidas em vidas pelo teu trabalho, pelos teus esforços, até que tenhas alcançado a plenitude do ser na perfeição moral, na posse do gênio e do amor. E quando tiveres alcançado esta plenitude e que tenhas auxiliado aqueles que tu amas a se elevarem, então tu empregarás tuas forças de ação para elevar, por seu turno, todos os que lutam e sofrem sobre os mundos inferiores. Então tu compreenderás toda a majestade do plano divino, a finalidade sublime que Deus outorgou ao ser, desejando que ele seja o artesão de sua felicidade e conquiste-a ele próprio por suas obras.

O Homem – A felicidade? Eu a procurei em vão sobre a Terra e não a encontrei em nenhuma parte.

O Espírito – A felicidade existe, entretanto, aqui embaixo, pois que Deus dispôs por toda parte as alternâncias de alegria e da dor, para o progresso e a educação dos seres. Mas tu

procuraste onde ela não está, nos júbilos da paixão ardente, nos prazeres violentos e fugitivos. A felicidade se esconde como todas as coisas gentis e delicadas. *É em vão que se a procure nos gozos terrestres que o sopro da morte carrega. A felicidade está na aceitação jubilosa da Lei do Trabalho e do Progresso. No cumprimento leal da tarefa que a sorte nos impõe, de onde resulta a satisfação do dever cumprido na paz serena da consciência, único bem que podemos reencontrar no lado-de-lá.*[23] A felicidade está nas alegrias puras da família e da amizade, ela está também nas alegrias que oferecem a natureza e a arte, estas duas formas da beleza eterna e infinita.

A grande desgraça de vossa época reside em que o homem não aprendeu a compreender, a sentir a ação providencial, a medir a extensão dos benefícios que Deus lhe concedeu. Ele se lamenta quanto aos males da vida sem discernir que os males são a herança de seu passado, a consequência de suas ações anteriores que recaem sobre ele com todo o seu peso. Muitas vezes, renascendo, ele pede a dor como um meio supremo de depuração, de purificação, e retornando à Terra, quando a dor se lhe apresenta ele a renega! Foi a noção de uma vida única, que tudo obscureceu, tornou insolúvel os problemas da existência. Da perturbação dos pensamentos, a dúvida, o ceticismo e, para muitos, o materialismo. Quantas existências, que hoje decorrem estéreis, improdutivas, sem proveito para o ser por falta de ver claro e de compreender a finalidade da vida e a grande Lei da Evolução. Então, já não se tem fé no futuro, nenhuma certeza quanto ao amanhã e, em consequência, menos coragem na provação, menos retidão nos atos, nenhuma fé em Deus, em sua obra magnífica.

Aplica-te, pois, a reagir contra estas causas de queda moral, e as destruí-las em ti mesmo, e assim a purificar tua alma e a preparar para ti um destino melhor.

O Homem – Tua voz me despertou como de um longo sono; ela abriu ao meu pensamento perspectivas infinitas. Além da sombra eu entrevejo a claridade no meio da noite, é

um raio vindo do céu. Que tua mão protetora me guie à beira dos abismos.

Por que por tanto tempo tardaste a me instruir, a me conduzir, em lugar da dúvida, do pessimismo, à confiança e à alegria? Mas porque o futuro é ilimitado, desde agora eu quero elevar meu pensamento, minha vontade e meus atos para a finalidade grandiosa que tu me desvendaste! A evolução é a regra soberana da vida Universal! Pois bem, que esta Lei augusta se concretize e que o santo nome de Deus seja bendito!

Léon Denis

*** * ***

Nesta magnífica página nota-se esta passagem: "Muitas vezes, renascendo, ele pede a dor como um meio supremo de depuração, de purificação, e retornando à Terra, quando a dor se lhe apresenta ele a renega!" Pois bem! O manto de carne, que recobre nossa alma, apaga nela toda lembrança. Toda aspiração e nosso ilogismo são apenas uma consequência deste fato. Que de palavras revoltadas Léon Denis ouviu expressas por aqueles que vinham a ele em busca de consolação! Eles se lamentavam da injustiça da vida a seu respeito, e o mestre tentava fazê-los compreender a ação moral da dor e os exortava ao acatamento e à aceitação.

Certamente, alguns seres excepcionais, como Coppée,[24] falaram no "bondoso sofrimento", amaram e renderam graças a Deus por tê-lo infringido, nele encontrando uma fonte de alegria e de progresso intelectuais. Eles são raros! Torna-nos fortes diante da prova o explicar a sua finalidade. Esse foi o cuidado constante do mestre. Em sua obra, a ideia da depuração pela dor retorna como um Leitmotiv.[25]

Muitos se recusam a admitir que a evolução do homem seja uma resultante de provações. É evidente que estas agem diversamente sobre as almas, elas amarguram uns, melhoram outros conforme o grau de evolução de cada um. Atribuir também a necessidade da dor a faltas anteriores, das quais perdeu-se a lembrança é, igualmente, uma ideia rejeitada por

muitas pessoas que apresentam a seguinte argumentação: "Um pai castigaria seu filho, seis meses após ele ter cometido uma falta, quando esta está completamente esquecida?" A isto Léon Denis respondia: "A alma é dificilmente resignada a provação; quando ela retorna ao Lado-de-Lá, reconhece os efeitos benéficos."

Abramos alguns números da *Revista Espírita* e nela separemos alguns pensamentos do mestre quanto à dor, cadinho em que, segundo ele, devem se extinguir todas as escórias de nosso caráter.

> *Número de junho de 1921* – "É por nossos erros e por nossas fraquezas cujas consequências recaem sobre nós, por nossas quedas e nossos reerguimentos, pela dor, a alegria e as lágrimas, que de pouco em pouco a educação da alma se realiza, nosso julgamento se forma e nossa vontade se firma. O homem sucumbe sempre à tentação; ele cai mas ele se levanta, e de suas provas se desprendem, pouco a pouco, a experiência, a beleza moral, todas as riquezas que Deus nele colocou. O sofrimento é o grande retificador de nossos erros e de nossas faltas."
>
> *Número de junho de 1923* – "O sofrimento desperta consciência; é a chave que abre nosso entendimento à compreensão das Leis Eternas que regem a vida e a morte."
>
> *Número de fevereiro de 1926* – "A Terra é um mundo de provas e de reparações, onde as almas se preparam para uma vida mais calma. Não há iniciação sem provas, reparações sem a dor. Só elas podem purificar a alma, santificá-la, torná-la digna de penetrar nos mundos felizes."
>
> *Número de setembro de 1926* – "Em vão os acontecimentos se sucedem trazendo lições as mais significativas e prementes, em vão a morte faz-se sentir em torno de nós, mostrando-nos que os bens materiais são precários e que muitos dias permanecem sem o seu amanhã; os homens se obstinam em suas rotinas habituais.

> "É então que o sofrimento lhes é enviado como um corretivo necessário a fim de levá-los à reflexão. O sofrimento, com efeito, é um potente instrumento de evolução; através dele o espírito se eleva acima das contingências terrestres e aspira por um estado melhor. Através dele nós nos descartamos do passado e conquistamos o futuro, tornando-nos dignos de participar da vida, dos trabalhos, das missões dos seres amados que nos antecederam no Lado-de-Lá. A dor é a purificação suprema."

*** * ***

Mas para que fazer estas citações? O soberbo capítulo sobre a dor, em *O Problema do Ser e do Destino* não é revelador do pensamento do mestre acerca dessa questão essencial do futuro da alma e de sua ascensão?

Dando uma explicação racional das dores humanas, os espíritas se põem de acordo. Léon Denis era muito emotivo; quando nós líamos uma carta emocionante, seus olhos se umedeciam; sensível aos sofrimentos morais e materiais, ele os consolava tanto quanto podia.

Tendo tido conhecimento da subscrição aberta por uma doutora russa em favor das crianças que morriam de fome em seu país, ele largamente contribuiu para o êxito desta boa obra.

Tivemos muitas vezes provas de seu desinteresse; uma delas nos vem à memória. Foi em 1924, a questão financeira, a baixa do franco se tornara o objeto de todas as conversações. Léon Denis se manifestou a esse propósito:

> "Se eu fosse Millerand,[26] disporia de um quarto de seus emolumentos e convenceria os srs. Deputados e Senadores a fazer outro tanto; direi que este belo gesto seria seguido."

A ideia era generosa e demonstra bem que Léon Denis teria levado, por onde quer que tivesse passado, o desinteresse, a grandiosidade da alma posta ao serviço da causa que ele defendia.

*** * ***

Léon Denis, eu já disse, tinha uma extrema facilidade para o trabalho, mas a obrigação em que ele era mais ansioso em ditar e levar os outros a pesquisar era a documentação necessária a seu trabalho. Isso complicava muito a sua tarefa. No decorrer de perto de nove anos, eu fui o instrumento de seu pensamento, a máquina indispensável à sua vida laboriosa, inteiramente consagrada a realizar o bem pela pena, pois que sua avançada idade não lhe permitia mais realizar algo pela palavra.

Ele me ocupava três horas por dia, salvo a quinta-feira, que reservava para fazer algumas visitas aos seus íntimos. O mestre redigia também neste dia um trecho do artigo que ia publicar ou então se concentrava em sua revista em caracteres Braille. Sucedia, por vezes, de desejar fazer uma citação extraída de *La Lumière*; eu admirava, então, a delicadeza de seu toque, a prontidão com a qual a tradução me era dada.

A duquesa de Pomar,[27] disse-nos Gaston Luce,[28] chamava Léon Denis "o homem dos papeizinhos"; disso dei-me conta certamente melhor do que ela, do caráter diminuto e do número incalculável de papéis que o mestre colecionara em sua vida. Que de profundos pensamentos foram assim atirados, espontaneamente, sobre minúsculas folhas que se iam juntar a muitas outras em capas de papelão, na época em que sua vista lhe permitia escrever; ele marcava com uma palavra esta página em branco, a que assuntos se referiam as notas tomadas. Quando eu estava ocupada em algum trabalho de cópia. O mestre me fazia muitas vezes repassar diante dos olhos uma dezena desses envelopes, a fim de encontrar com a única indicação do título a nota que lhe era necessária.

J. Tharaud, em *Mes annés chez Barrés*,[29] conta-nos que o autor de *Pollette Baldoche* e de *Jardin sur l'Oront* tinha este hábito e eu saboreei estas linhas "enfim junto da grande baía, face à mesa de trabalho, um grande armário loreno, do qual as portas do alto tinham sido substituídas por vidro. A essa antiga servente de Bar-le-Duc ou de Nancy, ele confiava o que tinha de mais precioso, os pequenos registros em couro leve que ele mandava comprar nos *Magasin* do Louvre, e onde ele escrevia não como em um diário e de uma maneira regular, suas

impressões cotidianas, mas caprichosamente, todas as vezes que lhe vinha ao espírito um pensamento que lhe parecia dever ser anotado, um fato que o havia interessado, uma carta recebida, um artigo de jornal que ele desejava conservar, uma frase inutilizada em um artigo ou em um volume e que ele queria não deixar perder. “Esgravatemos nossas belezas” dizia ele sorrindo.

Ao curso desta obra eu me senti mais de uma vez surpresa; pontos de vista se assemelhavam entre Léon Denis e Barrés.

Maravilhoso arquiteto, o autor de *Depois da Morte* escolhia judiciosamente entre seus inumeráveis papeizinhos os materiais ao sólido edifício que ele queria construir.

A composição de um artigo era a hora cativante entre todas. Era o momento em que se fazia preciso demonstrar argúcia e rapidez, escolhendo o pensamento do mestre dantes formulado, pois que ele não fazia repetições voluntariamente. Era um instante em que se tornava preciso fazer abstração completa de nossa personalidade, jamais formular algo, sobre pena de fazer explodir as ideias que dormitavam em torno do pensador; numerosas borboletas que lhe forçavam permitir o voo.

Eu notava então uma ligeira agitação no escritor, seus gestos se faziam mais rápidos, sua voz mais breve, e eu não ousava de maneira nenhuma perturbá-lo e guardava sempre uma grande serenidade. Era bom viver e trabalhar junto de Léon Denis! Sentia-me perto de uma inteligência e junto de um coração. Sua amabilidade me tocava particularmente quando ele me associava ao seu trabalho com estas palavras: “Que achar?” e minha resposta não se fazia jamais esperar. O interesse, a variedade do trabalho que me era confiado fazia com que as horas parecessem sempre curtas perto do filósofo. Tharaud junto de Barrés, conheceu também a abstração de sua personalidade; eu não posso deixar de citar ainda: “eu me tornava o verdadeiramente personagem de Chaminsson, o homem que perdeu sua sombra, ou melhor, o homem que perdera sua própria pessoa. Permanece, portanto, bastante estranho que ele tenha podido me imiscuir tão intimamente ao seu trabalho durante mais de dez anos e eu tenha podido por tão longo tempo, tantos dias por semana e por vezes meses inteiros, habitar o pensamento de outra pessoa, e isso deve

tê-lo espantado também, porém a esse respeito jamais me disse nada".

Eu "habitei o pensamento" do mestre com tão grande facilidade porque sua doutrina fora feita minha pela leitura de suas obras alguns anos antes que eu viesse tornar-me sua secretária.

Todas as leituras de Léon Denis puderam marcar-me com aquele vigor, com aquela abundância de estilo de que ele era dotado. Ele possuía uma tal riqueza de expressão, que apresentava as mesmas ideias sob formas absolutamente diferentes, se bem que em desejando compor um artigo, ele ditasse a matéria de dois ou três. Para evitar as repetições era preciso sempre tomar muita atenção e se, por acaso, eu me esquecia de numerar as folhas, eu me perdia.

Os Srs. Gaston Luce e Henri Regnault [30] fizeram com talento a análise da obra do mestre, e me limitarei a falar brevemente dos artigos da *Revista Espírita* que foram os mais apreciados.

Em 1918 aquele que tratava de "O Futuro do Espiritismo" e no qual Léon Denis escrevia que:

> "A Doutrina dos Espíritos surge como um raio consolador se levantando sobre um mundo de escombros e de ruínas."

Ele pôde constatar em meios muito diferentes os progressos crescentes da ideia espírita da opinião pública em geral e afirma que:

> "No meio do grande drama que estremece o mundo, muitas almas se entristecem e os pensamentos se voltam para o lado-de-lá, ávidas de consolação e de esperança."

Magistralmente o mestre mostra qual deve ser o objetivo do Espiritismo e, como expressou em todas as suas obras, insiste para que as provas experimentais sejam provocadas, pesquisadas, coordenadas:

> "Essa pesquisa da verdade deve ser perseguida com o auxílio de um controle rigoroso e metódico. A luz da vivência do espírito moderno nos impõe passar todos os fatos pelo crivo de um exame imparcial e devemos nos premunir contra

os perigos da credulidade e das afirmações prematuras. Em se apoiando sobre provas sólidas o Espiritismo deve preparar e renovar a educação científica, racional e moral do homem.

A ação do Espiritismo deve, pois, se exercer em todos os domínios: experimental, doutrinário, moral e social. Há nele um elemento no qual podemos tudo esperar, tudo aguardar. Pode-se dizer que ele é chamado a se tornar o grande libertador do pensamento escravizado há tantos séculos. É ele que lançará no mundo os germes da bondade, da fraternidade humana, e estes germes frutificarão cedo ou tarde."

Léon Denis, líder venerado da doutrina Espírita, continuador de Allan Kardec, sempre chamou atenção de seus adeptos para a bela e simples palavra de amor ensinada por Cristo há dois mil anos. Ele sonhou com a paz entre os homens, não pela unificação de crenças, que ele reconhecia impossível, mas pela bondade se exercendo a respeito das divergências de opiniões. O Espiritismo, segundo ele, não sendo uma religião nova, mas o complemento de todas as religiões, o terreno de apoio da maioria delas, seus adeptos pertencem a todas as religiões: católica, protestante, judia.

Em uma série de artigos intitulados "Golpe de vista sobre o tempo presente",[31] o mestre trata do mesmo assunto com o vigor da expressão e o encanto do estilo aos quais ele havia habituado seus leitores, fazendo-os compreender que o Espiritismo é uma ciência e também uma filosofia e uma moral.

"É aí – escreve ele – que aparece a grandeza da nova revelação, pois ela põe fim ao conflito popular que dividia o espírito humano e vem conciliar na mesma síntese a ciência e a fé, a esperança e a crença."

Nesse mesmo ano, Léon Denis tomou a defesa do livre arbítrio,[32] combatido por muitos órgãos deterministas radicais; como sempre tratou com tato e medida na controvérsia:

"O problema do livre arbítrio e do determinismo, que ergueu e ergue ainda tantas contradições, me parece, muitas vezes, mal colocado e as divergências de vistas sobre este

ponto resultam, sobretudo, de um mal entendido. Em realidade, seria justo dizer que somos ao mesmo tempo livres e determinados e isto segundo uma medida que varia com nosso grau de aperfeiçoamento. Àqueles que exigem axiomas ou fórmulas científicas poder-se-ia dizer: o livre arbítrio está para cada um de nós em relação direta com a perfeição conquistada: o determinismo está em razão inversa do grau de evolução."

Para o mestre a questão livre arbítrio está estreitamente ligada ao problema da evolução pelas vidas sucessivas. Ele recusa absolutamente os testemunhos de: Spinoza,[33] Shopenhauer,[34] Tayne [35] e Voltaire,[36] invocados em favor do determinismo e responde a um contraditor, jornalista de talento, que ele apreciava por sua viva inteligência e seu espírito agudo:

"A opinião desses ilustres pensadores acerca desses pontos é sem valor aos nossos olhos, pois que eles ignoraram ou desconheceram a lei das existências sucessivas, pois só ela elucida esta grave questão. No momento em que importa, sobretudo, reanimar as energias desfalecentes e retemperar as almas em vista das provas futuras, não é uma ironia amarga dizer ao homem que ele é o joguete de forças ambientes, uma espécie de autômato submetido a influências diversas contra as quais é impotente para reagir? Não é uma linguagem culpável a de declarar aos viciosos, aos perversos, a todos os marginais da Humanidade que desolam a Terra, que não são responsáveis por seus atos?

Não seria muito protestar contra tais teorias que, ao invés de despertar as consciências que dormem, em lugar de emprestar coragem aos desesperados, desarmariam um homem nos combates da vida e precipitariam seu desfalecimento moral e sua queda?

Não, certamente; os sutis raciocínios, os engenhosos sofismas dos deterministas, não chegarão jamais a levar às almas vacilantes sua iniciativa, sua força moral, a enganar o homem honesto."

Essa questão se tornando sempre o objeto de intermináveis discussões na literatura espírita, o mestre deveria tratá-la de novo, alguns anos mais tarde, sob uma forma original: um pronunciamento feito por um Espírito que descreve suas impressões ao entrar no lado-de-lá [37] – nunca o mestre se entregou tanto quanto nestes artigos que tocavam estes pontos tão discutidos da liberdade humana.

Em 1922, os artigos sobre "O Espiritismo na Arte" [38] foram escritos com a colaboração de um Espírito que veio às sessões e deu, por muito tempo, comunicações sobre a arte da escultura no espaço. A arte da música, que foi tratada em seguida, com a colaboração do Espírito de Massenet que, pelo órgão de um médium, deu todo um curso, seguindo o método que ele ensinava no conservatório.

No ano seguinte, o artigo sobre "O Espiritismo e as forças radiantes" [39] ocupou o mestre, que deixou por momento, o ponto de vista doutrinário, para desenvolver as ideias que a ciência põe cada dia ao serviço da causa espiritualista.

Entre todos estes artigos, os mais cativantes foram aqueles sobre o "Socialismo e Espiritismo".[40] Para documentação, eu havia encontrado, como biografia de Jaurès, apenas a obra de Rapport. Léon Denis, ao primeiro olhar, não havia acolhido esta descoberta com muito entusiasmo e havia feito um muchocho, mas, à sua leitura ele foi agradavelmente surpreendido por constatar o valor moral e espiritual do grande publicista, orador e tribuno, foi um verdadeiro regalo para ele entrar na intimidade do chefe do Partido Socialista, que ele havia visto outrora em Toulouse.

Quando se escrevia ao mestre sobre este assunto, ele respondia: "Não é minha fantasia que criou um Jaurès espiritualista." Por que não faríamos nós conhecer sob esta nova luz o grande democrata, aquele que, descrevendo a inquietude e o vazio do qual sofre o pensamento moderno, se exprimia assim:

> "Há, na hora atual, como que um despertamento de religiosidade; encontram-se por toda parte almas doloridas, procurando uma fé. Tem-se necessidade de crer, está-se

fatigado do vazio do mundo, do nada brutal da ciência, aspira-se em crer... Em que? Qualquer coisa, não se sabe, e não há, por bem dizer uma dessas almas sofredoras que tenha coragem de procurar a verdade e pôr à prova todas as suas concepções e de construir, por si mesma, por um incessante labor, a mansão do repouso e da esperança. Assim, não se vê senão almas vazias, como espelho sem objeto que se refletem um no outro. Supre-se a pesquisa pela inquietude, isto é mais fácil e mais distinto...

Quem não teve, uma vez em sua vida, necessidade de uma fé é uma alma medíocre."

Esta série de artigos foi muito notável, e o Sr. Jean Finot, diretor da *Revue Mondiale* fez a seu respeito muitas citações. A questão social valeu ao mestre um sem número de bonitas cartas, uma, entre outras, do Sr. Adolph R., de Toulouse que dizia ter ouvido em 1914 uma conferência de Jaurès sobre Tolstoi, e encontrava certas similitudes entre as ideias de Léon Denis e as do Grande Chefe do Partido Socialista. Desta carta transcrevemos a passagem seguinte:

"O Socialismo fez até aqui, me parece, o que fez Tolstoi: ele viveu sobre velhas fórmulas, mostrou como ideal para as multidões humanas, caminhou na noite sob a vaga luz de uma imensa aurora distante, bem distante no horizonte. No dia em que ele compreender por fim a evolução, ele terá um ponto de apoio seguro, um objetivo claro e definido, meios de persuasão e de ação simples, compreensíveis para todos e seus progressos marcharão a passos de gigante na harmonia e na paz."

No ano seguinte, "Céu e Terra" reteve toda a atenção do mestre que parecia muito feliz de falar acerca dos astros, para os quais ele sentia uma atração, uma curiosidade natural; durante anos o "Annuaire Astronomique" de Flammarion foi sua leitura favorita, e ele recorreu muitas vezes a essa coleção durante a redação de seus artigos.

Em 1926, muito ocupado pela obra em curso sobre *O Gênio Céltico*, não pôde prosseguir na sua colaboração regular para a

Revue, para a qual ele remeteu apenas um artigo sobre "Os Tempos Difíceis", e um outro, bibliográfico, sobre a obra de seu amigo, Wautier d'Aygalliers [41] intitulado: "As Disciplinas do Amor", pelo qual se mostrou entusiasmado.

Nos primeiros dias de abril de 1927 o querido mestre nos ditou ainda um prefácio para a biografia de Allan Kardec, que o Sr. Jean Meyer lhe havia solicitado para o dia 15; o escritor tinha sempre a mesma facilidade, suas forças intelectuais estavam intactas. A doença devia abatê-lo poucos dias depois.

Léon Denis não conheceu jamais o tédio; ele amava o trabalho e, além disso, seus guias se lhe impunham de uma maneira muito peremptória. Em uma sessão, um médium que não tinha, conscientemente, conhecimento de todas essas questões, lhe disse um dia:

– Somos nós que te inspiramos teus artigos sobre o Socialismo; eles têm um grande alcance, tu deves trabalhar sempre e de mais em mais, tua tarefa está longe de estar encerrada.

– Mas eu estou muito velho – respondeu o mestre – para uma tarefa tão grande!

Tal como os velhos profetas de Deus, fatigados por sua tarefa, pediam a Deus que o chamassem a Si; e Jeová recusava:

– Caminhai ainda, caminhai sempre! – lhes respondia Ele – Ide denunciar os reis de Israel, loucos e cruéis, e ameaçar, com minha ira, os povos que vos lapidarão.

V
Sua correspondência

Léon Denis recebia diariamente numerosas cartas da França e do estrangeiro, das quais o abrimento durava por vezes uma hora. Elas vinham de todas as partes do mundo: Suíça, Bélgica, Inglaterra, Espanha, Romênia, Sérvia, Grécia, as mais distantes da Noruega, Madagascar, do Camerum, da Ásia Menor e do Brasil. Certos correspondentes solicitavam ao autor autorização para traduzir algumas de suas obras, outros, aflitos em sua maior parte, exprimiam a alegria de terem sido consolados por um livro do escritor espírita.

No artigo "Cinco anos depois",[42] o mestre, desejando demonstrar os benefícios exercidos sobre as almas doloridas pela compreensão da doutrina espírita, fez uma seleção desse volumoso correio a fim de reproduzir as mais belas cartas.

Essa correspondência, de uma leitura tão emocionante que dela nos descartávamos com pena, continha pensamentos de uma riqueza desconhecida, tanto a dor humana pode ser eloquente. Mulheres, que a morte havia separado de um marido adorado, de uma filha única, ou de um filho, exprimiam sua dor de uma maneira pungente. Mas, muitas vezes, ao grito de dor, sucedia a hosana da alma que encontrou a paz do coração, a esperança do reencontro; a leitura de *Depois da Morte* ou de *O Problema do Ser e do Destino* havia feito compreender a estes infortunados a finalidade do sofrimento e o sentido da vida.

Muitas dessas cartas provinham de homens que reconheciam ter encontrado nas obras de Léon Denis o "porquê da vida", em vão procurado durante toda sua juventude. Nenhum estudo filosófico havia satisfeito até então a sua fé e sua razão. Um grande número, arrastando como uma grilheta o remorso de haver desperdiçado sua existência, exprimiam seu lamento de ter conhecido muito tarde a doutrina das vidas sucessivas.

Das oito cartas publicadas na *Revista Espírita*, seis se tornaram de nossa propriedade; nós as reproduzimos por extenso

naquelas das Sras. Godefroy e Mina Radovici; embora fragmentadas, elas não deixam de ser muito interessantes.

Eis duas cartas de mães, uma sérvia e outra romena, desesperadas com a morte de suas filhas únicas.

"Belgrado, 14 de outubro de 1922.

Venerado mestre.

Há dois anos e meio que perdemos nossa filha única, nossa filha bem-amada e mergulhamos, meu marido e eu, em um desespero sem limites. Ela era toda nossa felicidade, todo nosso amor, e nesse amor toda nossa vida foi concentrada. Para que viver quando não se tem um objetivo, por que trabalhar e lutar? E então, quando a dor chegou ao seu cume, quando a consolação não chegava de nenhuma parte, mesmo da religião na qual nós a procurávamos, ouvi em meu foro interior uma voz que me dizia: "Lê os livros espíritas, lê as obras de Léon Denis". E eu obedeci a esta voz. Então, caro mestre, vossas admiráveis obras iluminaram minha alma com um raio de esperança. Eu concebi que a vida não é um acaso fortuito, mas que ela é governada por Leis imutáveis e justas; estou convencida, no presente, de que não estou separada de minha filha querida senão por algum tempo e que nós nos reencontraremos na vida do Espaço, bem melhor, bem superior àquela da Terra.

Quando este sentimento me invadiu inteiramente, veio-me o desejo de ir em ajuda de outras mães aflitas e de todos aqueles que choram seus seres queridos desaparecidos. E como nenhuma de vossas obras está ainda traduzida em sérvio, eu me dirijo a vós para vos solicitar a permissão de traduzir vossa obra *Depois da Morte*. Quantas mães aflitas, que choram seus filhos caídos no campo da honra, vos serão reconhecidas e vos abençoarão pelas palavras de consolação que se encontram nesse livro!

Kozara Katitch
Obliev Vende, 46"

"Bucareste, 3 de setembro de 1923.

Venerado mestre.

Antes de tudo, eu quero vos exprimir meu profundo reconhecimento! Por vossos escritos salvastes minha alma. Embora seja crente, em seguida a uma grande desgraça, a perda de minha única filha, a ideia de suicídio me assediou. Recorri às minhas crenças religiosas em busca de consolação, voltei apenas com a revolta. À força de meditar, cheguei a duvidar de Deus, de sua bondade, de sua justiça. Não podia conceber um Deus justo e bom, ferindo tão cruelmente uma pobre mãe que nada havia feito para merecer esta terrível sorte. Durante mais de um ano, um desespero que cada vez se tornava maior torturou minha pobre alma; eu aspirava a morte, o nada! Uma de minhas tias me aconselhou a leitura de *A Nova Revelação*, de Conan Doyle, que fez nascer em mim uma luz de esperança. Tomei gosto pelas leituras espíritas; a primeira obra que procurei foi vossa *Depois da Morte*; eu a li, reli e a relerei ainda e sempre. Hoje, uma nova fé enche minha alma, eu creio em Deus, em sua bondade, em seu amor! Se a perda de minha querida filhinha me faz sempre realmente sofrer, eu aceito este mal com paciência e espero com serenidade o dia em que Deus quiser chamar-me a Ele para reencontrar minha filha.

Em nosso país há tantos aflitos aos quais a Grande Guerra arrebatou filhos, maridos, pais, irmãos, que encontrariam como eu uma consolação para suas dores, se pudessem conhecer os benefícios do Espiritismo! Tendo um ardente desejo de me tornar útil à causa espírita e a meus semelhantes, eu vos peço, por amor da verdade, a permissão para traduzir vossas obras.

Mina Radovici”

A atenção do mestre se fixou sobre duas cartas masculinas. O reconhecimento dos homens se exprimia em termos mais vigorosos, mas não menos tocantes. O Dr. Moty lhe escrevia no dia 10 de janeiro de 1898, quando ele era médico-major do Primeiro Corpo da Armada em Lilly.

“Senhor e prezado mestre.

A magnífica síntese de humanidade que condensastes em vosso prefácio produziu-me o efeito de uma revelação, encheu-me de uma admiração entusiasta e me fez ver o caminho. Levando-vos a homenagem destes sentimentos, creio ter cumprido um dever de piedade. Aquele que escreveu tais páginas está, certamente, acima do orgulho, e com mais forte razão acima da vaidade, mas tem direito ao reconhecimento daqueles que sustentou na via espiritual, e a certeza daqueles que sentem com alegria este dever, será sem dúvida a melhor recompensa de sua vida tão generosamente voltada para o próximo.

Até breve, senhor, pois agora eu creio que nos reveremos, mesmo se um de nós desencarnar amanhã, e aceitai a expressão de meu profundo reconhecimento. Um de vossos novos discípulos.

Dr. Moty
Médico principal da Segunda Classe
Hospital Militar de Lilly”

Como é tocante também a bela carta de um comandante reformado, que toma o mestre como confessor e por uma fria análise de si, faz maravilhosamente ver quantos esforços fez, quantos estudos, a fim de descobrir um sentido lógico para a vida. Eis as principais passagens:

“Após perdas de entes queridos, cheguei ao último limite, aquele que precede à velhice. Senti nesse momento uma ardente, uma imperiosa necessidade de crer e de orar. Fui educado na religião católica, mas os dogmas de minha infância não me satisfaziam mais e, apesar de uma grande boa vontade, as velhas fórmulas me pareciam mortas. Eu procurei outras, fui quase até o panteísmo de Spinoza, porém sua aridez e sua secura me enregelaram; em tudo aquilo faltava calor, vida e entusiasmo; os templos onde penetrei me pareciam vazios. Foi um período muito penoso e eu comecei a me desencorajar. Então um acaso, uma conversa imprevista com um colega me levou a ler vosso belo livro *Depois da Morte* e isto foi uma revelação. Tudo quanto dormia em mim

de ideias vagas, de aspirações não formuladas, ganhou um corpo; foi como uma cristalização súbita. Pareceu-me que eu ouvia uma língua esquecida há muito tempo, uma linguagem que eu havia conhecido outrora, em um tempo muito antigo. Senti um calor no coração e no espírito, uma tranquilidade, uma serenidade que ignorava há muito tempo. Daí então, minha vida interior ganhou uma orientação nova e, creio eu, definitiva. Tudo isso devido à vossa obra e eu desejava levá-lo ao seu conhecimento. Julgo que vos agradecer seria uma banalidade. Permiti-me vos abraçar de coração. Crede que não é uma frívola e mundana curiosidade que me leva a vós, porém, antes, vossa concepção dos objetivos humanos, que este encaminhamento de todos para a luz e suas radiosas esperanças, que ofereceis aos espíritos inquietos dos homens.

Comandante B."

Pessoas de todas as idades, de todas as condições sociais, se debruçaram assim no coração do grande apóstolo. As cartas dos jovens tocavam particularmente o velho mestre; o silêncio emocionado que ele guardou depois da leitura da do jovem Pellegrin parecia uma ação de graças.

"Lyon, 26 de maio de 1920.

Mestre.

Permiti-me dar-vos este título, a vós que me haveis relevado a finalidade grandiosa da vida despertando minha alma que se sufocava no materialismo. Permiti-me vos agradecer pela visão magnífica que me haveis feito entrever. Eu sou jovem, educado na crença da Igreja, meus estudos e sobretudo aqueles da ciência positiva mataram minha fé. Para mim, como para muitos de meus amigos, a vida, devida ao acaso, não passava de uma vasta ironia. Eu me tornei trocista, negando todo ideal, mas isto não era senão uma máscara com a qual eu queria esconder minha profunda tristeza; eu lamentava a fé ingênua de minha infância. Um dia o acaso (foi mesmo o acaso?) fez cair sob meus olhos um de vossos livros. Foi para mim uma revelação; mas eu sou impotente para descrever as sensações violentas e, entretanto, tão doces

que estes horizontes sublimes que me desvendastes abriram para mim. Vós haveis criado minha alma uma segunda vez.

Em seguida eu li todas as vossas obras; elas permanecerão para sempre as companheiras de minha vida. Vossa pena brilhante fez-me compreender a humanidade, a beleza da dor e a retificação de nossas faltas através do amor, o estudo, a caridade. Sendo sozinho na multidão humana, vós permanecereis sempre, para mim, como o pai de minha alma que desprendestes da matéria mostrando-lhe o caminho que conduz às alegrias eternas, rota na qual sois um dos mais puros archotes.

E, em vos agradecendo ainda do mais profundo de minha alma, permiti-me dizer: Vosso ardente e respeitoso discípulo.

Louis Pellegrin
38, Rua Valbran"

A carta da Srta. Jeanne Flavier, toda feita de simplicidade e de sinceridade, é ainda uma daquelas que fazem ver quão salutar ação exercia a leitura das obras do mestre sobre os espíritos e sobre os corações feridos pela dor.

"17 de janeiro de 1920.

Senhor.

Eu temia ser importuna se a leitura de vossos livros não me tivessem dado uma grande confiança da bondade de vossa alma.

Muito afligida pela guerra, esta leitura me reconforta e deixa uma calma em minha alma jamais experimentada até então. Perdemos sucessivamente um irmão de vinte anos, um pai, médico-major de 1ª classe, desencarnado em seguida de uma moléstia muito penosa, contraída nos hospitais e, em 1918, um outro irmão de 28 anos, capitão da 4ª Artilharia, também se foi.

Minha pobre mãe, numa tristeza penosa porém muito piedosa, guardava no fundo do coração uma vaga esperança de rever nossos seres amados e corajosamente vivia para mim e meu jovem irmão, classe 1917, que felizmente retornou a

casa. Quanto a mim, com a alma em revolta, não podendo compreender certas injustiças de nossa religião, quase me inclinava para o nada. Foi quando uma amiga começou a me falar do Espiritismo; lemos vossos livros e outros ainda, e toda a sublime lógica que promana deles nos prendeu, nos dominou e acalmou em nós os rancores da vida, dando-nos confiança e fé no futuro. Minha querida mãe está agora sorridente, quase feliz! Eu desejaria, caro senhor, prosseguir até mais longe neste estudo e venho vos solicitar alguns conselhos.

Muitas vezes temos feito girar a mesa, evocando meus irmãos. Tivemos provas indiscutíveis de sua presença junto a nós; mesmo anteontem eu cheguei a escrever algumas frases muito piedosas provindas de meu jovem irmão. Não conhecendo ninguém no mundo espírita, eu desejaria saber a quem me dirigir para assistir a uma reunião e talvez chegar a reencontrar meus irmãos. Embora receando abusar de vossos preciosos momentos, eu vos pediria alguns conselhos a fim de chegar ao melhor sem cometer erros.

Com todos os meus agradecimentos pelo grande bem que já haveis feito, crede, senhor, em minha alta consideração.

Jeanne Flavier”

Uma das consequências da cruel guerra de 1914 foi a de incitar à leitura de obras consoladoras, em primeiro lugar daquelas entre as quais se colocam as de Léon Denis.

Quantas mães lamentosas, viúvas e irmãos, fizeram-no confidente de suas desesperanças e testemunharam-lhe seu reconhecimento: uma educadora do departamento de Tarn-et-Garonne, a Sra. Thoumazet, endereçou-lhe uma epístola interessante entre todas e que se iniciava assim:

“Eu não vos conheço e, entretanto, contraí para convosco uma imensa dívida de reconhecimento. Obrigada, é a primeira palavra que eu vos devo dizer e que devo melhor dizer. Através de vosso belo livro *Depois da Morte* haveis nos dado a luz e a alegria. Perdemos, no cumprimento do dever, um sublime devotamento coroando uma vida de

virtudes, o ser mais querido, o mais amante e o mais amado e nossa dor era extrema. Foi lendo vosso livro e fazendo minha filha relê-lo, pobre viúva desesperada, que uma doçura penetrou em nossos corações, que a grande, a bela esperança de rever nosso ser amado nos deixou a coragem de viver e fez nascer em nós a esperança; e esta esperança, Sr. Léon Denis, se transformou em certeza. Nosso filho retornou para nos consolar."

E aqui, a sogra do desencarnado dava detalhes sobre suas experiências fortuitamente obtidas de início por sua filha viúva e por ela mesma em seguida, embora nenhuma e nem outra tivessem conhecimento da mediunidade que possuíam.

O espírito se comunicou para seu grande espanto e sua grande alegria. A jovem senhora havia perdido seu marido em Tahure, no dia 19 de outubro de 1915, e ele se manifestou a 11 de fevereiro de 1916 em uma curiosa circunstância. Eis a passagem da carta:

"Minha filha estava sentada diante de uma escrivaninha e escrevia sobre um caderno o preço das diárias pagas à doméstica. A pena, ao invés de formar cifras, escreveu com força: "Sou eu", com força doce, quase acariciante, mas que imprimia à mão sua vontade e seu desejo.

– Oh! Meu Deus – gritou minha filha num transbordamento de alegria misto de medo –, és tu, Albert?

E trêmula, baixou de novo a pena e um grande *Sim* mais doce e mais acariciante, lhe respondeu. Emudecida ela mostrou a folha de seu caderno à sua mãe. No dia seguinte retomou a pena e, fazendo perguntas, obteve a certeza de que estava fortemente em contato com o ser querido que ela havia perdido."

Ela termina sua carta dizendo ao mestre:

"Eu vos agradeço! Todas as alegrias do mundo, todos os tesouros da Terra não são nada perto da felicidade inefável que possuímos. Que Deus vos abençoe pelo bem que nos haveis feito, a todos vós, os apóstolos do Espiritismo, cujas

palavras são tão persuasivas e tão verdadeiras. Fazeis ouvir vossa voz aos quatro cantos do mundo; temos tanta necessidade de uma regeneração! Há tanto mal, causa de tantas dores!”

Uma viúva de guerra, a Sra. Godefroy, havia, igualmente, encontrado no Espiritismo a força de viver após a perda de seu marido, desencarnado na guerra.

“Paris, 25 de agosto de 1917.

Ferida por uma cruel desgraça, a morte em plena juventude de um marido adorado, caído no campo da honra, após três anos de guerra, e que permaneceu nas linhas inimigas, fui socorrida pelo mais belo livro que me foi dado conhecer: *Depois da Morte*, vossa obra que um amigo simpatizante, muito bem inspirado, me emprestou. É do tempo em que li este livro que me refiro aqui. Ele foi para mim uma fonte de luzes, de alívio, de resignação serena e forte. Graças a vós eu compreendo enfim a verdade que a igreja nos escondeu com uma cegueira muito culpável, se ela é voluntária. Unicamente a certeza que meu querido marido vive junto a mim em uma existência mais feliz, largamente merecida por suas belas virtudes e seu derradeiro sacrifício e a certeza que ele me ama sempre e que eu o reencontrarei dá-me a disposição necessária para prosseguir em minha rota e preparar meus novos deveres, pois eu espero um filho.

Quando estou sozinha, ouço em torno de mim batidas repetidas, que me são doces ao coração. Eu pude mesmo escrever, automaticamente, algumas palavras. No dia 8 de junho soube, assim, pelo Espírito de meu marido, que ele havia sido morto por uma bala em plena cabeça, face a face ao inimigo, o que me foi confirmado apenas no dia 8 de agosto.

Sra. Godefroy”

Da correspondência recebida pelo mestre, poder-se-ia fazer muitos volumes que provariam superabundantemente a eficácia de sua obra; somos forçados a nos limitar; mas como resistir ao

prazer de transcrever ainda algumas outras. Um bretão, Capitão de longo curso, escrevia a Léon Denis de Tonnay-Charente, no dia 16 de março de 1924:

> "Desde alguns anos, eu vos conhecia por vossas obras. Permiti-me, mestre, exprimir a homenagem de minha profunda admiração e, sobretudo, de meu profundo reconhecimento pelo bem que me fizestes; não tenho, absolutamente, a intenção de vos oferecer incenso grosseiro, do qual vossa alma depurada não poderia ter necessidade, porém deixar uma alma amiga, cujas vibrações se aproximam da vossa, de se exprimir um instante com ela.
>
> Desde que estou em terra procurei com paixão o conhecimento da verdade. Certos homens, e em sua maioria, creio, podem viver sem isso, mas para mim era impossível.
>
> Percorri livros teológicos, São Tomás de Aquino, Santo Agostinho, e os questionei comigo mesmo, raciocinei, pesei, e havia sempre qualquer coisa de inexplicável e inexplicado. Santo Agostinho se detém, ele mesmo, por um momento, sem poder contornar as dificuldades, ele confessa...
>
> Um dia, em Marselha, olhando as vitrinas das livrarias, sempre procurando encontrar o que buscava, encontrei vossas obras. Faz-se necessário dizer-vos a verdade: Senti que havia sido conduzido até lá por uma força. Aquele que vela sobre mim e que toma parte em todas as minhas dores como em minhas alegrias seguramente guiou-me. Minha razão se encontrou subitamente diante de uma intensa luz. Que alegria! Aquele que se dessedenta diante de uma fonte de águas claras. Li todos os vossos livros. Sim, é lá que está a verdade... Sede feliz, haveis feito o bem, outros além de mim, certamente, encontrarão o que buscavam e outros chegam que serão guiados para o caminho que conduz à luz. Os dogmas católicos, nos quais fui educado, jamais produziram em minha alma um resultado semelhante. O inferno eterno não detém ninguém na crista do mal, mas o que pode deter, é saber que nossa destinação não está fixada irremediavelmente por ocasião da morte, e que nosso céu somos nós que o fazemos, e que o fazemos quanto mais depressa forem os

nossos esforços que devem ser cada vez maiores e que nosso desejo de aperfeiçoamento se torne maior, que nosso despertamento se torne mais rápido. São felizes aqueles que sofrem por não serem mais perfeitos!

O Espiritismo fará progressos, estou convencido disto, a luz não pode permanecer sob o alqueire e há muitas almas que sofrem por obscuridade em vista de não tê-la encontrado.

Vossa vida terrestre não será, talvez, muito longa, mas quando partirdes deixareis após vós a boa semente que haveis semeado e que germinará e vós continuareis, do outro-lado, a trabalhar para a evolução moral da humanidade. Sois daqueles que avançam depressa. Para terminar, meu senhor, meu grande irmão, permiti que eu empregue esta expressão, dir-vos-ei que estou, doravante, nas trilhas novas de Allan Kardec que vós haveis desenvolvido e isto sem desejo de vos agradar mas depois de madura reflexão. Em torno de mim, tento comunicar minhas impressões para difundi-las, mas é muito difícil. No meio em que vivo e, creio, em geral, em todos os meios, inclina-se aos prejuízos, às crenças dogmáticas. Os espíritos capazes de discutir sadiamente são ainda bastante raros na multidão, falta, sobretudo, independência de ideias e a preocupação da pesquisa da verdade.

Rogo-vos aceitar, mestre, meus melhores sentimentos de simpatia e de reconhecimento.

Louis Le Damany”

Uma jovem viúva, médica russa, dirigindo um preventório em Pas-de-Calais, se endereçava ao mestre nestes termos:

“23 de março de 1924.

Senhor.

É a primeira vez em minha vida que dirijo uma carta a um autor que não conheço pessoalmente, porém eu não poderia deixar de fazê-lo, pois meu reconhecimento por vós é muito grande para deixar de ser dito.

Eu não sou espírita, não, eu estou ainda na idade em que se procura, em que se aprende, mas eu já conheço vossos livros; *Depois da Morte* me ajudou muito a suportar minha dor, tendo perdido meu marido em março de 1918, cinco meses após meu casamento; mas é, sobretudo, por *O Problema do Ser e do Destino* que eu venho vos agradecer.

Qualquer que seja a concepção que se tenha, não se pode negar a luz que esta obra traz em si. Quando acabrunhada pela dor e a solidão, debrucei-me para a terra, quando meu céu se tornou tão sombrio que eu já não o via mais, bastava-me tomar vosso livro para que uma luz se fizesse em mim, pois eu não esqueço que sou apenas uma alma, um espírito.

Recebei, senhor, todo o meu reconhecimento emocionado pelo auxílio que encontrei neste livro.

Raïa Gonthier

Desculpai-me por escrever tão mal, eu sou estrangeira.”

Por que não transcrever a magnífica carta desta correspondente do Havre, filha de um pastor?

“Senhor.

A leitura de vossas obras me fez muito bem, não somente a mim, mas também a muitos de meus amigos; graças a vós, almas desamparadas encontraram seu caminho, compreenderam a finalidade e a razão da vida. E com resignação ganharam coragem; outras mudaram sua vida, compreendendo, graças a vós, as responsabilidades que têm por seus atos e o conhecimento destes. Todos os vossos leitores – e eles são cada vez mais numerosos – esperam com impaciência cada nova obra que vem de vós e, esperando-a, relêem as antigas, fruindo sempre melhor sua beleza e seu alto alcance. Obrigado em meu nome e em nome daqueles que haveis levado à luz e à consolação. Sede bendito! O pensamento do bem imenso que haveis feito aqui na Terra deve vos consolar por todas as lutas e sofrimentos que tivestes, sem dúvida, de enfrentar.”

Temos ainda a carta com o brasão dos d'Arc, escrita de Villeneuve do dia 16 de março de 1911.

"Senhor.

Acabo de encerrar a leitura, de um único fôlego, de vosso belo estudo de Jeanne, tão pleno de ardor e de convicção e me apresso em vos dizer o quanto estou sob o jugo de inspiração que soubestes encerrar nestas magníficas páginas.

Para dizer a verdade, sou um ignorante da ciência da qual sois um fervente adepto, e vossas teorias sobre a influência do lado-de-lá vivamente me interessam. Apresso-me a vos endereçar de imediato meus agradecimentos por vosso amável envio e vosso gracioso "ex-dono"; vosso estudo tomou lugar, em minha coleção, num dos melhores lugares e será assinalado e analisado como convém a esse volume, do qual vai-se proximamente dar à imprensa.

Crede no imenso prazer que tenho em entrar em relação com um tão zeloso admirador de minha tia-avó. Crede vosso devotado e servidor.

L. d'Arc"

A obra de Léon Denis é, muito particularmente, seu livro *Depois da Morte*. Ele operou (as cartas citadas disso fazem fé) inumeráveis conversões individuais, mas determinou também conversões coletivas; verdadeiros "milagres" tiveram lugar em certos lares onde os membros se aproximaram sob a influência da leitura de *O Grande Enigma* ou de *O Problema do Ser e do Destino*. É no meio familial que se encontram as maiores divergências de opiniões filosóficas e religiosas! Todas as inteligências não chegam ao mesmo ponto de evolução e não têm condições de ter a mesma opinião sobre Deus, o mundo e a vida. O Espiritismo criou, por vezes, entre elas um terreno de entendimento, ele religou todos os espíritos bastante independentes para adotar a base essencial de sua doutrina: a ideia reencarnacionista.

No meio das ásperas lutas que o apóstolo havia sustentado, com dificuldades de todas as naturezas, às quais ele tinha de fazer face, esta prova tangível da eficácia de sua obra, não

constituía a mais bela recompensa a que podia ambicionar no declínio de sua vida?

O tributo de reconhecimento oferecido ao mestre por almas que ele havia salvo do suicídio e levado a Deus, caía como um orvalho benfeitor sobre o coração do grande solitário que a ira, a inveja, a maledicência tinham tantas vezes ferido. Para melhor se dar à difusão da causa querida, Léon Denis havia renunciado, como ele o expressa em seu testamento moral:

> "A todas as satisfações materiais, mesmo aquelas da vida de família e da vida pública, aos títulos, às honras".

Com abnegação ele se devotou durante 50 anos ao apostolado da ideia reencarnacionista.

* * *

Léon Denis havia conquistado a amizade, a admiração de muitos sacerdotes que haviam compreendido o maravilhoso apoio que, na doutrina espírita, poderiam encontrar as religiões. O mais conhecido entre eles foi, certamente, o Padre Marchal, cujas obras consolaram tantas almas aflitas. Conversar juntos era para os dois amigos uma alegria recíproca: "Pobre Padre Marchal – dizia por vezes o mestre –, ele foi reduzido a dizer missas a 50 cêntimos, essas missas que as paróquias de Paris, desbordantes, fazem dizer pelos padres do campo!"

Léon Denis conhecia também o Abade Petit, professor na Sorbonne, que assinava seus artigos com o pseudônimo de Abade Alta. Foi ele que, no *Sphinx* do dia 1º de maio de 1921 fazia aparecer uma carta aberta ao Reverendo padre Mainage,[43] na qual dizia:

> "Eu não sou infalível, absolutamente, mas sou do parecer de que atacar os espíritas que tanto se esforçam por demonstrar que os mortos estão ainda vivos, melhor seria que os católicos fizessem alianças com todos os espiritualistas contra o materialismo que é, só ele, o inimigo de Deus e dos homens."

Mas foi o Abade C..., do Clero de Touraine, que teve encontros mais íntimos com o mestre. Os dois amigos eram

excessivamente fraternais. O padre viajava muito e não esquecia jamais o mestre em suas jornadas.

> "Muito querido mestre e amigo – lhe escrevia ele –, antes de minha partida e da vossa, eu quero novamente vos expressar meus votos para que nossos queridos invisíveis vos protejam como o mereceis. Boa saúde, fecundo apostolado."

Passando por Dinard, tendo orado sobre a sepultura de Chateaubriand, ele enviou a Léon Denis um postal representando a tumba célebre, única sobre a rocha, diante da imensidade do mar, com estas palavras:

> "Oh! como a morte é doce assim, acalentada pelo lamento eterno das ondas, semelhantes aos gemidos das almas do lado-de-lá."

Enfim, de Roma, no dia 6 de abril, ele endereçava ao mestre o retrato de Pio X e lhe escrevia:

> "Querido mestre e amigo.
>
> Estou em Roma e oro por vós; voltarei terça-feira, dia 13, a Tours.
>
> Seu amigo devotado,
>
> *Abade C.*"

No dia 15 de dezembro de 1909, o padre endereçava, ainda de Roma, um postal com estas palavras:

> "Querido mestre e venerado amigo.
>
> Recebei todos os meus votos de um feliz Natal e também por um feliz Ano Novo. Deixaremos Roma sábado e embarcaremos para Constantinopla de Nápoles. Orai por mim.
>
> Amizade, fidelidade, reconhecimento.
>
> *Abade C.*"

Léon Denis tinha uma correspondência bastante contínua com numerosos chefes de grupos e algumas celebridades. O professor Richet, então em férias em Carquèrannes, lhe endereçou uma

carta para agradecer-lhe pela nova edição de uma de suas obras que ele relia com um novo prazer.

Flammarion estava muitas vezes em correspondência com Léon Denis e lhe propôs um dia esta questão:

> "Poderíeis, em vossas sessões, obter o nome do "Soldado Desconhecido" que dorme sob o Arco do Triunfo?"

Léon Denis deu-lhe esta bela resposta:

> "Eu não necessitaria saber; o *soldado desconhecido* deve permanecer um símbolo, ele pertence a todos, ele é, ao mesmo tempo, o marido, o pai, o filho, o irmão de todas as mulheres da França."

Entre os correspondentes mais marcantes, um dos mais assíduos foi Sir Conan Doyle. Foi em 1923 que ele escreveu ao mestre para lhe pedir autorização para traduzir *Jeanne d'Arc Médium*. O escritor inglês fez, para esta tradução, um prefácio do qual Léon Denis se mostrou tão encantado, que escreveu imediatamente para lhe agradecer e lhe solicitar, por seu turno, a autorização para transcrever este prefácio na *Revista Espírita*.

As cartas do autor de *Sherlock Holmes* eram plenas, ao mesmo tempo, de uma respeitosa admiração e de uma grande afeição para com o mestre.

* * *

Léon Denis tinha por um dever, um escrúpulo, dar uma satisfação a todos os seus correspondentes; jamais uma única carta permaneceu sem resposta. Quanto mais o mestre avançava em idade, mais afetuosas eram as cartas que ele recebia; de todas as partes vinham-lhe votos ardentes e sinceros para que pudesse sustentar ainda por muitos anos o seu belo combate contra o materialismo e a incredulidade. "Temos muita necessidade de vós" – lhe escreviam. Ele respondia:

> "O fardo das enfermidades começa a se tornar muito pesado sobre meus ombros e me encaminho com grande alegria para a porta de saída; minha vista declina de mais e

> mais; duas coisas me esperam: a cegueira e a morte. Se é que não é a morte que vem em primeiro lugar!”

Deus o atendeu.

Aos aflitos que lhe agradeciam, desejando conhecer os meios de entrar em relação com seus desaparecidos, o mestre oferecia a expressão de sua viva simpatia e os encorajava prosseguir em seus estudos teóricos, a estudar a ciência espírita, vasta e profunda, que lhes havia já doado satisfações de coração e de espírito em alargando seus horizontes. Ele acrescentava:

> “A moral de nossa doutrina está ao alcance de todos, e todos deveriam conhecê-la e por ela conformar sua vida. Não é o mesmo quanto à prática, que oferece grandes perigos; não se faz experiência de química sem conhecer os riscos relacionados às manipulações de laboratório.”

Para se aventurar na prática do Espiritismo, é de primeira necessidade haver estudado a teoria; deve-se, por outro lado, possuir um conjunto de qualidades raramente reunidas em um mesmo indivíduo: perfeito equilíbrio nervoso, sangue frio, ponderação, prudência, julgamento seguro, espírito crítico agudo, sério. Se a curiosidade, a frivolidade, a brincadeira se misturam a estas experiências, aqueles que a elas se entregam se tornam presa dos espíritos materiais e levianos, que se mantêm nos planos mais próximos da Terra. Léon Denis interditava a experiência solitária e aconselhava a todos a prática em um pequeno número íntimo, composto de três a cinco pessoas reunidas em um desejo comum de se instruírem.

Não se pode jamais reprovar ao líder da doutrina kardecista de não ter posto seus leitores em guarda contra a prática do Espiritismo. Os conselhos abundam em todas as suas obras e particularmente em *No Invisível*.

Quando da sétima jornada do Congresso de Paris, no dia 12 de setembro de 1925, Léon Denis, em seu magnífico discurso de encerramento, abordou esta questão diante de um numeroso público, que o ouvia religiosamente na sala das “Sociedades Sábias”, e não temos melhor a fazer senão reproduzir suas prudentes palavras, pois que elas confirmam em tudo o que ele

nos ditou nas respostas endereçadas aos seus numerosos correspondentes:

> "Sem dúvida é bom abrir as portas para penetrar no mundo oculto, mas tomemos cuidado para que estas mesmas portas não sirvam para invasores dos piores elementos do mundo invisível. A humanidade não traz em si bastantes defeitos, conflitos, sem aí acrescentar ainda a fonte de outros males?
>
> É aí que surge, sobretudo, a necessidade de um guia seguro para nos conduzir ao meio do dédalo dos fenômenos; faz-se preciso assistência bastante elevada, para harmonizar com método os fluidos em ação e para eliminar os espíritos perturbadores que procuram influenciar os médiuns e perturbar as sessões."

Reproduzimos a seguir a bela carta que o mestre escreveu à Sra. Claire Galichon após ter ouvido a leitura de sua obra *A Imitação de Cristo*, carta que foi publicada pela *Revista Espírita*:

> "Prezada senhora e irmã em crença.
>
> Ontem terminamos a leitura de vossa bela obra sobre *A Imitação de Cristo*, tão consoladora e tão reconfortante. Foi-me lida em pequenas doses como quem absorve o vinho generoso e eu empregava para isto a mesma pessoa, que não pode me dar senão alguns instantes de longe em longe. Devo vos agradecer por todas as satisfações de coração e de espírito que este livro me proporcionou. Cada capítulo provoca uma elevação do pensamento e uma comunhão mais íntima com a ordem divina. Fizestes uma obra eminentemente útil e pela qual muitos desgraçados vos ficarão reconhecidos; nela acrescentando a conotação espírita, fizestes um tratado de moral verdadeiramente completo e bem adaptado às circunstâncias presentes. Com efeito, jamais tivemos mais necessidade de um ensinamento que retempere as almas e as prepare para as provas próximas.
>
> Nossos guias nos anunciam que todos aqueles que elevaram seus pensamentos para as esferas superiores receberam uma espécie de imunização; mas a massa mergulhada nos gozos materiais experimentará um

sobressalto de paixão violenta que a eles produzirá muitos sofrimentos. Convém, pois, auxiliar os bons espíritos em sua obra de depuração, por todos os meios dos quais possamos dispor, nós espíritas, a fim de atenuar os males de que a humanidade é chamada a sofrer. Nesse concerto de esforços para o bem, seu livro tem lugar garantido e desempenha um papel eficaz pelo que eu vos felicito cordialmente. Recebei, cara senhora, minhas cordiais saudações."

Um correspondente, tendo feito ao mestre esta ingênua reflexão: "Ah! Senhor! Quem dera que tudo quanto escreveis fosse verdadeiro!"; obteve esta resposta:

"Crede que tenho muita responsabilidade para não me apoiar senão na verdade que firmo sob provas indiscutíveis."

A uma amiga que havia tido a dor de perder a mãe o escritor nos ditou esta estrofe:

Non è vero che la morte
Il peggior de tutti mali.
É um solievo dei mortali
Che sono stanchi di soffrire.

Como um de nós a leu, pedimos a tradução e ele recitou lentamente:

Não é verdade que a morte
seja o pior de todos os males.
É um reconforto para os mortais
que estão fatigados de sofrer.

Durante os últimos meses de sua vida, Léon Denis teve a jubilosa surpresa de reencontrar seu primo germano, Eugène Denis, que ele havia perdido de vista havia 40 anos.

O Sr. Eugène Denis era um sobrevivente de Reischoffen; apesar de sua avançada idade ele se iniciou na obra do mestre, e a apreciou profundamente sabendo, em belos termos, exprimir seu encantamento e suas sinceras felicitações. É para este primo que Léon Denis ditou sua última carta.[44] Este lhe havia perguntado por muitas vezes a que ordem da Legião de Honra

ele pertencia. Vendo que insistia, o mestre lhe endereçou estas linhas:

> “Meu prezado primo.
>
> Se bem que eu já tenha publicado sete volumes, feito perto de trezentas conferências na França e no estrangeiro e colaborado em inúmeras revistas, eu não tenho a fita vermelha e isto não deve espantá-lo, pois sempre fugi das honrarias e não estabeleci contatos com homens políticos. Minha recompensa não é deste mundo.”

VI
Seus visitantes

Léon Denis, líder de uma grande causa, universalmente conhecido na França e no estrangeiro, era às vezes solicitado para receber visitas. Era sobretudo no domingo que ele as recebia. Acolhia com a mais perfeita boa vontade todos aqueles que lhe vinham pedir algumas palavras consoladoras. Mesmo os mais humildes recebiam os testemunhos de sua bondade; não se retiravam jamais sem levar alguma brochura ou obra do mestre, autografada por ele. A maior parte se abria, tagarelava, e o filósofo esforçava-se por fazê-la compreender que a vida não é verdadeiramente um ganho para a alma, senão quando esta passa pelo caminho da dor, da depuração, sendo a única razão de sua reencarnação sobre a Terra, planeta atrasado, adequado ao grau de evolução de cada indivíduo que aqui sofre o impacto de duas leis: a do trabalho e a do sofrimento.

Ele se esforçava por fazer compreender a teoria das vidas sucessivas, as causas anteriores das alegrias e das dores.

Entre os hóspedes do domingo contavam-se também familiares; Léon Denis se entretinha com eles a respeito de ciência, de política, de viagens, mas a filosofia tomava sempre os seus direitos. Com a maior erudição ele abordava todos os assuntos e sabia como pô-los ao alcance de todos; seus visitantes ficavam maravilhados com a juventude de seu espírito e a extensão de seus conhecimentos.

O filósofo era também um encantador contador de anedotas, sendo este um traço da conferência que ele pronunciou em Alger, em 1900. É uma das mais saborosas. Deixemo-lo falar:

> "Foi na Prefeitura, eu tinha deixado meu sobretudo numa sala contígua daquela onde falava, e fiquei muito surpreendido ao vê-lo sem botões na hora da saída. Meus amigos me disseram: foram os árabes que os cortaram para fazer deles um fetiche. Eles o consideram um profeta."

Léon Denis acrescentava de modo brincalhão:

> “Era muito desvanecedor, mas eu tive o trabalho de ir ao alfaiate para mandar pregar outros.”

Foi-me dado assistir a uma conversação entre o mestre e dois professores de um Liceu de moças. Afável e brilhante conversador, ele entreteve seus visitantes atentos discorrendo acerca dos Concílios que, infelizmente, desnaturaram o Cristianismo primitivo. Em seguida um dos professores levantou a seguinte questão: a educação da criança. Posso ainda me lembrar das palavras seguintes:

> “A função do professor é muito delicada; a família negligencia demais em secundá-lo no seu papel de educador. Entrando na vida sem ideal, sem fé, em que se tornarão as gerações que advirão quando elas serão presas das moléstias, dos lutos, das provas de todas as naturezas?”

A uma de suas interlocutoras, Léon Denis explicou que não era justo julgar o Espiritismo pelas experiências das mesas girantes, mas pelos trabalhos e as pesquisas feitas em todos os países por sábios ponderados e de boa fé; o mestre falou dos tempos presentes e assegurou que no fim dos séculos viria uma espécie de Cristo se reencarnar para ensinar os homens. Sabei o que disse o Bahgavad-Gita?

> “Eu e vós tivemos muitos nascimentos; os meus não são conhecidos senão por mim, porém vós não conheceis nem os vossos. Quem quer que seja eu, sujeito por minha natureza a nascer e a morrer, todas as vezes que a virtude declina no mundo, que o vício e a injustiça o envolvam, então eu me torno visível; e assim eu me mostro de idade em idade para a salvação do justo, para o castigo do mentiroso e o restabelecimento da virtude.”

Quando o mestre discorria sobre a filosofia, o som de sua voz ganhava uma gravidade, uma força estranha; os finais se prolongavam, gestos simples e soberbos acompanhavam as palavras; seu braço esquerdo se estendia como se ele empunhasse uma tocha. Uma imensa quantidade de pessoas deveriam ouvir este verbo quente e convencível!

Muitos dos visitantes de Léon Denis o interrogavam acerca da doutrina da qual ele era o líder; em seguida, no curso da conversação, lhe confiavam acanhados que, se bem que interessados no Espiritismo, não desejavam se descartar em nada da prática de seus pais. O mestre lhes respondia:

> "Vossas crenças vos convêm? Elas vos proporcionaram consolação nas provas? Mas então estareis errados em abandoná-las; não é para vós que eu escrevo, mas especialmente para aqueles que se distanciaram de tudo e não encontraram nenhum apaziguamento para suas dores."

O mestre tinha o maior respeito pelas religiões; ele convinha que, em princípio, elas eram todas excelentes e que apenas importava a maneira pela qual eram praticadas. Desculpá-las por seus erros, as deformações que sofreram através dos séculos, erguer o véu que foi jogado sobre a Revelação Primitiva, denotava unicamente, da parte do apóstolo do Espiritismo, uma aspiração ardente para com a verdade em toda sua amplitude. Ele nos revela seu ecletismo em matéria religiosa por estas linhas:

> "Em realidade, em seu princípio, em sua finalidade elevada, todas as crenças são irmãs; elas convergem para um centro único. Da mesma maneira que a fonte límpida e o regato murmurante vão finalmente se reunir no vasto mar, mesmo assim o Bramanismo, o Budismo, o Cristianismo, o Judaísmo, o Islamismo, e seus derivados, sob suas formas as mais nobres e as mais puras, poderiam se reunir em uma vasta síntese, e suas preces se unirem às harmonias dos mundos, transformando-se em um hino de adoração universal e de amor.
>
> Foi me inspirando neste sentimento de ecletismo e espiritualismo que cheguei a esta concepção, muitas vezes me associando às preces de meus irmãos de diferentes religiões. Assim, sem me prender às fórmulas em uso nestes meios, pude orar com fervor tão bem nas majestosas catedrais góticas quanto nos templos protestantes, nas sinagogas e mesmo nas mesquitas.

> Entretanto minha prece adquire maior alcance e ardor à borda do mar, quando ela é acalentada pelo ritmo das vagas, sobre os altos cumes, diante do panorama das planícies e dos montes, sob a abóbada imponente das florestas e o domo constelado das noites. O templo da natureza é realmente o único digno do Eterno.” [45]

Permiti-me, querido leitor, vos apresentar algumas das numerosas personalidades recebidas na casa do mestre durante seus últimos anos.

O Sr. Meyer, o Mecenas que deu à doutrina um tão grande desenvolvimento, fez muitas viagens a Tours; três conferencistas da “União Espírita Francesa”: os Srs. Galliard, Ripert e Gobron foram muito bem recebidos na casa do mestre quando viajavam para nossa cidade a fim de proferir conferências. Velhos amigos de Léon Denis visitaram-no: o Sr. Henry Rosseau, Paul Bodier, de Paris; os Srs. Mèlusson, Sausse e Malosse, de Lyon; o Sr. Pauchard, diretor da “Sociedade Psíquica de Genebra”; o médium de cura alsaciano, Saltezman não deixava de ir ver Léon Denis de cada vez que suas turnês o levavam à Touraine.

O pastor Wautier d’Aygalliers, profundamente interessado pela obra de Léon Denis, quis conhecer o apóstolo e veio especialmente de Paris para conversar com ele. A consequência desta entrevista foi que alguns meses mais tarde o jovem pastor tomava o encargo, quando sobreveio a desencarnação de Léon Denis, de presidir a cerimônia fúnebre “a fim de sobrestar todo o caráter de materialismo degradante”, segundo os termos empregados pelo mestre.

Tive o prazer de apresentar ao meu venerado mestre o Coronel Clement e Sra., ela nascida Carpeaux. O após guerra os havia levado a Tours; eles ficaram encantados de saber que o autor de tantas obras célebres, que tinham tido o prazer de ver em Paris, vivia na província. Juntos, fomos fazer-lhe uma visita; que soberbo momento eu passei ouvindo Léon Denis conversar com estes hóspedes. O Cel. Clement era um espírito penetrante e muito cultivado, sua esposa, filha do célebre estatuário J. B. Carpeaux, era de um caráter cheio de humor, que vivia ainda no culto de um glorioso passado.

Ela interessou vivamente o mestre contando-lhe o início difícil de seu ilustre pai e os esforços heroicos do artista para adquirir o apoio de Napoleão III. Ele não tinha ainda obtido o prêmio de Roma, apenas sua energia e confiança valeram-lhe o sucesso; em seguida Carpeaux se tornou um dos íntimos da família imperial conquistado tanto por seu gênio como pela nobreza de seu espírito. Foi a própria imperatriz que obteve para ele a mão da Srta. Montfort.

A Sra. Clement-Carpeaux havia sido iniciada no Espiritismo desde a infância por sua mãe. Léon Denis teve o prazer de conversar com uma mulher espiritual e relembrar com ela velhas lembranças parisienses. Eles evocaram juntos as curiosas recepções da duquesa de Pomar, num tempo já longínquo, onde seu belo palácio da avenida Wagran era o ponto de encontro de todos os espíritos distinguidos, ávidos de penetrar nos arcanos das ciências psíquicas.

Encontramos precisamente este cartão datado de 13 de abril de 1894 e dirigido por Lady Caithness, duquesa de Pomar, a Léon Denis:

> "Caro senhor.
>
> Pelo cartão incluso vedes que eu disponho de vós segundo vossa promessa e que aprovo jubilosamente o título da conferência que escolhestes; os dias precedentes já estão tomados; é-me impossível colocar-vos antes de 23 de maio. Será para mim um prazer ouvir-vos de novo e estou segura de que tereis um sucesso tão grande quanto o do ano passado.
>
> Recebei todos os meus agradecimentos e meus sentimentos afetuosos.
>
> *Duquesa de Pomar*"

Um convite impresso acompanhava a carta, fazendo conhecer os nomes dos conferencistas convidados pela duquesa; dele transcrevemos os nomes seguintes e os assuntos de suas conferências:

18 de abril de 1894 – Sr. Camille Flammarion: *Le étoiles et l'infini*.

25 de abril – Sr. professor Bonnet-Maury: *Le Congrès des Religions a Chicago*.

2 de maio – Mrs. Hardinge Britten: *Le Spiritualisme Moderne*.

9 de maio – Sr. professor Ch. Richet: *La Paix Internationale*.

16 de maio – Sr. Victor du Bled: *La femme au XVIII siècle*.

23 de maio – Sr. Léon Denis: *Le Probleme de la vie et de la destinée*.

30 de maio – Sr. Abade Petit: *L'Spirit noveau*.

Uma visita bem original foi durante a guerra, aquela de Mrs. Ella Wheeler Wilcox. Essa americana, célebre em seu país como poetisa, desejava obter autorização para traduzir em inglês *O Problema do Ser e do Destino*, o que lhe foi concedido. Mrs. Wilcox, acompanhada de sua secretária, estava hospedada em um dos grandes hotéis de Tours e foi neste mesmo *home* cosmopolita que ela trabalhou durante muitos meses em sua tradução. Ela partiu para a Inglaterra assegurando a Léon Denis que o livro apareceria ao mesmo tempo neste país e na América; ela manteve a palavra e, embora um mal terrível a tivesse acometido nesse ínterim, ela embarcou para os Estados Unidos e, antes de morrer, entregou seu manuscrito à *Gay and Hancok* de Londres, e também à *Donan Company*, de New York. Léon Denis recebeu dessa casa muitos exemplares da tradução. O derradeiro trabalho intelectual realizado por Mrs. Wilcox foi uma boa ação: a vulgarização de uma obra espírita.

Em 1926, o mestre recebeu a visita do Dr. Lamond, amigo de Sir Arthur Conan Doyle, visita que o tornou muito feliz. O doutor publicou em *Light* um relatório de sua entrevista com Léon Denis, relatório que foi reproduzido pela *Revista Espírita* de fevereiro de 1927 nestes termos:

> "O visitante sentiu, desde o início, na casa de seu interlocutor essa confiança, essa serenidade que pertence aos verdadeiros espíritas. Falou-se de *Depois da Morte*, do volume consagrado a *Jeanne d'Arc Médium*, um e outro traduzidos em inglês. Lembrou-se o Congresso Internacional do Espiritismo, de Paris, em 1925. Uma das questões que se

aborda com maior interesse é a questão céltica, que atrai tão legitimamente um tão largo espaço no pensamento de Léon Denis. E o viajante diz a que ponto os escoceses levam, atualmente, seu interesse sobre a ideia céltica que lhes foi sempre particularmente querida e familiar.

"Minha despedida foi impressionante. – conclui o escritor do outro lado da Mancha – Convindo juntos que seria improvável pensar que poderíamos nos reencontrar sobre a Terra, eu procurei me assegurar, através do Sr. Léon Denis, que nós nos reencontraríamos de novo quando o crepúsculo tivesse sucedido ao dia. Eu havia visto esta personalidade venerável que é o senhor Léon Denis."

VII

Suas distrações: a leitura, as viagens, a música

Léon Denis em sua infância buscava leituras instrutivas. O estudo da Geografia tinha para ele o atrativo de uma distração. Ele pôs de lado pequenas economias a fim de adquirir os fascículos mensais da Geografia de Malte-Brun, na qual as belas ilustrações de Gustave Doré o fascinavam. Pois olhem lá! Um belo dia o tesouro que ele acreditava ter escondido ao abrigo de todos os olhares, desapareceu; sua mãe, tendo-o encontrado por acaso, havia-o vendido para suprir algumas necessidades da casa.

As mágoas da criança tiveram uma tal acuidade que se tornaram indeléveis e o octogenário contava esta lembrança com uma emoção que se comunicava àqueles que recebiam a confidência.

Este gosto pela leitura nos faz supor com qual entusiasmo o rapaz lia, mais tarde, nossos grandes clássicos e nossos grandes romancistas. Durante os dez últimos anos de sua vida, o filósofo se limitou quase que exclusivamente a se entregar à leitura dos numerosos livros espíritas que lhe eram enviados, amavelmente dedicados, por seus autores; a produção, sabe-se, era então muito abundante. Ele recebia mensalmente todas as revistas psíquicas. Nada o interessava tanto quanto a controvérsia entre os sábios ingleses e franceses. A refutação feita com muito humor por Oliver lodge das teorias de Charles Richet expostas em seu *Tratado de Metapsíquica* muito lhe interessou; entretanto, graças à *Lumière*, a bela revista Braille, o mestre se punha ao corrente do movimento político, literário e científico. Cotidianamente fazia-se dar à leitura de *Dépêche d'Indre-et-Loire* e do *Journal du Genève*, onde, de tempos em tempos, aparecia uma crítica literária das obras de nossos melhores romancistas contemporâneos. Apreciamos Edouard Estaunié que, em *Les choses volent* pinta a alma das velhas residências animadas pelos fantasmas de seus velhos ocupantes. Volumes diversos chegavam muitas vezes a Léon Denis. Os poemas dos Srs.

Joseph Mélon, Gaston Luce, Maurice Pelloutie, Emille Birmamm de Relles, lhe proporcionavam um prazer delicado.

O primeiro livro cuja leitura fiz para o mestre foi aquele de Maurice Masson. Suas *Lettres de Guerre*, notáveis do ponto de vista da forma e do conteúdo, são bem, ao nosso ver, os mais tocantes e os mais literários que apareceram. Masson era um letrado cuja obra estava impregnada de um grande patriotismo e de uma grande fé cristã. Léon Denis me fez destacar do volume estes pensamentos:

> "Eu me sinto cercado afetuosamente pelos invisíveis, todos me dizem que a morte não é tão dura e que há coisas que valem mais que a vida."
>
> "Se há qualquer coisa que dá um sentido, um valor e uma beleza à vida é esse pensamento de continuidade do elo entre o presente e o invisível, entre aqueles que vivem e aqueles que ultrapassaram a vida."
>
> "Há entre o Céu e a Terra, entre aqueles que pressentem a eternidade e que aí mergulham como numa grande corrente espiritual onde cada um, Deus ajudando, leva sua gota d'água; mas se os bons não são inteiramente responsáveis por sua virtude, nem os mentirosos por suas atonias e suas perversidades, cada um colabora e tudo se encaminha para o melhor, quer dizer, para Deus!"

O mestre me fez reler a obra prima de Chateaubriand, *Atalá*, seguida de *O Último dos Abenserragens*; a magia do estilo do autor de *René* o encantava mais ainda que em sua juventude.

Tivemos entre as mãos uma obra muito apaixonante, *La survivance de l'Amê et son èvolucion après la Mort*, de Cornillier. O autor é posto ao corrente das experiências hebdomadárias feitas pelo escultor e sua esposa com uma jovem modelo "Reiné", excelente médium. O autor soube nos fazer amar esta jovem mulher que devia ser levada mais tarde pela tuberculose. Esperemos que ela tenha ido encontrar o "Grande Espírito Branco", que ela também chamava "Vetelline".

Lemos para o mestre muitas traduções de obras inglesas, entre outras *A Nova Revelação*, de Sir Arthur Conan Doyle, obra que convence muito; depois duas obras das quais os autores haviam perdido seus filhos na guerra e que foram bastante corajosos para publicar as experiências que os tinham levado a não mais duvidar da possibilidade da comunicação entre os mortos e os vivos. *Raymond*, filho de Oliver Lodge, e *Rupert*, filho do pastor Wynn,[46] nos fazem entrever quão leve é o véu que separa o mundo dos vivos do mundo invisível. O humor inglês dá muito sabor a estas obras.

Aprofundamo-nos também na obra do pastor Stainton Moses: *Ensinos Espiritualistas*, que, segundo a expressão do pastor Wautier, "é uma verdadeira mina para os pesquisadores". *Do Inconsciente ao Consciente*, a bela obra do saudoso Dr. Geley,[47] reteve por muito tempo nossa atenção e, a pedido do mestre, certas passagens foram relidas muitas vezes.

Um correspondente que havia estado em relações amigáveis com o Dr. Paul Carton fez Léon Denis conhecer *La vie sage*.[48] Este pequeno volume, verdadeiro breviário, é um comentário em prosa dos *Versos Doirados* de Pitágoras. O mestre se tornou entusiasmado por esta obra viril e felicitou calorosamente o autor.

Que boas horas de leitura nos foram proporcionadas por Camille Flammarion com sua trilogia de *A Morte e o seu Mistério*; por Gabriel Delanne com suas *Vidas anteriores*; Chevreuille com seu *Espiritismo na Igreja*; Henri Règnault com *Os Mortos Vivem* e *Tu Reviverás!*.

A doutrina espírita se apresenta também ao leitor sob a forma do romance. Neste gênero nós lemos *A Granja do Silêncio* de Paul Bodier e *Reencarnado* do Dr. Lucien Graux. Devíamos mais tarde apreciar os encantadores romances de Marcile: *Noiva sem o Saber*, e *Suzanne Fontaine*, obras escritas com um estilo alerta e das quais se desprende uma grande emoção.

Todo artigo de jornal oferecia algum interesse ao mestre que o assinalava; foi assim que ele teve conhecimento dos extratos que "O Eco", de Paris, dava dos sermões do Padre Sanson, em Notre-Dame. Ele apreciava muito a amplidão de pensamento

desse príncipe do clero. O derradeiro artigo lhe foi lido algumas semanas antes de sua morte e tratava do "Problema do Mal".

Les Disciplines de l'Amour, do pastor Wautier d'Aygalliers, foi a última leitura que Léon Denis ouviu. Sob o encanto desta obra ele nos ditava, a cada dia, um resumo das páginas lidas na véspera, a fim de fixar suas impressões tendo em vista a redação de um artigo bibliográfico. Com a dor plena de alegria o mestre assinalou "as disciplinas" aos leitores da *Revista Espírita*.

Que o pastor Wautier d'Aygalliers receba aqui a certeza de ter proporcionado ao seu velho amigo horas de deleite pela leitura de uma obra da qual se desprende um tão alto ensinamento moral e espiritualista!

No verão, em certos dias muito abafados, o som de minha voz fazia o mestre cochilar. "Ah! Onde é que tu estavas então? Eu creio que dormi um pouco" – dizia ele de repente e, tomando uma pequena régua de ébano colocada sobre a lareira, batia no seu braço esquerdo a fim de se despertar. Ele agitava também esta pequena régua quando se esforçava por exteriorizar seu pensamento com exatidão e medida.

Tive muitas vezes a ocasião de ouvir a advertência do mestre sobre alguns de nossos literatos, entre outros sobre Pierre Loty e Anatole France. Ele reconhecia neles grandes talentos como estilistas, mas deplorava que semeassem nas almas a dúvida, o pessimismo, o desgosto pela vida e o medo da morte.

É sempre interessante saber o que um escritor pensa de um outro. J. Tharaud nos informa que Barrès dizia de Anatole France: "de que me servem as historinhas de Anatole? São uma brincadeira". Por sua vez, dizia France: "Que me faz a bela alma do Sr. Barrès e sua literatura sem sexo?" **49**

O autor de *Le Mistère en plene Lumièr*, como o de *Jeanne d"Arc Medium*, não podia perdoar àquele do *Lys Rouge* sua concepção do caráter da Virgem de Domremy,**50** sentimento partilhado igualmente com Edouard Schouré, que exprime sua indignação nos seguintes termos na obra que ele intitulou *A Alma Céltica e o Gênio das Trevas*:

"Para vosso conhecimento: Negai a inspirada em Jeanne d'Arc porque sois incapaz de compreender o mistério divino da inspiração, mas não toqueis na heroína, pois que a alma da pátria respira e palpita nela!"

* * *

Léon Denis em sua infância apreciava, dissemos antes, extremamente o estudo da geografia. Em imaginação ele transpunha os mares, franqueava os montes e se evadia assim dos círculos estreitos em que vivia. O gosto pelas viagens, inato nele, orientava-o para este estudo e, pode-se presumir que a ocupação que ele escolheu mais tarde proporcionou-lhe ao mesmo tempo a independência e uma bela e sadia distração. Realizando, por afazeres comerciais, longas viagens pela França e pelo estrangeiro, ele realizava o sonho de sua infância: ver outras terras, outros homens, outros costumes. Mas era como um verdadeiro peregrino, mochila às costas, cajado ferrado na mão, que Léon Denis preferia viajar. Ele amava tomar estes grandes banhos de ar e que vivificam o corpo e a alma de todos aqueles que sabem apreender as grandes lições que a natureza oferece. Ele percorria assim as províncias francesas: o Auvergne, a Savoia, a Daufineia, a Lorena e a Bretanha. Ele visitou a Kabília, a Tunísia, a Sardenha, a Córsega e a Itália.

A excursão que o mestre fez à Tunísia foi publicada sob a forma de uma pequena brochura em 1880, sob o título *A Tunísia e a Ilha da Sardenha*. Poucas pessoas conhecem atualmente estas maravilhosas páginas de literatura descritiva. Léon Denis via como um poeta; sua pena igualava o pincel de um pintor. A pitoresca descrição de sua viagem tem um belo colorido. O viajante nos faz compartilhar de múltiplas impressões. Nos descreve Tunis, sua vida desbordante de atividade, os tipos estranhos e tão diversos que aí se acotovelavam, mulheres mouras, artífices, mercadores, soldados.

Em uma idade bastante avançada, Léon Denis soube criar para si uma salutar distração aprendendo a tocar piano. Ele executava por si mesmo, com muita correção, velhas árias de ópera. O mestre aproveitava o mais das vezes o momento em que

eu estava ocupada em copiar um grande artigo para se entregar a esta distração. Era-me agradável ouvi-lo executar a *Romanza* de Flotow:

Seule ici rose fraiche èclose, comment peux-tu fleurir.
Quand l'Hiver froid et morose sans pitié va te fletir.

O filósofo era um grande amador da música; durante suas permanências em Paris ele frequentava os concertos Collone e Lamoureux. A música facilitava grandemente a preparação de suas conferências. Ele nos disse que nunca tinha falado em Lyon sem ter ido, na véspera, passar a noite no Grande Teatro daquela cidade. Enquanto se desenrolavam as harmonias musicais, ele repassava interiormente os principais períodos de seu discurso.

Nos derradeiros anos de sua vida, uma leitura em Braille, um trecho de música não eram as únicas distrações do mestre. Ele tinha em torno de si seus gatos que não o deixavam nunca e aos quais ele prodigalizava um grande afeto. Amava falar-lhes, acariciá-los, fazê-los brincar. Georgette, a fiel empregada do mestre, havia introduzo sub-repticiamente uma pequena gata que uma pessoa que frequentava a casa lhe havia dado. Ela mantinha-a em sua cozinha, mas Léon Denis a achou tão esperta, tão pequenina que a adotou. Foi batizada por "Bibiche". Ela não deixava nossa mesa de trabalho, divertia-se com os papéis, virava o tinteiro e, sempre desastrada saltava, às vezes, dos ombros do mestre para sua cabeça. Este pequeno ser cheio de vida e de graça o alegrava. Um filho de "Bibiche", do qual ele nunca quis se separar, atendia pelo nome de "Paullot"; era um belo angorá branco que se tornava mais e mais majestoso ano após ano. Estes dois animais não deixavam nunca a sala onde passávamos o inverno; um ronronava sobre os joelhos do mestre, que evitava fazer um único movimento para não perturbá-lo, a outra se enrolava perto do fogo sobre uma almofada. Por vezes eles nos olhavam graves como pequenas esfinges, tão graves que poder-se-ia crer que seguiam nossas leituras.

Georgette tinha cuidado nas horas das refeições em não dar acesso às salas senão a um gato, "porque – dizia ela – o senhor é

de uma fraqueza extraordinária e deixaria cair uma boa parte de seu jantar".

Léon Denis, quando em vida, depois de um quarto de século em perpétuas relações com os seres que povoam o mundo invisível, tinha uma alegria natural e não perdia jamais a ocasião de dizer uma palavra bondosa, a qual lhe vinha tão depressa que seu interlocutor se surpreendia com o octogenário de aspecto grave, num jogo de espírito tão alegre. O espírito prazenteiro do mestre fazia-o encontrar espontaneamente o traço agradável.

Tendo de responder ao Sr. Hubert Forestier, secretário particular do Sr. Jean Meyer, que lhe dera a conhecer o nascimento de uma filhinha, o mestre me estendeu o cartão colorido e me perguntou:

– Que representa ele?

– Uma tela de Louis Berould – disse-lhe eu –, representando o salão quadrado do Louvre onde está exposta a Mona Lisa.

– Vamos pegá-lo – disse ele.

Essas palavras me foram então ditadas:

– Muito emocionado por vossa bondade, eu vos envio meus melhores votos para vós e para a Sra. Forestier, com minhas felicitações por vossa obra-prima que não é uma pintura...

A lembrança desta brincadeira saída da boca do mestre é destinada a mostrar seu abandono e sua espontaneidade e para ensaiar torná-lo mais vivo.

Isso prova que um filósofo octogenário é, muitas vezes, mais jovem de caráter do que um estudante de vinte anos e este era o caso de Léon Denis.

Depois de sua morte, o Sr. S., advogado do tribunal de Reines nos escreveu:

> "Uma coisa que me maravilhava era a juventude do estilo que Léon Denis conservou até o fim. Há pessoas que, aos trinta anos, já são velhas. A riqueza do coração, o sentido profético, a vida profunda, fazem de outros homens eternamente jovens. Vosso mestre era um destes."

SEGUNDA PARTE

VIII
Na casa de Léon Denis

Uma das obras mais apreciadas de Léon Denis se reporta à experimentação espírita e tem por título: *No Invisível* (Espiritismo e Mediunidade). Os conselhos necessários aí são dados aos dirigentes de grupos a fim de criar, em suas reuniões, o ambiente favorável, e pudemos nos certificar de que o filósofo punha em prática a teoria que ele ensinava; a casa dele uma sessão, por mais íntima que fosse, era sempre aberta por uma invocação de uma magnífica elevação. Ele sabia fazer subir para a grande força Divina e criadora este apelo ardente, sincero, este arrebatamento de alma que é a verdadeira prece. À medida que se desenrolavam suas palavras, a emoção aumentava entre os assistentes; por vezes as lágrimas corriam de seus olhos. Essa emoção era intensificada pela voz convicta e grave do apóstolo. Ele se exprimia nestes termos:

> "Oh! Deus pleno de bondade, pai do gênero humano, nós te invocamos. Permite que uma comunhão se estabeleça entre nós e nossos amigos do espaço, o Espírito de Jerônimo, o Espírito de Jeanne, o Espírito da Lição,[51] e vós todos, guias e amigos das pessoas presentes. Nós te agradecemos as graças que nos concedestes e das quais sentimos todos o valor. Tu nos deste um coração para amar, uma inteligência para esclarecer; desenvolve em nós todos estas faculdades, torna-nos de dia em dia mais aptos para compreender as leis divinas, a penetrar em suas intenções. Permite que por nossa fé, nossa atividade em servir aos teus desígnios, nós nos aproximemos sempre mais de Ti.
>
> Nós te rogamos, oh! Deus, pelos nossos irmãos, os espíritos menos avançados que neste mundo e no outro erram e se atrasam nos planos inferiores; para aqueles a quem se chama impropriamente *os mortos* e também pelos vivos cuja alma, prisioneira na carne, é por vezes tão fraca diante da

tentação. Nós te rogamos pelos nossos inimigos, por todos aqueles que nos fizeram sofrer; conhecemos o nosso propósito de haver trabalhado para nosso avanço espiritual. Nós te rogamos, enfim, por todos os que lutam na vida e que um rude sofrimento acabrunha. Nós te rogamos conceder ao nosso médium a faculdade que Tu lhe hás dado; guarda-o, protege-o e permite que por seu intermédio possamos entrar em comunhão com o mundo invisível do qual fazemos parte integrante, estando chamados a aí retornar, quando Tu julgares que a hora estiver chegada."

Numa série de três belos artigos intitulados *Le Spiritisme et les Forces Radiantes*,[52] o mestre demonstra a força da prece e do pensamento, o papel que eles desempenham nas sessões experimentais.

"Quem poderá negar a força do pensamento? Não é ele que dirige a humanidade em sua via áspera e dolorosa? Não é ele que inspira o gênio e prepara as revoluções? Ora, o papel preponderante que ele desempenha na história do mundo, nós o representamos, em um plano mais modesto, nas assembleias espíritas. O pensamento do Alto ultrapassa em energia todas as forças aqui de baixo; entretanto, para se comunicar aos humanos, é preciso lhes oferecer condições favoráveis. Assim como os postes do telégrafo sem fio devem estar de acordo com as ondas para receberem as mensagens transmitidas, torna-se preciso que as almas dos assistentes coloquem em seus pensamentos suas radiações em harmonia para perceber o pensamento superior.

Fora dessas condições a ação do espírito elevado se tornará difícil, precária, muitas vezes impossível e o campo ficará aberto aos espíritos levianos, a todas as más influências do lado-de-lá. Por que processo pode-se dar ao pensamento, às radiações fluídicas de um mesmo grupo esta unidade de conjunto, esta espécie de sincronismo que cria um ambiente puro, permitindo ao espírito elevado de se manifestar?

Respondemos sem hesitar: pela prece. Não certamente a prece praticada nas Igrejas, essa recitação monótona que os

lábios murmuram e que não têm efeito sobre as vibrações da alma. Chamamos prece ao grito do coração, ao apelo ardente, à improvisação calorosa que comunica um impulso irresistível às nossas energias ocultas. Estas energias profundas vibram com intensidade, impregnam de qualidades a nossa prece. Daí então elas facilitam a intervenção dos Espíritos Guias, aqueles dos amigos, e distanciam os espíritos das sombras. A música, por seu ritmo, contribui também para unificar os pensamentos e os fluidos.

Vista sob esse aspecto, a prece perde o pseudocaráter místico que certos céticos lhe atribuem para se tornar em um meio prático, positivo, quase científico de unificar as forças em ação e nos proporcionar fenômenos de alto valor. A prece é a expressão mais alta do pensamento e da vontade. É nesse sentido que Allan Kardec a recomendava aos seus discípulos. As religiões possuíam um recurso precioso para elevar e melhorar o ser humano, mas a sua prática se torna banal, se deixa de ter essa exaltação espontânea da alma, que faz vibrar as cordas profundas... Todos vós que, pelo estudo do mundo invisível, em seus relacionamentos com o Além, procurai a certeza que fortifica e consola, as grandes verdades que iluminam a vida, traçam o caminho a seguir, fixam a finalidade da evolução; todos vós que procurais adquirir as forças espirituais que sustentam na luta e na prova, que vos preservam das tentações de um mundo material e enganoso, uni vossos pensamentos e vossas vontades, fazei fluir de vossas almas correntes poderosas; essas correntes fluídicas que atraem para vós as entidades protetoras, os amigos desencarnados. Se souberdes perseverar em vossos apelos, em vossas pesquisas, em vossos desejos, virão a vós estas almas, e seus conselhos e seus ensinamentos, seu concurso, farão cair sobre vós como que um orvalho benfeitor. Nessa comunhão crescente com o invisível fluireis uma vida nova. Vós vos sentireis reconfortados e regenerados.”

Léon Denis colocava muita perseverança na experimentação espírita e foi por uma série de trabalhos ininterruptos que ele conheceu o júbilo das relações com os Espíritos Superiores.

Temos sob nossos olhos esta bela página do mestre extraída do artigo aparecido na *Revista Espírita* sob o título *Les temps dificiles* [53] e no qual ele mostra as condições requeridas para que se produzam manifestações elevadas.

> "Encontram-se, por vezes, em nossas revistas a opinião de que não podemos conhecer as condições da existência do Além; é um erro que importa ser retificado. Toda a doutrina do Espiritismo, recolhida por Allan Kardec, repousa sobre mensagens de Espíritos, sobre um conjunto de perguntas e de respostas e constitui um diálogo substancial e de grande valor. Eu mesmo publiquei há dez anos, nesta revista, descrições de Espíritos sobre assuntos fora do meu alcance e dos médiuns. É verdade que é preciso examinar, nesta ordem dos fatos, com uma grande prudência, a parte da auto-sugestão e lembrar-se de que existe em torno de nosso mundo interior multidões de Espíritos atrasados, ávidos de se manifestar e que se divertem em nos mistificar. Para obter a colaboração dos espíritos esclarecidos é preciso garantir, não apenas se encontrar nas condições psíquicas requeridas, mas, por um exercício moral prolongado, pela elevação do pensamento, o descartamento das coisas baixas e materiais, estar-se adaptado às radiações do espaço. Existe nisso uma espécie de iniciação. Não foi senão depois de vinte anos de pesquisas e de estudos, que cheguei à comunicação com as altas Entidades. Certamente as mensagens, as comunicações apócrifas, assinadas com nomes célebres e falsos, não são raras; reconhecemo-las facilmente por sua redação defeituosa e certos detalhes reveladores de superstições. Mas há também mensagens autênticas que se afirmam por seu valor e pelas provas de identidade que contêm. O guia principal de nosso grupo se comunicou depois de trinta anos, através de médiuns diferentes que não se conheciam entre si e sua linguagem, suas atitudes, sua maneira de ser, de pensar, permaneceram idênticas apesar das mudanças de intérpretes."

Tendo Léon Denis por dirigente, era sem a menor apreensão, com o coração tranquilo e o espírito sereno, que se entrava em contato com as Entidades às quais o mestre fazia apelo. Nos três

derradeiros anos da vida do filósofo, tivemos algumas sessões inesquecíveis; seu modesto quarto se tornava para os assistentes em um templo solene, o médium, um cego, descrevia-o radiante de luz, de maravilhosas cores e era às vezes ofuscado e fechava os olhos como se não pudesse suportar o clarão.

Sim, esse quarto, mesmo quando não se faziam sessões, era bem um templo habitado pelos invisíveis. Quanto mais Léon Denis avançava em idade, mais ele se tornava apto em adquirir o poder de exteriorização e seus guias lhe faziam sentir sua presença; ele nos disse muitas vezes: "Eu os sinto junto a mim."

Para o apóstolo, entre todas, as horas de solidão eram preciosas; sua alma se enriquecia e se acumulava de forças. Eram também as horas em que ele tinha contato com os numerosos amigos que o esperavam do "outro lado" e também com as grandes almas, às quais fora ligado ao longo de uma sucessão de vidas anteriores, por laços de sangue e de afeto.

* * *

Remontemo-nos ao tempo em que conhecemos Léon Denis. O círculo que ele havia dirigido durante trinta anos não existia mais; a maioria de seus membros estavam mortos ou dispersos. Entretanto um dos melhores médiuns do círculo, a Sra. Forget, vivia ainda; sob a apresentação do mestre recebemos dela o acolhimento mais caloroso. Era uma mulher miúda, distinta, cujo tom de voz refletia a doçura e a afabilidade; ela era muito idosa, mas sob sua frágil aparência, adivinhava-se uma alma forte em um corpo sadio. Seus gestos eram plenos de vivacidade e suas palavras eram imediatas.

Sabemos que suas numerosas faculdades mediúnicas se revelaram, umas após outras, e que elas serviram exclusivamente ao grupo formado em sua casa em 1892, e cujo dirigente foi Léon Denis, amigo de seu marido. Este último fazia o livro de processos verbais das sessões. Uma excelente direção foi então impressa a esse grupo. O mestre, na idade de 46 anos, era já muito instruído pelo estudo completo da obra de Allan Kardec e, a mais, ele havia adquirido muita experiência frequentando vários centros espíritas.

Quando a Sra. Forget estava mergulhada no transe mediúnico ela falava com o busto muito aprumado em sua poltrona e com os olhos muito abertos, o que era muito curioso. Suas inflexões de voz variavam segundo as entidades que ela incorporava. De uma grande doçura quando era um espírito feminino, de um vigor desconcertante quando a entidade era masculina.

De tempos em tempos, nos convidavam para uma sessão. Guardamos viva recordação daquelas que tiveram lugar durante a guerra.[54] Então o mestre interrogava seu guia sobre a situação. Pode-se imaginar com que ansiedade a resposta era aguardada!

Em 1915, estávamos reunidos numa quinta-feira da Ascensão, véspera do desastre de Carency; nossos corações estavam contraídos por uma morna tristeza.

Se alguns entre nós até então tinham suposto que os Espíritos contemplavam a guerra sem amargura, foram levados a mudar de opinião depois de terem ouvido a mensagem de um médico, Espírito familiar do grupo. Ele nos disse da angústia e da piedade experimentada no espaço em vista de tantos pobres soldados caídos nos campos de batalha. Seu papel era dar assistência aos homens de branco, aos cirurgiões, a fim de lhes dar forças para que não se enfraquecessem sob o peso de fadiga excessiva.

Ouvimos em outras sessões uma jovem mulher, recentemente ferida em seus mais queridos afetos, receber, por intermédio da Sra. Forget, consolações daquele que havia morrido no campo da honra. Uma mãe privada de um filho que ela amava teve uma exclamação impressionante que foi para todos nós um ensinamento. Ela disse ao Espírito Jerônimo de Praga: "Esse filho era o meu preferido." Com uma voz forte, o médium disse as seguintes palavras: "Não se deve ter preferência por um de nossos filhos, é então que o machado cai!"

Em 1917, Léon Denis viu suas relações com o mundo invisível bruscamente interrompidas pela morte de seu médium. Com a força de alma que o caracterizava, ele suportou valentemente esta prova. Três anos decorreram; depois subitamente uma mudança se produziu. Duas parisienses, as Sras. H. e C., ferventes adeptas do Espiritismo, vieram a Tours com a finalidade de conhecer o autor de *Depois da Morte*. Elas

perguntaram ao mestre se não poderia permitir-lhes assistir a uma sessão. Um grupo de pessoas dos arredores, tendo manifestado o mesmo desejo antes, Léon Denis pensou que poderia ser pouco gentil recusar, mas confessou que não tinha à sua disposição senão médiuns psicógrafos pouco desenvolvidos. Uma dezena de convidados tomaram lugar, sem nenhuma apresentação prévia, em torno de uma grande mesa coberta de folhas de papel e de um "Oui-ja".[55]

A sessão começou por uma invocação do mestre, a invocação é de rigor para criar o que se chama de campo magnético vibratório, a fim de harmonizar, tanto quanto possível, os fluidos dos assistentes, condição *sine qua non* de uma boa reunião espírita.

> "A prece em comum – escreveu o mestre [56] – é uma força que canaliza outras, ocultas e espirituais muito mais poderosas; ela desempenha nessa circunstância um papel que só os espíritas compreendem, visto que sabem que correntes de ondas psíquicas atravessam o espaço pondo em relação o mundo visível e o mundo invisível por intermédio de médiuns ou sensitivos, que exercem a função de polos."

As atenções se voltaram imediatamente para a Sra. H., que, para espanto geral, havia inclinado a cabeça para o encosto de sua poltrona e deixava escapar alguns suspiros estirando os braços. A amiga da adormecida fez sinais para que não nos preocupássemos e alguns minutos depois a médium estava, segundo a expressão consagrada, *tomada* por uma vigorosa Entidade que, com uma voz rude e autoritária, disse ao mestre: "Eis-me, tu me reconheces?"; Léon Denis, vendo o vigor da interpelação, perfeitamente reconheceu seu guia, Jerônimo de Praga; a conversação se estabeleceu entre "o Pai e o Filho", pois Jerônimo chamava sempre o escritor de "meu filho".

Na brochura *Espíritos e Médiuns* Léon Denis relatou assim estas mensagens:

> "Uma conversação se estabeleceu entre nós e no decorrer de uma hora, este Espírito me expôs seus pontos de vista quanto à situação do Espiritismo, discorrendo a respeito de

nossos trabalhos comuns no passado, com detalhes, particularidades, de que o médium não podia absolutamente conhecer.”

O mestre acreditou dever registrar, na mesma brochura, o incidente seguinte que veio dar uma prova notável de identidade a todas as pessoas reunidas em sua casa:

> “Um dos nossos médiuns psicógrafos escreveu com o auxílio de um Espírito benevolente, a lamentação de um suicida que implorava o alívio de nossas preces. Este suicida lamentava amargamente haver desertado da vida; ele expôs sua situação dolorosa em termos que iriam permitir reconhecê-lo.
>
> Uma senhora das redondezas, convidada por um outro membro do grupo, e que assistia pela primeira vez a uma reunião espírita, manifestou logo em seguida algum ceticismo a respeito dos fenômenos obtidos, mas à leitura da mensagem ela empalideceu, perturbou-se e declarou que se tratava de seu pai que se havia enforcado já há alguns meses, em seguida a reversos de fortuna. O fato nos foi confirmado por outros habitantes da mesma localidade.”

As duas amáveis parisienses retornaram muitas vezes a Tours. Elas frequentavam um círculo de Paris e receberam, em junho de 1926, o chamado imperioso de a ele retornarem. Elas foram perguntar ao mestre se lhe agradava revê-las. Ele lhes respondeu de imediato que seriam sempre bem-vindas e convidou-as para o jantar. A sessão que se seguiu foi muito interessante. As damas partiram na mesma noite. Esta deveria ser a última vez que prestavam seu concurso a Léon Denis.

Quando de sua primeira visita, a Sra. H. havia desenvolvido a mediunidade de uma pessoa presente. Não é raro, com efeito, ver um médium desenvolvido dar o impulso necessário a um iniciante. Este amigo, muito devotado ao mestre, deveria continuar comparecendo às sessões cada quinzena, por via de incorporação, trazendo os ensinamentos de seus guias. Vimos se acrescerem suas faculdades por um trabalho regularmente prosseguido na maior intimidade. No começo numerosas

Entidades, parentes ou amigos de pessoas presentes, se fizeram fortemente bem reconhecidas por seus propósitos, seus gestos, suas atitudes. Mais tarde, alguns Espíritos que pertenceram às letras ou ao teatro se apresentaram no grupo e dando como resposta às nossas perguntas: "Quem sois?", mencionaram ainda o nome de suas obras: o autor de *La Macière*, nos foi respondido um dia e uma outra vez: "Não conheceis *La Venie*? Capus, que morava na Touraine em cada verão, foi saudado com alegria pela assistência, mas não nos foi possível encontrar o nome do autor de *La Macière*, peça da qual cada um de nós havia, entretanto, ouvido falar quando foi levada ao palco. Jules Demaitre também deu o seu nome. Os trabalhos que Léon Denis tinha em curso, sobre a questão social, o ensino laico e *O Gênio Céltico*, atraíram espíritos que quando em vida se haviam interessado por estas importantes questões. Ensinamentos foram-lhe dados por Paul Bert, Jules Fery, Carnot, ex-presidente da República, Renan, Jaurès e Allan Kardec.[57]

Nessa ordem de experimentação a lei de afinidade preside as relações entre encarnados e desencarnados. Guardaremos para sempre a lembrança de Léon Denis sempre humilde diante do Espírito que se anunciava, fosse amigo ou desconhecido, Espírito modesto ou superior; "sois bem-vindo querido Espírito" – lhe dizia ele, e a conversação se tratava em tom grave ou gracejador, tratando de um assunto sempre interessante, mas de valores diferentes conforme o Espírito os apresentava.

Ficamos particularmente interessados pelo diálogo trocado entre o mestre e Renan. Léon Denis, exprimindo ao autor de *A vida de Jesus* seu pesar pelo fato de ele não ter conhecido os fenômenos psíquicos, acrescentava:

– À leitura de vossas páginas eu deplorava que essas luzes vos tivessem faltado. Que maravilhoso livro teríeis então escrito!

– Eu lamento agora por ter escrito este livro – respondeu-lhe Renan.

Léon Denis passava todas estas mensagens recebidas pelo crivo de seu julgamento e sempre mantinha um espírito crítico nos meios diversos que frequentava. Quantas vezes ele nos disse que tinha feito muitos inimigos, denunciando publicamente, de

acordo com outros psiquistas, um célebre médium exótico que, em 1909, depois de ter obtido aparições perfeitamente autênticas, fenômenos de real valor, abusou de suas faculdades e se entregou a mistificações repetidas em meios heterogêneos e em presença de numerosas testemunhas. Tinha-se cometido o engano de querer fazê-lo produzir fenômenos todas as noites.

Léon Denis, inteiramente contrário ao pagamento da mediunidade, considerava que o exercício desta bela faculdade deveria ser sempre gratuito, a fim de que o ganho não excitasse os médiuns a fraudar. O mestre apreciava repetir estas palavras: "Antes de tudo o Espiritismo deve ser honesto ou não será." Ele deplorava os elogios desordenados de certas pessoas para com os médiuns célebres e não ocultava sua indignação a esse respeito.

*** * ***

É muito interessante controlar os dizeres de uma Entidade comunicando-se e chegar a poder reunir provas de sua existência na Terra. O mestre recebeu de Nancy uma carta que lhe endereçava o Sr. Westermann, engenheiro, membro da Sociedade de Ciências Psíquicas daquela cidade:

> "Assisti, ultimamente, uma sessão em um círculo privado, na qual atuava uma médium de incorporação, não profissional, que é uma das damas desta sociedade. Tivemos uma manifestação cuja nitidez e precisão de detalhes deu-nos o desejo de fazer sua identificação. A alma sofredora, vendo sempre suas vítimas, seria o assassino Pierre Lefèbvre, que matou em dezembro de 1915 a Sra. Dormeau – granjeira em Tezou (Loire-et-Cher) – e seus dois filhos e que teria sido executado em Tours no dia 10 de junho de 1916. Ele conta que fazia muito frio, que tinha fome, que pediu trabalho à granjeira e diante de sua recusa perturbou-se, saltou sobre ela e a estrangulou (ele fazia o gesto em o dizendo). As duas crianças, chorando, tiveram a mesma sorte. Essa confissão penosa foi obtida a intervalos, não parecia proveniente de lembranças inconscientes do médium. A verificação me interessa e ela reforçará as possibilidades da explicação espírita."

Fomos procurar na biblioteca de Tours a coleção do ano de 1916 da *Touraine Républicaine*.

Na edição da noite de domingo, 11 de junho de 1916, deparamos na primeira página, sexta coluna, o que se segue:

> "*A execução de Lefèbvre* – Lefèbvre, o autor do triplo assassinato de Pezou, pagou esta manhã sua dívida à Sociedade. Lembra-se que Lefèbvre havia assassinado, na aldeia de Montplaisir, comuna de Pezou (Loire-et-Cher) uma granjeira, a Sra. Dormeau e seus dois filhos, uma menina na idade de 5 anos e um menino de 9 anos. Condenado à morte pela Corte do Tribunal do Loire-et-Cher no dia 19 de novembro de 1915, ele fora remetido à Corte do Tribunal de Indre-et-Loire, em seguida à anulação do 1º julgamento pela Corte de Cassação. A Corte do Tribunal de Indre-et-Loire pronunciou igualmente contra ele uma condenação à pena capital, no dia 25 de março último.
>
> A *Touraine Républicaine* de 26 de março de 1916 transcrevia o processo, e em lendo-o, transcrevemos os detalhes seguintes: o assassino nasceu no dia 7 de dezembro de 1858 em Morce, arredores de Vendôme; ele era jornaleiro em Pezou e trabalhava com um homem chamado Bouzard na casa da Sra. Dormeau, cujo marido estava mobilizado. Foi com este cúmplice que ele resolveu assassinar esta no dia 18 de janeiro de 1915,[58] por volta de nove horas da noite; ele entrou no quarto, forçou a porta e como a granjeira avançou para ele dando-lhe um golpe na cabeça, depois um outro com a ajuda de um pedaço de pau, ele matou-a. Em seguida matou a menina e o menino."

Na ocasião, sendo elucidada por esta descrição, nós a narramos a Léon Denis que não era favorável à pena de morte. Fazendo um dia parte do júri na Corte do Tribunal, ele não temeu expressar seus sentimentos a esse respeito e foi ouvido pelos jurados com muita atenção:

> "Matando o corpo não matais a alma de um assassino – disse-lhes – e libertais forças maléficas que, de retorno ao

espaço, continuarão em atividade prejudicando os vivos de uma maneira muito mais intensa.”

Isso prova que o mestre agia sempre de acordo com seus princípios e não temia expô-los mesmo em atos públicos.

*** * ***

Léon Denis não se dirigia jamais imperiosamente aos Espíritos. Ele nunca os chamava individualmente e preferia deixá-los vir conforme sua vontade. A incorporação, isto é, o fenômeno pelo qual um Espírito se serve do corpo de um veículo chamado médium, a incorporação não exige obscuridade e o mestre fazia as experiências em sua casa em plena luz. Na época em que eu o conheci, ele nunca adormecia um médium por meio de passes magnéticos; apenas os invisíveis disto se encarregavam.

Não podemos relatar aqui as experiências do mestre. Ele as reuniu em muitas de suas obras, particularmente no capítulo intitulado “Primeiras experiências” do livro *No Invisível*. Ele traçou também toda a história do desenvolvimento do Espiritismo em Tours, no trabalho que elaborou tendo em vista o Congresso de Paris, em 1925, e cujo relatório foi publicado.

Folheando, um ano após a morte do mestre, um livro de comunicações manuscritas que lhe pertencera, caiu entre nossas mãos, de maneira inesperada, o processo verbal de uma sessão. Ei-lo:

“Tours, 1º de novembro de 1879.

Sessão com o auxílio dos senhores Lebreton e Cornilleau.

Um espírito sofredor se manifesta, antes pela mesa, sob o nome de Louis Victor Savary. Após algumas frases incoerentes, ele se retira, cedendo lugar ao Espírito de Volliat, guia espiritual do grupo de Mans, que nos recomenda orar por aquele que acaba de nos deixar. Sob a ordem de Volliat nós apagamos todas as luzes e adotamos as disposições seguintes em torno da mesa: em frente do Sr. Lebreton se coloca Aguzoli, tendo Pierre Hodèe à sua direita e Armand à sua esquerda, o Sr. Cornilleau à direita e Denis à

esquerda do Sr. Lebreton. Assim está constituída a primeira corrente; a segunda se estabeleceu atrás, na ordem seguinte: Gratel tendo a mão direita na de Cornilleau, depois Brard, a Sra. Denis, a Sra. Gratel, o Sr. Théodet Fergsson em contato com Denis. Ao fim de um instante, após um caloroso apelo, o Espírito *Blanche* se manifesta por golpes na mesa, arranhar de unhas nas paredes, batidas nas madeiras, imitando o toque de retirada; ele segura o anteparo metálico da lareira, agita os candelabros, transporta uma cadeira para cima da mesa e faz vibrar golpes violentos. Projeções luminosas envolvem o médium durante toda a sessão. Pontos luminosos em forma de bolas vivamente iluminadas se agitam em todos os sentidos em torno da mesa, elas sobem até o forro, descem, desfazem-se para retornar em outros pontos. De todos esses focos luminosos se destacam pequenos espirais de fumaça branca fosforescente. Um odor de fósforo segue a produção desses fenômenos. Dedos, uma mão, são vagamente entrevistos por certos assistentes. Esta mão pequena, afilada, passeia sobre nossos cabelos e sobre as vestes do Sr. Lebreton, Cornilleau, Denis, Harmand e Gratel. Seu contato leve, agradável, parece aquele da mão de uma criança. O médium adormece e vê o Espírito de uma moça de 18 anos, cintilante de luz, que se mantém à sua esquerda. Este Espírito se aproxima muitas vezes da Sra. Théodet. Ela se torna mesmo visível aos nossos olhos sob a forma de uma sombra branca que a encerra em seus braços. Ela reconhece sua filha Stella, morta há três anos. Outros Espíritos aparecem em grande número ao médium que os descreve. Reconhece-se sucessivamente Françoise Liouville, Barbe Valdeville, a Sra. Harmand, Silvain Brard, Vidal, Espírito conhecido do Dr. Aguzoli, o Sr. Lebreton, adormecido, se levanta e anda em torno da sala. Ele vai se colocar por detrás do doutor. Estabelece com ele uma explicação sobre a doença do Sr. Denis pai, e entra, a esse respeito, em numerosos detalhes científicos dos quais resulta que o emprego do amoníaco proporcionaria um alívio às palpitações do coração, das quais ele sofre. Após sinceros agradecimentos, aos bondosos guias, a assistência se dissolve à meia noite e meia, levando dessa

sessão uma viva impressão, um sentimento de fé ardente de fraternidade."

Léon Denis obtinha também alguns transportes em círculos estranhos ao seu. Ele menciona um fenômeno desse gênero em sua obra *Cristianismo e Espiritismo*.[59] Esses fenômenos apresentam uma dupla curiosidade: há, em primeiro lugar, o transporte de um papel; em segundo a escrita direta obtida sobre esse mesmo papel, assim como os Espíritos os obtêm com o auxílio de certos médiuns sobre ardósias duplas fechadas, seladas, escondidas e no interior das quais se coloca um fragmento de lápis. Mas, deixemos o mestre falar:

"Assistimos à produção de muitos fatos desse gênero. Um dia, entre outros, em Orange, ao curso de uma sessão de Espiritismo, vimos descer do vazio, acima de nossa cabeça, um fragmento de papel que parecia sair do forro e veio lentamente pousar sobre nosso chapéu, colocado sobre a mesa perto de nós. Duas linhas de uma fina escrita; dois versos tinham sido traçados, eles exprimiam um aviso, uma predição concernente a nós e que se realizaria depois."

Léon Denis não citou estas duas linhas por modéstia; após sua desencarnação, ficou sob minha posse. Eis o pensamento que exprime:

"L'avenir vous souritir, jeune homme au front serein
Car je lis dans vos yeux un superbe destin."

O mestre preferia antes de tudo a experiência de ordem intelectual. Ele disse no Congresso de Paris:

"Para obter a assistência, a colaboração dos espíritos elevados é preciso apresentar-lhes qualidades especiais: a sinceridade, o desinteresse, a procura acima de tudo de um objetivo moral, de um objetivo de definição, de elevação, de aperfeiçoamento. Esses espíritos leem em nós e não consentem em descer ao nosso planeta inferior, suportando os fluidos malsãos que a Terra desenvolve, senão para servir a uma causa nobre e generosa. É preciso, para atraí-los, renunciar a toda pretensão e compreender a fraqueza e o

desnudamento do homem em face desse oceano de forças e de vida que é o mundo invisível; é precisamente essa compreensão que falta a certos experimentadores que abordam esse domínio de pesquisa sem proteção, sem assistência elevada, e endossam, assim, a responsabilidade de pôr em jogo forças que são impotentes para dirigir."

O Dr. Gibier descreve em *Análise das Coisas* e *O Espiritismo (faquirismo ocidental)*, as cenas trágicas que se passaram no anfiteatro da Escola de Medicina, que os estudantes haviam escolhido como local de suas reuniões. De outra parte, um caso trágico foi assinalado pela revista italiana *Luce e Ombra* [60] e reproduzido na *Revista Espírita*.

O Espiritismo experimental, compreende-se facilmente, é uma arma perigosa de duplo corte. Praticado com sabedoria, método, com uma finalidade certa, tal como se fazia na casa do mestre, se torna um sacerdócio. Praticado com leviandade, perde todo seu caráter de estudo e é um divertimento que constitui um perigo.

As experiências espíritas, para serem boas e proveitosas, devem ser praticadas por uma elite moral e advertida. Eis por que os membros de diferentes cleros creem em fazer bem interditando a seus fiéis de se entregarem a estas experiências.

Uma grande causa de tristeza para o mestre era constatar a frivolidade com a qual tantas pessoas se entregam à prática do Espiritismo, sem instrução prévia. Punha-os em guarda contra os perigos que corriam. Ele aconselhava, de preferência, a experiência no círculo familial. Ali, melhor do que em qualquer outra parte, os desencarnados encontram ambientes e fluidos necessários às suas manifestações e também o piedoso recolhimento dos corações.

O mestre escreveu:

"Haverá sempre um Espiritismo de baixa categoria que prejudicará o outro, mas todos aqueles que, desse espiritismo terra a terra souberam, pela paciência e perseverança, elevarem-se para uma experimentação mais alta, somente

estes compreenderão toda a grandeza e eficácia do Espiritismo.

A prática desta ciência não deve apenas nos proporcionar as instruções do Além, a solução dos graves problemas da vida e da morte. Ela pode também nos permitir colocar nossas próprias radiações em harmonia com a vibração eterna e divina, a dirigi-las, a discipliná-las. Não nos esqueçamos de que é por um treino psíquico gradual, por uma aplicação metódica de nossas forças e de nossos fluidos, de nossas aspirações, que preparamos o papel que vamos desempenhar em nosso futuro no mundo invisível, papel e futuro que serão tanto maiores e melhores quanto tivermos chegado a fazer de nossa alma um foco mais radiante de forças, de sabedoria e de amor."

A indiferença da jovem geração às experiências dos sábios do século passado era-lhe também penosa.

"É preciso, pois, sempre aprender, sempre tatear; os William Crookes, os Myers, os Ochorowicz terão falado muito bem, porém não foram ouvidos!"

Muito bem! É bem verdade! A jovem geração corre tão depressa que não tem tempo de dar uma olhada para trás. Isso permite imaginar que ela tudo inventou e não deve nada aos antigos. Essa atitude é particularmente nefasta quando se trata de uma jovem ciência como a ciência psíquica. Quantas manchas para trás, quantos tropeções não conheceu ela! Léon Denis expressava esta tristeza escrevendo:

"Reprovam-nos por concluir muito apressadamente. Ora, eis os fenômenos que se produziram em séculos de história; nós os constatamos experimentalmente e cientificamente desde há perto de cem anos e ainda julgam nossas conclusões prematuras! Mas em mil anos, ainda haverá retardatários que julgarão que ainda é muito cedo para concluir. Ora, a humanidade experimenta uma necessidade imperiosa de saber e a desordem moral que sevicia a nossa época é devida em grande parte à incerteza que plana ainda sobre esta questão da sobrevivência." **61**

Desejando fazer conhecer Léon Denis na sua intimidade e propagar sua doutrina, não podemos terminar de melhor forma este capítulo senão reproduzindo o que ele escreveu na *Revista Espírita*, sobre ensinamento dos Espíritos Guias.

> "Se eu tivesse que resumir em traços concisos os ensinamentos dos Espíritos Guias, eu diria: a Lei suprema do Universo é o bem e o belo. E a evolução dos seres através dos tempos e através dos mundos não tem outro fim que não seja a conquista lenta e gradual destas duas formas da perfeição.
>
> Mas o entendimento humano não se contenta com fórmulas, são precisos também imagens que a própria natureza nos oferece em profusão, por exemplo, a vida da árvore; não é ela uma imagem flagrante da evolução da alma? Ambas se elaboram no seio da matéria, nela mergulham raízes profundas a fim de absorver o suco nutritivo. Tal é a vida da alma encarcerada nos mundos planetários. Ela se firma, sobe pouco a pouco para a luz e, como a própria árvore, estende seus ramos, cresce em sua pujança de radiação sobre o meio em que habita, depois cresce ainda para se expandir e aspirar pelo céu.
>
> A verdade é que nós somos arrastados por uma potente força evolutiva para os mais altos destinos. Essa noção é capaz de revolucionar a vida social sob todas as suas formas, pois que ela dá à nossa existência na Terra um sentido mais vasto, uma finalidade mais elevada.
>
> Sem renegar nosso passado, a hora é chegada para a humanidade renunciar às velhas formas e compartilhar resolutamente numa via nova feita de luz e de liberdade. Os males de nosso tempo provêm em que persistimos em viver de um ideal que se tornou estéril e, mesmo, às mais das vezes, nenhum ideal, enquanto que o Universo abre seu pensamento, seus horizontes infinitos, o império da vida, a escada prodigiosa cujos degraus nos convida a subir.
>
> Os ensinamentos dos Espíritos, como um raio do Alto, vem dissipar nossas trevas e nos mostrar o caminho do futuro. Mas o homem, semelhante ao prisioneiro que saindo de seu

cárcere, ou ao cego que subitamente recobra a vista, o homem permanece deslumbrado diante do clarão da luz e hesita a se aventurar no novo caminho.

Em meio ao nosso século atormentado sob o golpe de provas sofridas, o pensamento se inquieta, a consciência desperta, pergunta-se para que tanto progresso material se o homem não é ainda mais desgraçado e ainda pior? Muito se fez pela matéria, isto é, pelo corpo, mas o que se fez pelo Espírito? Qual é a verdadeira fonte de vida em nós? O espírito foi negado, desprezado, desconhecido por uns, outros não o entreveram senão através do véu de fórmulas desgastadas.”

IX
1925: o Congresso de Paris

Léon Denis havia, em 1900, presidido ao Congresso de Paris; nessa época os espíritas parisienses não tinham por centro de suas reuniões senão uma construção de madeira ao fundo de um pátio, rua do Fauburg Saint Martin. Eles ficaram muito felizes depois da guerra graças a uma mecenas: o Sr. Jean Meyer. Tiveram uma organização à altura de sua grandeza e da força de sua doutrina. O mestre não conhecera nada desta organização material; durante a guerra sua cegueira havia crescido, ele havia vivido à parte do mundo, confinado em sua casa.

O anúncio de um Congresso para 1925 deixou Léon Denis pensativo; ele hesitava em julgá-lo oportuno. A Federação Espírita Internacional, tendo sido fundada recentemente, levava o mestre a pensar que teria sido preferível deixar este grande organismo espiritualista funcionar durante alguns anos antes de sonhar em ocupar os membros em um Congresso. Todavia ele não tardou a mudar de apreciação, A *Revista Espírita* consagrava a cada mês uma de suas páginas à preparação deste Congresso. Nós líamos com interesse os preliminares que se seguiam aos programas dos trabalhos e que continham a convocação do Comitê de Organização, endereçada aos congressistas. Foi com uma atenção suspensa que o escritor ouviu esta leitura, fez sublinhar algumas passagens que pareciam refletir com particular importância, e se declarou muito satisfeito com os assuntos propostos no programa. O Sr. Jean Meyer, a quem foi mandada a apreciação, exprimiu-lhe sua alegria e insistiu para que ele tomasse parte nestas grandes realizações espiritualistas; perguntou-lhe se não teria por bem representar o Brasil ou o México. Em sua resposta, Léon Denis fez reservas invocando sua idade avançada e sua enfermidade que lhe tornavam todas as viagens difíceis.

O mestre expôs a situação a seus guias em uma reunião íntima e estes o encorajaram a aceitar a participação no Congresso, porém ele lhes objetou o que chamava “o fardo de suas enfermidades”.

– É presumir de minhas forças, em minha idade, presidir a um Congresso – disse-lhes ele –; Flammarion me substituirá muito bem!

Léon Denis havia apenas pronunciado estas palavras quando foi interrompido por seu médium que num tom nítido e firme lhe respondeu:

– Flammarion não estará lá.

– Como?! Flammarion se absterá? – respondeu Léon Denis espantado.

– Não, ele não estará lá!

Nenhuma palavra foi acrescentada e as pessoas presentes não puderam de forma alguma supor a morte próxima do célebre astrônomo. Três meses depois, ela sobrevinha. Tomando conhecimento dela o mestre glorificou diante de nós o eminente sábio cujas obras já haviam maravilhosamente vulgarizado uma ciência árida, colocando-a assim ao alcance de todas as inteligências.

Então foi iniciado um trabalho opinativo, boas vindas, a locução prévia à abertura do Congresso, refutações possíveis aos metapsiquistas, discursos de encerramento; tudo isto foi elaborado; Léon Denis ditou em seguida seu trabalho: "História do desenvolvimento do Espiritismo em Tours".

O mestre estava em perfeita saúde; com sua habitual independência de caráter ele procedeu sozinho aos preparativos de sua viagem; na 5ª feira, 4 de setembro, ele partia para Paris acompanhado de Gaston Luce, devendo desde o dia seguinte assistir na "Maison des Spirits", 8 Rua Copernic, à reunião do Comitê Geral e à Assembleia Geral da Federação Espírita Internacional. Os dias que se seguiram foram um arrebatamento. Subjugados pelo encanto da palavra do mestre, desde a primeira sessão plenária na sala da "Sociedades Sábias" os espíritas deviam, três vezes ainda nesta mesma sala, fruir de seu talento prestigioso. O orador ultrapassou a si mesmo, ele conduziu os debates com uma juventude de espírito, com uma facilidade de elocução notáveis. Seu tato habitual, seu bom humor e sua urbanidade encantaram os espectadores. Que majestade revestia

o apóstolo quando seu belo gesto de portador da tocha acompanhava suas vibrantes perorações! O ensinamento que o ancião sintetizava em sua palavra era como uma viva luz iluminando as delicadas questões da experimentação e de tudo que diz respeito ao Espiritismo" Os congressistas guardarão para sempre a lembrança de Léon Denis muito pálido, pronunciando seu magnífico discurso de boas vindas diante dos representantes espíritas de 22 nações.

> "Nós vos saudamos a todos – disse ele – a qualquer nação que pertenceis, em nome de nossas crenças comuns, em nome da grande causa a que servimos. É provável, senhoras e senhores, que muitos dentre vós se encontrem aqui pela primeira vez e, entretanto, nós vos sentimos a todos reunidos pelos laços poderosos, pelos laços espirituais que unem as almas em uma fé sincera, uma aspiração ardente, para a verdade, para a luz; e, não é este laço, por excelência, o laço indestrutível que reaproxima as almas como membros de uma mesma família e, ao mesmo tempo, une a Terra ao Espaço? Pois todos nós sabemos que, acima de nossas pátrias humanas, mais alto que nossas diferenças de línguas e de raças, há a grande pátria eterna, de onde todos saímos por ocasião de nosso nascimento, para onde retornamos todos após a morte, para nos encontrar nesta pátria de almas, que não tem fronteiras, que não tem limites, porque é o campo imenso da evolução de todos os seres em sua ascensão lenta e gradual para Deus."

O mestre definiu em seguida a finalidade e o futuro do Espiritismo. Este longo desenvolvimento foi frequentemente interrompido pelos aplausos e várias vezes cortado pelo tradutor inglês. Nem a mínima hesitação nos períodos; os oradores, mesmo os mais jovens conferencistas, tinham necessidade de recorrer ao texto para que o fio de seus discursos não fosse interrompido. A todos o mestre dava a impressão de contar com seu pleno controle cerebral.

No dia 10 de setembro, Léon Denis pronunciou o discurso de abertura; foi uma bela alocução onde estava traçada a história do

Espiritismo desde há cinquenta anos, com suas numerosas tribulações, mas também com seu soberbo desenvolvimento. Ele terminou mostrando aos espíritas do mundo inteiro que a pesada responsabilidade e que a grandes deveres estavam incumbidos.

A intervenção do Sr. Valabrègue forneceu ao mestre oportunidade para uma magistral improvisação. O debate era sobre a Liberdade de Consciência. O Sr. Valabrègue partira para o combate após ter ouvido o discurso de Léon Denis e a relação muito interessante do Secretário Geral, Sr. Ripert. Ele exclamara:

> "Eu, eu não adoto vossa afirmação porque ela não proclama a liberdade de consciência."

A isto Léon Denis replicou:

> "Fizemos a revolução para ter a liberdade de consciência; nossos pais derramaram seu sangue para ter liberdade de consciência, creio que ela existe e que irradia sobre a França inteira. Após a leitura do relatório discutiremos esta questão que me parece, entretanto, supérflua, porque a liberdade de consciência existe, ela é mantida e contra ela ninguém se poderá opor nem combatê-la."

Após diferentes leituras de comunicações (as do Dr. Maxwell, procurador geral da Corte de Apelações de Bordeaux e de Sir Oliver Lodge), a palavra foi dada ao Sr. Valabrègue; ele dissertou longamente, foi eloquente, interessante, mas a grande maioria da assembleia não aprovou a diatribe que fazia aos espíritas, a reprovação de ortodoxia e de não ter feito do amor, a base e o princípio essencial de sua doutrina.

Não tirávamos os olhos do mestre que, um pouco curvado sobre a mesa, ouvia atentamente seu contraditor, parecendo contrair-se sobre si mesmo como um lutador que prepara suas forças antes de medir-se com seu adversário. Ele se ergueu quando o Sr. Valabrègue terminou e fez uma magnífica improvisação:

> "Senhoras, senhores – disse ele –, permiti-me resumir este debate em algumas palavras; segui com atenção os discursos

muito eloquentes e espirituais do Sr. Valabrègue e me pergunto agora em que, realmente, suas opiniões diferem das nossas. Eu não vejo nenhuma diferença, senão quanto à maneira de exprimir. No fundo estamos perfeitamente de acordo e, neste caso, por que discutir? Ele nos falou de Cristo e de seu grande amor. Mas todos nós admiramos o Cristo e todos nós nos prosternamos com respeito diante desta grande figura que domina os séculos e permiti-me lembrar que o Cristo não apenas deu um exemplo magnífico de devotamento e sacrifício, mas nos trouxe também um ensinamento: a razão de sua encarnação sobre a Terra. Ele veio dar-nos um conhecimento de Deus, da alma e do destino, princípios que, infelizmente, não se aplicam mais em toda sua beleza e em toda sua grandeza. É precisamente nossa obra fazer com que revivam; é por isso que estamos reunidos, que trocamos opiniões, que sofremos há cinquenta anos para reconstituir e dar à humanidade o ensinamento do Cristo; por fim, permiti-me dizer-vos: haveis pronunciado a palavra ortodoxia; Espiritismo não é uma ortodoxia no sentido de doutrina fechada, de doutrina rígida, é simplesmente uma representação livre do pensamento, é uma evolução, é uma etapa para a verdade integral, para o infinito. Allan Kardec não disse que o Espiritismo permaneceria aberto a todos os desenvolvimentos do futuro e, por consequência, a todas as manifestações do pensamento e da Ciência? Mas justificamos estas palavras, incorporamos em nossos trabalhos, em nossas obras todos os progressos, todos os conceitos das ciências, fizemos melhor do que isto, indicamos os caminhos, as rotas a seguir. Foi graças a nós que os sábios entraram em nossas vias, no estudo do mundo invisível, no estudo das forças invisíveis; foi graças aos nossos estudos e às nossas pesquisas. Quem foi, enfim, que falou em primeiro lugar, nos tempos modernos, do fluido, da mediunidade, do corpo astral? Foram os espíritas! Atualmente ainda, todos os sábios, todos os metapsiquistas, não fazem senão caminhar sobre nossos traços, e seguir o caminho que percorremos há muito tempo. Pois bem! Caro amigo, permiti-me dizer-vos, todos os

nossos esforços convergem para o objetivo do qual haveis entrevisto a hora.

Falastes de consolações a dar à humanidade, àqueles que sofrem, mas calculais todas as provas e todos os sofrimentos e todas as dores que o Espiritismo consolou? O Espiritismo não é simplesmente um ensinamento que repousa sobre base certa, é um critério que desafia contradições. O Espiritismo é um ensinamento para o mundo inteiro. Ensina-se por toda parte a reencarnação, os princípios do amor, e é isto que faz a base do Espiritismo; jamais nenhuma doutrina apoiou-se sobre um critério tão universal.

Esse sentimento de amor de que falais é a própria base do ensinamento espírita, como do ensinamento cristão.

Ele não é escola, doutrina, ensinamento, qualquer que seja sua forma e que não tenha seus princípios. Nós temos princípios que ultrapassam os outros neste sentido de que eles nos vêm do Alto, de todos os pontos da Terra e que concordam entre si nos pontos essenciais.

Nesta reunião, em que todas as nações estão representadas, os anglo-saxões parecem se diferenciar de nós em certos pontos, mas a fusão que se opera – tendes a confirmação em obras, em telegramas e em manifestações do pensamento – demonstra que uma ideia, imensa, bela, sublime, se ergue acima das contingências e faz irradiar seu poder e sua bondade sobre o mundo. Estamos todos de acordo; diferimos em termos e expressões, e se o Sr. Valabrègue quiser refletir, verá que estamos todos unidos em um mesmo sentimento de fraternidade e de união e que marchamos todos no mesmo passo para horizontes melhores, para dias mais belos para a humanidade!”

Na sessão de 11 de setembro, o Sr. Viguier permitiu igualmente ao mestre fazer uma bela interpretação, fazendo notar que os espíritas, tendo, na exposição de sua doutrina, o princípio da crença em Deus, só fazem adeptos entre os materialistas.

“Sou do parecer – acrescentou ele – que nossa filosofia não tem nenhuma relação com a crença; o que importa,

sobretudo, é interessar as massas no Espiritismo. Estimo que os princípios de nossa filosofia não devem trazer nem negação nem afirmação concernentemente à divindade, esta do domínio da fé, e é preciso conceder, a este respeito, a cada um de nossos aderentes, a liberdade de crença mais extensa."

Léon Denis lhe respondeu:

"Vemos a questão de Deus de um ponto de vista exclusivamente necessária às nossas manifestações. Há, na França, duas escolas psíquicas. Gostaria de oferecer detalhes quanto à maneira de proceder das duas escolas. Há os kardecistas e os metapsiquistas. Os kardecistas creem na existência dos Espíritos, dos quais dão provas múltiplas, infalíveis e sempre mais numerosas. Por experimentação sabem que acima do mundo dos Espíritos existe um foco superior – não lhe dou nome – um foco de onde emanam e se difundem, ao infinito, correntes de forças, e é esse foco eterno que une todos os seres, que os Grandes Espíritos retiram as forças necessárias para se manifestar e produzir fenômenos convincentes, em uma solidariedade estreita, em virtude de leis universais. É esta força protetora que dirige nossas sessões experimentais."

No dia seguinte, Léon Denis teve um dia sobrecarregado; ele pronunciou, antes, um magnífico discurso sobre a ciência metapsíquica, disse o que esperava dela e, também, o que nela reprovava. Depois teve de se encarregar ainda do discurso de encerramento que lhe valeu uma grande ovação:

"Vamos nos separar e talvez não nos tornemos a ver neste mundo, porém nos reveremos certamente no outro e nele trabalharemos ainda para servir à causa da verdade e a difundir, cada vez que possamos, os raios de sol levante que se chama Espiritismo.

Encerrando, eu chamo sobre vós as radiações da força divina a fim de que elas vos penetrem, venham fecundar vossas almas e façam persistir em vós o devotamento, a coragem, a abnegação que vos ajudarão a defrontar as dificuldades da vida, do materialismo, a fim de que possais

difundir por todo o mundo a convicção que está em vossos corações.”

Os representantes estrangeiros, tanto quanto os da França, guardaram destes poucos dias passados em intimidade com o mestre, sob a irradiação de seu pensamento, seu ensinamento, uma impressão inesquecível. Todos, sem exceção, sentiram que a doutrina que amam tinha em Léon Denis um líder venerável que, por sua grande fé e sua eloquência persuasiva e a lucidez de suas vistas, era um digno continuador de Allan Kardec.

O Congresso teve um lado ilustrativo pela conferência, com projeções de Sir Conan Doyle; milhares de parisienses lotaram desde cedo as salas da Sociedade Sábia, depois a sala Wagran, onde foi feita uma segunda conferência. Estima-se que milhares de pessoas não puderam entrar neste imenso local que conteria facilmente cinco mil pessoas. A imprensa se maravilhou com este sucesso e não dissimulou seu espanto de que Paris contasse com um número tão grande de pessoas interessadas no Espiritismo. Ela conveio que, se Sir Conan Doyle se tivesse decidido a pronunciar uma terceira conferência na sala do Trocadero, esta sala imensa teria sido muito pequena para conter os auditores do famoso pioneiro inglês. Léon Denis se rejubilava muito com este ocorrido da massa em torno de Sir Arthur Conan Doyle.

O Congresso absorveu exclusivamente o mestre; quando ele não estava na rua Copernic, ou na sala da Sociedade Sábia, ele meditava em seu quarto. Contrariamente ao Congresso de 1900, em que havia recebido muitas pessoas, desejava viver ignorado e escondia seu endereço aos seus amigos mais íntimos. Não foi senão no fim de sua permanência em Paris que um jornalista pôde despistá-lo e obter dele uma entrevista. O Sr. Esquier de *La Libèrte* relatava no dia seguinte, nestes termos, a conversa que havia tido com o mestre a respeito do Espiritualismo moderno:

> “No momento em que o Congresso Espírita acaba de encerrar seus trabalhos, parece-nos interessante recolher da própria boca de seu presidente, o Sr. Léon Denis, as conclusões a que chegou esta Assembleia Internacional.

Sabe-se que o Sr. Denis, grande apóstolo do Espiritismo e sucessor de Allan Kardec, escreveu numerosas obras sobre as Ciências metapsíquicas e das quais a mais notável, *Depois da Morte*, é um livro de alta filosofia, tratando da sobrevivência e de tudo a quanto a ela se relaciona.

O eminente espírita pôde nos receber esta manhã.

É um ancião de oitenta anos, quase cego, a barba de neve e que lembra, fisicamente, o Moisés de Miguel Ângelo e também Tolstoi. Infinitamente cortês, prestou-se às nossas perguntas e seu tom, de começo familiar, elevou-se logo até a eloquência mais apaixonada e mais persuasiva:

– Estás satisfeito, mestre, com o resultado do Congresso? – perguntamos.

– Encantado! Seus resultados serão consideráveis... É uma nova vitória para o Espiritismo Kardecista. Está longe o tempo em que se respondia às afirmações dos espíritas com sarcasmos. A atenção pública voltou-se para o seu lado. A discussão, a controvérsia cortês substituíram a difamação. Contestava-se a realidade dos fenômenos, que os metapsiquistas fizeram, por experiências de laboratório, a demonstração de que eles existem. As afirmações de um William Barrett, um Oliver Lodge, um Charles Richet, vinham depois das de William Crookes e não se contestam. Muitos sábios reclamam ainda outras provas. Eles duvidam, essas provas, eles as obterão, se quiserem estudar as forças desconhecidas, com a boa vontade necessária, tendo em conta que eles não estão mais em presença de forças mecânicas, mas de forças inteligentes.

"O Espiritismo prova a existência de um mundo invisível, bem mais complexo ainda que o mundo material. Ele prova também a imortalidade da alma humana e da consciência individual e, enfim, a evolução da alma através das vidas sucessivas que as levam para o conhecimento e para a perfeição.

– Esta teoria é a de Pitágoras?

– Sim... e de Jesus, pois ele ensinou a pluralidade das vidas em sua conversa com Nicodemos e, também, quando disse que João Batista era a reencarnação de Elias.

– Porém isto é contrário ao dogma católico.

– Certamente! A Igreja, que visava antes de tudo impor seu jugo, transformou a ideia de Cristo e ensinou a doutrina de uma vida única com a ameaça do inferno, a fim de pôr nas mãos dos sacerdotes um potente meio de dominação política...

– ... É verdade que sonhais ver o ensino do Espiritismo nas escolas?

– Eu sonho ver ensinar às crianças a doutrina da sobrevivência, para substituir o catecismo com um horizonte mais largo e dar-lhes uma moral elevada. Mas vai muito longe daí e não nos ocorre mostrar-lhes fantasmas, nem ectoplasmas, nem fenômenos perturbadores, que não podem ser controlados senão pelos pesquisadores ponderados e prudentes; pois nestas experiências podem se imiscuir maus e perigosos espíritos. Aqueles que levantam o véu do mistério devem ser capazes de separar o que é útil para o bem da humanidade.

Na fronte de nosso interlocutor parecia irradiar a auréola dos apóstolos.

Nós o deixamos profundamente perturbado.

Ch. Esquier.”

O mestre não deixou Paris no encerramento do Congresso. Ele permaneceu dois dias ainda entre seus amigos parisienses, felizes por tê-lo junto deles; ele se mostrou alegre, encantador, pleno de espírito. Brincava-se com ele a respeito de seus hábitos, que ele havia abandonado.

O Sr. Jean Meyer veio testemunhar-lhe sua gratidão e sua alegria, visto ter ele decidido presidir ao Congresso do qual fora a alma. Léon Denis, muito emocionado, prestou homenagem ao Sr. Meyer e seus preciosos colaboradores, assegurando o sucesso do Congresso com uma preparação metódica e cuidadosa.

No dia 15 de setembro, Léon Denis voltava a Tours; nós o vimos no dia seguinte e como antes de sua partida, ficamos surpreendidos com sua grande calma. Ele retomou logo em seguida sua vida e ninguém poderia supor que um acontecimento de importância capital havia conturbado sua vida durante dez dias.

O maravilhoso equilíbrio dos sábios, que as vaidades do mundo não perturbam e a quem só cativa a vida do espírito.

*** * ***

Este Congresso teve uma profunda repercussão na imprensa. Um repórter foi sucessivamente interrogar o Cardeal Dubois e o pastor Roberty. A Igreja Católica é consciente do estado do espírito moderno, e seus oradores não temiam falar acerca da inquietude humana. O Cardeal, muito informado dos trabalhos do Congresso Espírita, naturalmente defendia que só o Evangelho pode responder às duas questões que, em todos os tempos, foram propostas aos homens: Que somos? Para onde vamos? E terminou por este conselho dirigido aos espíritas:

> "Quisestes acabar com as misérias desta Terra, fizestes esforços por um ideal; nesse esforço prossegui; então o Cristo falará em vossa alma para vos revelar a verdade."

O pastor Roberty, um dos ministros mais eminentes do Protestantismo, presidente do Consistório da Igreja Reformada, tão advertido quanto o Cardeal Dubois quanto ao Espiritismo, fez esta declaração:

> O Espiritismo é uma ciência que é louvável estudar; o que eu reprovo aos espíritas é de imiscuir o sentimento religioso às suas práticas. Que eles estudem certos fenômenos psíquicos ainda mal conhecidos, eu não os condeno por isto, seu erro é o de querer criar uma espécie de religião racional."

Contrariamente ao Cardeal Dubois, ele confessa que o Evangelho não explica tudo, mas o crente não tem necessidade de demonstração. E como o jornalista lhe propunha esta questão:

– Desaconselhai a prática do Espiritismo aos vossos correligionários?

– Eles podem fazê-lo, sob as reservas que indiquei – respondeu.

O mestre ficou muito interessado pela leitura dessas entrevistas. O ponto de vista de duas altas personalidades do clero católico e protestante estavam longe de lhe serem indiferentes e ele não deixou de apreciar a amplidão e a independência de suas vistas.

Léon Denis se havia tornado menos combativo no final de seu apostolado. Ele não era mais o "velho espírita" da brochura publicada outrora e intitulada "Resposta de um velho espírita a um doutor em letras de Lyon". Assistindo há cinquenta anos às controvérsias por vezes calorosas entre católicos e espíritas, ele deixava os jovens responderem às polêmicas e dizia:

> Vale mais a luta através da crítica do que a conspiração do silêncio. Isto nos leva a conhecer. A verdade negada por uns se propaga por outros, nada poderá agir contra ela pois que as forças do Alto participam do combate."

Como todos os velhos, Léon Denis era refratário às objetivas dos fotógrafos; antes do Congresso, os amigos e admiradores possuíam somente duas fotografias suas. Uma velha, feita em Lyon, traz o seu autógrafo e o representa em sua maturidade; a outra, mais recente, obtida pela amabilidade do Sr. e Sra. J. Melon, espíritas parisienses que viam o mestre quando eles estavam em veraneio em Vouvray. Este não quis se negar às suas instâncias e pousou iluminado por um raio de sol diante da janela de seu quarto. Sua fisionomia estava impregnada de uma bonomia sorridente, "pois que vós lutastes como vos recusar!" parece ele dizer aos amáveis amadores.

O Congresso deveria nos proporcionar um novo retrato do apóstolo. Esta fotografia foi publicada no número da *Revista Espírita* de novembro de 1925 e reproduzida no número de maio, quando da desencarnação do mestre. Uma bela ampliação do busto foi feita para o livro do Relatório do Congresso. A cabeça enérgica, tem qualquer coisa de escultural, e admirando a bela

fronte do pensador deplora-se que Léon Denis não tenha acedido ao desejo de um escultor parisiense, o Sr. Henri Boillon, que, em uma carta muito amável, datada de 2 de dezembro de 1909, propunha-lhe modelar os traços em cera. Ele se exprimia nestes termos:

> "Eu desejo muito materializar em um busto o rosto que é o frágil envoltório de um puro e alto espírito, mas eu não ousaria vos pedir esta honra se vós não me désseis a coragem fazendo-me uma muito agradável surpresa pela remessa de vosso *Jeanne d'Arc Médium*."

X

1926-1927: *O Gênio Céltico*; Os últimos dias de vida do mestre

Em uma tarde de fevereiro de 1926, enquanto eu lia ao mestre um artigo de Gabriel Delanne, aparecido na *Revista Espírita*, minha atenção foi atraída várias vezes por ligeiros ruídos de uma natureza singular e que eu estava a ponto de definir. Léon Denis, apoiado na mesinha que lhe servia para trabalhar e que me vira voltar-me frequentemente, acabou por exclamar: "Mas que tens?" Quando falei ao mestre de minha preocupação, ele me deu esta resposta: "São os ratos!" E nossa leitura prosseguiu em silêncio. No dia seguinte Léon Denis recebia a notícia da desencarnação de Gabriel Delanne e me disse: "Delanne estava em seu leito de morte quando ouviste o ruído lendo o seu artigo."

Por vezes golpes secos se faziam ouvir nas janelas do quarto do mestre, outros, mais ligeiros, se apercebiam em um ângulo desta mesma peça. Léon Denis nos havia muitas vezes contado que, durante suas insônias, ouvia violentos golpes batidos em sua porta e o assoalho do vestíbulo crepitava como sob o peso de uma pessoa viva: "Sem dúvida, eu estava sozinho em minha casa", – concluía ele. Como Victor Hugo, ele teria querido estabelecer uma conversa com o auxílio desta tiptologia noturna, porém nunca o conseguiu.[62]

Um dia o correio trouxe um enorme pacote; o editor americano de Mrs. Wilcox endereçava ao mestre 4 exemplares magnificamente encadernados de sua tradução de *O Problema do Ser e do Destino*. Léon Denis examinou os volumes, depois seus olhos se fixaram de repente em um ponto do quarto e ele exclamou: "Acabo de ver uma grande luz sobre a porta; é provavelmente Mrs. Wilcox que manifesta assim sua alegria de ver que as ordens dadas antes de sua morte foram executadas."

Pouco tempo depois a americana, incorporando-se no médium do mestre, assegurou-lhe que havia querido revelar sua presença ao seu lado no momento em que chegava sua tradução.

Foi o único exemplo de visão de que fomos testemunhas durante os anos passados perto do escritor.

O ano de 1925 privara as ciências psíquicas de dois mestres: Flammarion, na França, e Sir William Barrett, na Inglaterra. A morte de Gabriel Delanne abriu uma nova era de luto para 1926. Lemos a Léon Denis artigos necrológicos consagrados: em maio, a Felix Remo, ao pastor Benezech em junho, ao médium de curas Beziat no mesmo mês. Em julho, o Dr. Senturens, o devotado tesoureiro da "União Espírita Francesa" desaparecia. Em agosto, foi Emmanuel Vauchez, fundador do Comitê de Estudos de Fotografia Transcendental. "Isto não acabará mais?!" – dizia Léon Denis. Alguns meses mais tarde, como eu lhe dava a leitura das mensagens de Felix Remo, recebida em alguns grupos, ele me disse: "Não achas que estas belas descrições do Além causam inveja e o desejo para aí partir bem depressa?" E como ele não julgasse minha resposta bastante entusiasta, acrescentou: "Eu tenho agora muito mais amigos "do outro lado" do que aqui; tu experimentarás isto se chegares à minha idade."

Desde há muitos anos o mestre não via a vida senão pelo bem que ele podia ainda fazer; todas as suas preocupações se resumiam ao seu apostolado; fazendo a abstração completa de sua personalidade, ele não vivia senão por suas obras. Sua atividade cerebral se manifestava em artigos para revistas; sete anos tinham decorrido desde a publicação de sua última obra; seus amigos supunham que ele não produziria mais. Seu espanto foi muito grande quando, por volta da metade do mês de março de 1926, o filósofo exprimiu, subitamente, sua intenção de escrever sobre o Celtismo. Este assunto havia sido sempre a grande paixão de sua vida intelectual. A assiduidade com que havia seguido os cursos de Arbois de Jubainville, no Colégio de França, prova bastante que as origens de nossa raça absorveram sempre o pensamento deste loreno, cuja infância havia sido acalentada pelas descrições das vicissitudes múltiplas que, através dos séculos, experimentara o seu país.

Quando o mestre cuidou de dar uma forma concreta à sua obra, ela estava já semiconcluída em seu cérebro. Ele havia, desde há muito tempo escolhido-a, acariciado-a. Só isto pode

explicar a extrema rapidez com a qual ele me ditou os primeiros capítulos. A elaboração desta obra leva o espírito de método que lhe era costumeiro; cercou-se de uma documentação abundante, que foi em parte lhe proporcionada por devotados amigos, sob a forma de livros emprestados, longas cartas, assinalando-lhe os monumentos megalíticos, os mais curiosos da Lorena, descrevendo também os costumes dos países célticos, as legendas armoricanas, etc.

O mestre fazia uma escolha e, com um traço azul, sublinhávamos as passagens que lhe forneciam as informações úteis à sua obra. Ele cobria com sua escrita na grade numerosas folhas, que remanejava depois da leitura; desses remanejamentos sucessivos resultava um novo manuscrito. Seu trabalho o preocupava dia e noite e, apenas eu chegava perto dele, dizia-me com vivacidade: "Ah! Este não é um sinônimo que nós procuramos ontem para substituir o termo que não me satisfazia muito? Eu o encontrei na insônia." Sua dedicação à obra era tal que ele não a abandonava senão para abrir sua correspondência. Sua colaboração para a *Revista Espírita* havia cessado e ele não a retomou senão no fim do ano, para fazer saber aos leitores do trabalho que preparava.

Às vezes ele se emocionava e se mostrava satisfeito por ver o trabalho que seus amigos tomavam para lhe ser agradável; sem ter necessidade de formular-lhes seus desejos, o livro que devia fornecer-lhe uma deliciosa documentação, muitas vezes por um concurso de circunstâncias fortuitas, chegava-lhe às mãos; tal o livro póstumo de Barrès: *O mistério em plena luz*; deixou-o ao mestre uma amiga vinda de Paris para uma visita de 24 horas e que o havia adquirido a fim de se distrair durante o trajeto. Como ele o tomou com alegria!

A gravidade do trabalho era por vezes desfeita por alguma anedota do escritor evocando lembranças de suas viagens à Bretanha, aos Vosges ou ao Auvergne. Esse retorno ao passado trazia, de cada vez, um bom sorriso aos seus lábios:

– Tu crês que isto interessará? – perguntava-nos ele.

– Mas, certamente, mestre, todo o mundo rirá do medo do cordoeiro de Lampaul e dos grandes carvoeiros da floresta negra.

Cremos ser agradável ao leitor reproduzir estas passagens:

> "Na época em que eu percorria como turista os campos da Finisterra, tomei um homem da região por meu guia, ou antes por intérprete, pois eu não conhecia, senão imperfeitamente, o dialeto então muito em uso nessa região recuada. Ora, um dia, chegamos a Kergreven; eu tinha tomado um caminho áspero, bordejado de carvalhos anãos como sendo mais curto, conforme o mapa do Estado-Maior que eu tinha sempre comigo. Mas meu guia me deteve bruscamente e me disse, numa espécie de arrepio, que não se passava há mais de dois anos por este caminho, que era então preciso fazer uma grande volta. Tive bastante trabalho para obter dele explicações claras e por fim ele acabou por confessar que um cordoeiro de Lampaul se havia enforcado nesse caminho; seu espírito assombrava ainda os viajantes e que se havia renunciado de utilizar esta estrada. Gastei outro tanto de tempo pedindo-lhe para me mostrar a árvore do suicida; ele o fez com seguidos sinais da cruz e gestos de inquietação." **63**

Aquele que trata da Lorena e dos Vosges:

> "Eu gostava de conversar com os carvoeiros e os madeireiros da floresta e constatei que se encontram entre eles tudo que caracteriza a raça céltica: a alta estatura, a alegria, a hospitalidade, o amor à independência. Bismark dizia dos lorenos, depois de 1871: "Esses elementos são muito indigestos; isto me lembra uma discussão que eu tive em Schiutcht, com os alemães, no dia seguinte ao da anexação da Alsácia ao seu Império. Como a disputa se acalorava e eu era o único francês, fiquei surpreendido ao ver sair do bosque homens de alta estatura e face negra. Eram os carvoeiros lorenos que haviam ouvido tudo e que vinham no momento oportuno dar-me mão forte." **64**

No começo o escritor não havia previsto os capítulos sobre o Auvergne e a Lorena; mas estas províncias guardam mais do que outras numerosas lembranças célticas; ele não queria omiti-las em sua obra e o fez com amplitude; as notas se sobrepunham, o

manuscrito começava a se tornar importante, mas nada estava ainda classificado.

Um dia veio, entretanto, em que o filósofo, tendo-nos exposto seu plano, numerosas páginas tomaram lugar em seus respectivos capítulos, como um sinal dado aos soldadinhos que se põem em boa ordem para constituir batalhões e companhias. Eu estava maravilhada com a lucidez de espírito e a memória do mestre.

O capítulo ao qual ele deu cuidados especiais é aquele que contém uma belíssima descrição intitulado "La Synthèse des Druides et les Triades Bardiques". A finalidade da obra, ademais, residia quase que exclusivamente no desejo de difundir as soberbas estrofes pouco conhecidas e que Léon Denis amava tanto.

Quantas vezes ele não nos recitou a 1ª, a 22ª e a 24ª.

> 1ª – Há três unidades primitivas, e de cada um uma não se poderia ter senão uma única: Um Deus, uma verdade, e um ponto de liberdade, isto é, o ponto em que se encontra o equilíbrio de toda oposição.
>
> 22ª – Três coisas são primitivamente contemporâneas: O homem, a liberdade, a luz.
>
> 24ª – Três alternativas se oferecem ao homem: *Abred* e *Gwynfyd*, necessidade e liberdade, mal e bem e todo o equilíbrio, e o homem pode à vontade se apegar a uma ou a outra.

Tratava-se muitas vezes de fazer longas pesquisas que traziam um entrave ao trabalho e o tornava penoso, a ponto de o escritor deplorar a fraqueza de sua vista: "Ah! – dizia-me ele –, o que eu encetei para um homem da minha idade!". Mas esses momentos de desencorajamento absolutamente não duravam, a energia natural do octogenário retomava rapidamente o seu domínio.

Nos fins de fevereiro de 1927, o trabalho estava bastante avançado; a primeira parte foi confiada ao impressor. Menos de quinze dias depois as provas chegavam em duplo exemplar: "Apressemo-nos – disse o mestre –, se eu não for rápido deixarão meu trabalho de lado para tomarem um outro."

Na quinta-feira, 10 de março, a segunda parte estava pronta e ele a levou à impressora. Na véspera ele me havia pedido para acompanhá-lo a fim de ajudá-lo a atravessar a rua principal sempre muito movimentada. Foi com alegria que eu desci com o mestre essa grande artéria de nossa cidade; como eu insistia em esperá-lo para acompanhá-lo até sua casa, ele recusou, pretextando que ali se atrasaria. Eu o deixei, fazendo-o prometer fazer com muita atenção o seu retorno. Um velho operário da casa Arrault na soleira da porta exclamou brincalhão: "Não te preocupes, ele viverá até cem anos!"

Entretanto, o trabalho de composição prosseguia, Léon Denis quis inserir, no último momento, a citação seguinte de Maurice Barrès sobre o *Muro Pagão*: "Sobre essa montanha, desde o IV ou III século antes de J.C., os celtas haviam construído o *Muro pagão*; encontram-se sobre esse cume os traços de um *Oppidum* [65] gaulês e provavelmente um colégio sacerdotal druídico." [66]

O mestre seguia com uma minuciosa atenção esse trabalho do qual ele me havia encarregado e, como sempre, sua lúcida memória suplementava sua vista defeituosa, trabalho de paciência, pois a colocação das páginas estava feita, e se tratava de descartar o texto primitivo tantas letras quanto comportava a citação, sem que o sentido das frases amputadas fosse alterado.

Pela terceira vez, no dia 31 de março, Léon Denis encaminhou-se para a impressora; ele levava a última parte de seu manuscrito. Eu o percebia feliz, aliviado de um grande peso: a ideia de que sua obra ria logo revestir-se de uma forma tangível e que três mil volumes iriam pelo mundo difundir seu pensamento.

Essa deveria ser a última vez que o mestre saía de sua casa.

*** * ***

Fora preciso ter vivido perto de Léon Denis os derradeiros meses de sua vida, ter assistido como nós a elaboração de sua última obra, para dar-se conta do gasto cerebral que deveria fazer durante este lapso de tempo tão curto. Seu pensamento não

repousava jamais e podemos dizer aqui a razão desse trabalho intenso.

Durante todo o ano 1926-1927, seu devotado médium tinha-o posto em relação constante com seus amigos invisíveis. Allan Kardec dava, a cada quinzena, mensagens que figuram no fim de *O Gênio Céltico*. Por volta do mês de janeiro de 1927, Jerônimo de Praga disse imperiosamente a seu "filho":

– Tu publicarás teus dois livros no mesmo ano.

– Como? Dois livros no mesmo ano?! É muito – havia respondido o mestre.[67]

No dia seguinte, Léon Denis me confiou:

– Viste como Jerônimo me apressa? Isto prova que eu não estarei mais aqui no ano próximo!

Meu coração se apertou. A partir desse dia uma atividade febril tomou conta do escritor.

Manifestadamente, seu guia sabia a hora na qual se produziria o grande acontecimento, de onde sua ordem imperiosa para que *O Gênio Céltico* fosse terminado a tempo.

* * *

No dia em que se seguiu à última vez em que Léon Denis saiu de sua casa, houve uma sessão. Contrariamente ao hábito, havia convidados. Quando eu cheguei, o mestre conversava com eles e demonstrava muito interesse. Esperando alguns retardatários ele me ditou uma página do trabalho em curso, o prefácio de uma nova edição da biografia de Allan Kardec. Esta foi a última vez que eu escrevi sob seu ditado.

Allan Kardec foi, nessa sessão, o primeiro Espírito que se incorporou no médium; dirigindo-se vez por vez a cada uma das pessoas presentes e ao mestre, ele terminou sua mensagem dizendo a este:

> "A consciência é um tabernáculo, o coração é que contém a hóstia sagrada que é a centelha divina; o cérebro é o aparelho vibratório que recolhe as ondas radiantes emanadas do coração de Deus e que põem em ação a pureza de vosso ser humano. Sede forte abrigando a fé superior e vosso aparelho

superior registrará a bondade de Deus. Tendes o afeto dos grandes centros vibratórios, cumpristes com o dever ante a correspondência oculta da vontade divina e no reino da luz respirareis.”

O mestre tinha por costume fazer-se dar a leitura das comunicações obtidas, no dia seguinte às sessões. Desta vez, ele não o fez e não foi senão depois de sua desencarnação, que esta mensagem assumiu para nós, seus discípulos, toda a sua significação. “Cumpristes com o dever ante a correspondência oculta da vontade divina!” Tocante a aprovação dada à vida do apóstolo, verdadeira consagração de sua obra! E que sentido profético tinham as últimas palavras de Allan Kardec: “No reino da luz respirareis!”

Nos dias que se seguiram fui absorvida pela correção das provas de *O Gênio Céltico* e não notei nenhuma modificação na fisionomia do mestre, até que, uma tarde, fui surpreendida pela alteração de seus traços; ele articulava as palavras com uma voz rouca; eu me alarmei:

– Eu não estou resfriado – afirmou-me ele –, mas tenho a garganta fechada.

– Deveis ter um pouco de angina. – repliquei. – É preciso cuidados! Tendo pressa em que seu trabalho fosse terminado, ele se recusou a seguir meus conselhos. Logo, porém, abandonou o canto da lareira e abrindo a janela inclinou-se sobre o balcão.

– Que fazeis? – exclamei – Que imprudência!

– É para ter um pouco de ar – respondeu-me ele.

Neste mesmo dia, Léon Denis, atravessando o cômodo vizinho onde se encontrava a costureira em vias de consertar um lençol, ele lhe disse o seguinte:

– Costurai a minha mortalha.

Quando ele deixou o cômodo, vi a empregada muda e lhe disse que era uma brincadeira; minha inquietude, porém, igualava à sua e, antes de partir, insisti junto ao mestre para ir procurar um médico. Ele não me autorizou.

No dia seguinte, cheguei à sua casa muito cedo. Avisado de minha presença ele me chamou para perto de seu leito. Estava

vermelho e sua voz sempre rouca. Eu lhe supliquei que me deixasse dar-lhe cuidados.

– Mais tarde veremos. – disse-me ele com dificuldade – Já que tu vieste esta manhã, ponha-te ao trabalho que deves fazer durante o dia; depois tu o levarás à impressora.

Tratava-se de corrigir as provas das mensagens de *O Gênio Céltico*, que haviam sido tiradas em provas. Completei este trabalho automaticamente, o espírito preocupado com a saúde do mestre, que, esquecido de si mesmo, não tinha em vista senão seu trabalho.

Oh! Que horas angustiantes passei junto dele, tão manifestadamente enfermo, pois se via na impossibilidade de tomar qualquer alimento sólido; eu não suportava mais!... Quando minha tarefa foi terminada, batia o meio-dia e a impressora estava consequentemente fechada. Léon Denis parecia aborrecido.

– Tranquilizai-vos – disse-lhe –, estarei lá quando as oficinas se abrirem.

Fui prevenir o Sr. Gaetan Chauvigné, amigo do mestre, de sua doença e decidimos chamar um médico.

Durante os primeiros dias de medicação o doente não permanecia no leito e passava o dia em sua poltrona. O espírito sempre desperto, ele me dava ordens; uma delas foi a de ir ao seu banqueiro fazer uma prestação de contas a respeito do papel para a edição que ele havia comprado para o seu volume.

Mais calmo, os gestos ainda seguros, ele me deu a soma necessária para a operação e pareceu satisfeito com a conclusão de um negócio que o preocupava desde que adoeceu.

Nessa mesma manhã ele me disse:

– Toma o manuscrito de *O Gênio Céltico*, vê se eu escrevi se foi 53 anos antes da era cristã que Vercingétorix tomou a resolução de se consagrar à salvação de seu país; eu não desejaria que me imputassem um erro cronológico.

No dia seguinte, seu estado foi julgado mais grave pelo médico que constatou que os dois pulmões estavam tomados. Os amigos de Léon Denis e eu vivemos, então, horas tormentosas,

passando ao mesmo tempo da ansiedade ao desespero, velando para dar-lhe os remédios prescritos, esperando salvá-lo, apesar de tudo. Ele era maravilhoso de doçura e de paciência e se mostrava de uma amenidade perfeita com a freira de São Vicente de Paula da qual recebia os cuidados:

– De que região sois, irmã? – perguntou-lhe uma noite.

– Nós, religiosas, não somos de nenhuma região, senhor – respondeu ela.

– Mas, nascestes em alguma parte.

– Eu sou do departamento do Loire.

– Ah! Sinto-me feliz por vós, é uma região de florestas, uma região céltica. Eu amo a floresta; meu culto é a natureza, pois é na natureza que o espírito de Deus domina mais do que em todas as outras partes.

Sucedia muitas vezes de o doente dormir, depois, de repente, com uma voz velada, ele me fazia algumas perguntas; esta, por exemplo:

– Como está o tempo?

– Temos um belo sol.

– Belo-sol, é o nome do lugar onde Barrès escreveu seu último livro, tu o sabias?

– É possível – disse eu –, mas não me lembro.

– Tu nunca sabes de nada! – respondeu ele lentamente.

Esta saída, tão anódina quanto outras, com as quais o mestre se divertia em me perturbar, fez com que eu começasse a duvidar da extrema gravidade de sua doença e me pus a esperar.

Certo dia, sua voz enfraquecida deixou cair estas palavras:

– Que fazes?

Uma vez que ele me tinha dado ordem de não o interrogar acerca de meu trabalho, a fim de não fatigá-lo, guardei silêncio, porém ele retornou:

– É como se eu falasse a um pedaço de lenha.

Esta brincadeira me fez sorrir ligeiramente apesar de minha tristeza. Eu me aproximei vivamente dele não desejando fazê-lo supor qualquer indiferença por suas palavras.

– As segundas provas chegaram regularmente da impressora, eu as comparo com as primeiras – disse-lhe.

– Deixa isto de lado – disse ele – e torna a copiar o prefácio para Allan Kardec.

– Mas nós estamos no dia 9 – repliquei.

– Tens tempo, é preciso que ele chegue a Meyer no dia 15.

Eu me escusei, muito emocionada.

Ele perguntava às vezes por sua correspondência. Essa se acumulava, mas invariavelmente nós lhe respondíamos: "Não há nada."

Uma carta em escrita Braille veio de Paris e eu a pus de lado. A epistolária era muito devotada ao escritor e havia feito para *O Gênio Céltico* pesquisas na Biblioteca Nacional; na época ela corrigia as provas da obra. Surpreendida por não receber os últimos correios, ela se tornara ansiosa e me enviava a tradução de sua carta. "Por que este bom maná não é mais distribuído?", perguntava a autora. A fim de dar ao mestre a ilusão de uma leitura, eu pus a folha em Braille entre suas mãos e li a tradução:

– É bem pesado este maná! – disse ele.

A despeito de nossos temores secretos e cuidadosamente dissimulados, a persistência dessa tranquila lucidez fazia-nos sempre acariciar a esperança de uma cura. Ah! Pois muito bem! Foi preciso a evidência. As forças do doente decresciam de dia em dia. A manhã do dia doze foi particularmente penosa. Éramos três a velar por ele. À cabeceira do leito a bondosa Georgette sustentava-lhe a cabeça, a Sra. S. estava do lado oposto. Eu me mantinha aos pés do leito. As circunstâncias nos haviam agrupado em um triângulo; subitamente, o agonizante disse com uma voz nítida, porém débil, que passando por seus lábios que não se moviam, parecia chegar de muito longe:

– Georgette, tendes de compreender... se quiseres... sabeis... o que ireis ver acontecer... sabeis... o que foi escrito... é a expressão da verdade... a verdade nua...

E ele acrescentou, dirigindo antes à Sra. S. que a mim:

– Tens que ouvir sarcasmos... mas isto vos deve ser indiferente...

Ele se calou e eu senti a grandeza deste instante; os olhos azuis do mestre não me deixavam. Visivelmente ele esperava que eu lhe respondesse. Então eu lhe estendi a mão e simplesmente lhe disse:

– Nós somos e permaneceremos para sempre vossos discípulos e divulgaremos para sempre as crenças que haveis nos ensinado.

Alguns instantes mais tarde:

– É preciso terminar... resumir e concluir... – disse ele.

Para deixar seu espírito em pleno repouso eu o informei que as derradeiras provas tinham partido para a correção nesta mesma manhã. Ele reiterou:

– Envia a Meyer no dia 15.

Assim, embora a vida do apóstolo não estivesse senão por um fio, ele, não obstante, guardava o cuidado de seu trabalho, o cuidado de sua pontualidade que havia dominado toda sua existência.

Ele expirou à noite...

– Que bela morte! – exclamaram os amigos do mestre que chegaram algumas horas mais tarde para me anunciá-la.

Pelo sorriso radioso que iluminava seu rosto no momento supremo, haviam tido o sentimento nítido da felicidade experimentada pelo apóstolo partindo para as celestes moradas.

Escrevi alguns dias mais tarde à Sra. Briosneau [68] estas palavras:

> "Não é um simples acaso que chama ao espaço Léon Denis na semana da Páscoa, e no momento preciso em que ele terminou uma obra na qual pôs o melhor de si mesmo. Não é por acaso que esta bela figura de pensador seja glorificada, exaltada nas revistas que aparecerão em maio, mas que ele preferia entre todas porque era aquela de Jeanne d'Arc."

*** * ***

Tendo visto a obra do eminente escritor que incansavelmente trabalhou sem jamais olhar para trás, tendo assistido particularmente ao grande esforço intelectual dos últimos meses

de sua vida, creio na perenidade de seu ser. Como um atleta em plena posse de suas forças físicas, sempre na arena, o mestre fluía de belas faculdades cerebrais e não as perdeu no decorrer de um combate que durou 50 anos. Seu campo de trabalho não era uma verdadeira arena, onde o leal gladiador havia combatido com armas sempre francas? Como um herói, caiu no campo da honra em plena atividade.

Apenas os amigos do apóstolo souberam de sua desencarnação, que ele chamava sua libertação, e esperava-a sem temor, mas causou-lhe uma decepção; ela podia ser lida em seus olhos. Ele alimentava mais um projeto, deixava o seu querido *O Gênio Céltico*, derradeiro filho de seu pensamento, terminado, é certo, mas sem forma tangível, por assim dizer, sem vestes. O trabalhador não havia terminado a tarefa a que se havia proposto.

Desde o dia seguinte do decesso do mestre, tivemos que conter a nossa mágoa para cuidar de dar cumprimento às suas ordens e recomendações.

> "Se estiveres lá – nos havia recomendado outrora –, cuidai para que eu não seja enterrado vivo."

Pode-se dizer que este era o seu único temor, porém real; as inumações prematuras são muito mais frequentes do que habitualmente se supõem.

Léon Denis havia aproveitado as menores circunstâncias de suas leituras, as mais das vezes para nos fazer conhecer seus últimos desejos. Lendo um dia um livro do Sr. Cornillier,[69] a passagem relativa às cerimônias fúnebres; ele nos havia dito:

> "Sabes muito bem que eu não quero uma grande quantidade de flores, apenas as sempre-vivas amarelas, insígnia dos espíritas; a sempre-viva é o emblema da imortalidade e a cor amarela é o símbolo da luz." – E o mestre havia acrescentado: "Minhas obséquias não podem ter lugar antes das duas horas; é preciso deixar ao pastor Wautier o tempo de chegar até aqui."

Léon Denis nos havia deixado em depósito seu pensamento moral. Nós o lemos a seus amigos na noite mesma de sua morte

e, seguindo suas instruções, nós a participamos às pessoas que ele havia designado. É uma magnífica e tocante página, na qual o apóstolo revela sua bela alma. Ei-la:

"Chegado à noite da vida, em que uma nova etapa se inicia, em que as sombras crescem e cobrem todas as coisas com seu véu melancólico, eu penso no caminho percorrido desde minha infância e dirijo meus olhares para frente, para este caminho que vai logo se abrir para mim sob o lado-de-lá e suas claridades eternas.

Nesta hora minha alma se recolhe e se desprende por avanço dos entraves terrestres; ela vê e compreende a finalidade da vida, consciente de seu papel aqui embaixo reconhecendo os benefícios de Deus, sabendo por que ela é vinda e por que ela agiu; ela abençoa a vida por todas as alegrias e todas as dores, por todas as provas salutares que esta lhe proporcionou; reconhece nela os instrumentos de sua educação e de sua elevação.

Abençoa a vida terrestre, enquanto não se voltar a pensar em uma nova existência, trabalhar ainda, sofrer, se aperfeiçoar e contribuir com seus trabalhos em favor do progresso deste mundo e da humanidade.

Consagrei esta existência ao serviço de uma grande causa: O Espiritismo ou o Espiritualismo moderno, que será a crença universal, a religião do futuro.

Consagrei, em difundi-lo, todas as minhas forças, todas as minhas faculdades, todos os recursos de meu espírito e de meu coração. Fui sempre fortemente sustentado por meus amigos invisíveis, por todos aqueles que bem cedo irei reencontrar. Pela causa do Espiritismo renunciei a todas as satisfações materiais, mesmo aquelas da vida em família e da vida pública, aos títulos e funções, errando pelo mundo, muitas vezes sozinho e triste, mas no fundo feliz por assim pagar minha dívida ao passado e me aproximar daqueles que me esperam no Além, na luz divina.

Deixando a Terra, desejo que os recursos que aqui deixei sejam consagrados aos serviços desta mesma causa. É nesse

pensamento, nessa vontade bem deliberada que deixo aqui a lista dos meus legatários.

De início, com a finalidade da propaganda humanitária, lego ao Sr. Jean Meyer, residente na Villa Montmorency, avenida das Tílias nº 11, Paris, a propriedade de minhas obras figurantes na Biblioteca de Filosofia Espiritualista Moderna e de Ciências Psíquicas, que ele fundou.

Por outro lado, lego ao dito Jean Meyer todos os meus volumes e brochuras em depósito na impressora Arrault, em Tours, assim como os clichês, impressões e acessórios relacionados a estas obras. Se, ao decesso do Sr. Jean Meyer, o funcionamento de sua Biblioteca, acima designada, se encontrar comprometida, minhas obras cairão no domínio público e todos os publicistas poderão reproduzi-las, com a condição de se conformarem escrupulosamente ao texto de cada última edição sob o controle e supervisão de meus executores testamentários.

Léon Denis"

No diário cotidiano que redigi nos últimos anos de meu secretariado na casa do autor de *Depois da Morte*, eu relevo uma data que entre todas me traz uma lembrança inesquecível: 7 de janeiro de 1925. Eu cito: "Hoje, Léon Denis, tendo me encontrado diante de um pequeno móvel dotado de gavetinhas contendo cartas, me disse: "Depois de minha morte aos senhores Gaston Luce e Gaetan Cauvigné e a ti devem pertencer estas cartas." Eu ignorava o tesouro espiritual contido no móvel e experimentei uma imensa gratidão para aquele que havia tão generosamente tido a ideia de me beneficiar com esta parte. Este donativo, com efeito, tornou possível o trabalho que eu iniciei; apenas as minhas lembranças não teriam sido suficientes para fazer conhecer completamente o escritor espírita; era-me indispensável ter a colaboração daqueles que com a leitura de suas obras o apreciaram, amaram, e por tocantes cartas testemunharam-lhe sua veneração."

A todos estes irmãos e irmãs cordialmente: muito obrigada!

Rendo graças a Deus por ter orientado meu destino para Léon Denis. Ter vivido perto desta alma nobre e elevada, perto desse pensador que sempre pôs em harmonia sua vida e suas ideias, observou em todo o seu rigor os princípios da moral e da doutrina que ele ensinava, isso foi para mim uma fonte de encorajamento, de sustentação moral, de alegria e paz espiritual que sinto a cada dia e sentirei em mim a forte e salutar influência.

Saint-Cyr-sur-Loire, le 2 novembre 1928.

Obras de Léon Denis

SPIRITS ET MEDIUNS – é tão indispensável ao espírita militante quanto LA SYNTHÈSE SPIRITUALISTE do mesmo autor. Este estudo prático do Espiritismo experimental é ideal para aqueles que aspiram a se tornarem médiuns. É recomendável particularmente aos grupos que têm uma escola de médiuns.

Por meio dos conselhos que contém, pode-se evitar as emboscadas dos Espíritos mistificadores, dificultando-os no sentido de desencorajar, como tantas vezes acontece, aqueles que se iniciam. Por sua perfeita simplicidade e seu límpido estilo, está ao alcance de todos até mesmo pela modesta quantia de seu preço. É certo que será lido com muitos bons frutos por todos que desejam assegurar seu progresso espiritual, na investigação e no desenvolvimento da própria mediunidade.

A obra de Léon Denis apresenta uma admirável unidade doutrinária e sábia, ela se desenvolve com amplitude em torno do fulcro ardente de fé espírita. Não é possível oferecer uma longa análise de cada uma dessas obras: o quadro apresentado é muito reduzido e só um estudo mais profundo nos conduzirá mais longe. De resto, os livros de Léon Denis são bastante conhecidos no Brasil. Escritor por um pensador profundo, por vezes um verdadeiro poeta, a forma é tão bela quanto o fundamento é justo e bem pensado...

APRÉS LA MORT – *Depois da Morte*, fixa em primeiro lugar o ensinamento kardecista, depois de a respeito apresentar uma síntese poderosa. Livro verdadeiramente inspirado, onde a forma reveste a ideia de modo magnífico.

CRISTIANISME ET SPIRITISME – neste livro o autor responde aos ataques costumeiros do clero romano, tenta com sucesso projetar sobre o Evangelho o clarão dessa luz secreta, na qual resplende a sublime figura de Jesus de Nazaré.

JEANNE D'ARC – equaciona um grande problema histórico e analisa os fenômenos maravilhosos que ilustram a vida da virgem lorena. É um monumento construído de verdade e beleza.

LE GRANDE ENIGMA – é uma obra de fé, apoiada na razão e na ciência. Livro de serena elevação diante dos esplendores do universo; poema ardente de um espírito que procura os caminhos que conduzam ao mais alto.

Estas obras têm sentido puramente filosófico. No domínio propriamente científico, Léon Denis é autor de três livros admiráveis pela erudição do autor:

DANS L'INVISIBLE – enfocando especialmente as faculdades psíquicas e reunindo dados especiais e provas fornecidas pela experimentação do *ponto de vista do fenômeno*.

LE PROBLEME DE L'ETRE ET DE LE DESTINÉE – no qual a rica documentação apoiando a grande lei das vidas sucessivas, movendo-se em passagens majestosas, explica os fenômenos da vida; o mistério do destino se esclarece sob uma intensa luz.

LE MONDE INVISIBLE ET LA GUERRE – impregna-se do verdadeiro espírito gaélico e de uma imensa piedade humana. É uma das derradeiras obras de um acervo admirável.

– 0 –

Notas:

---

1 *Meeting* – reunião. Em inglês no original. (Nota do tradutor; suas notas seguintes terão somente a sigla N.T.)

2 *Fians* – discos de metal preparados para serem cunhados. (N.T.)

3 Allan Kardec – *Revista Espírita*, abril de 1858, "O Espiritismo entre os Druidas". (Nota desta Versão Eletrônica; suas próximas notas conterão somente a sigla N.V.E.)

4 Foi em 1909, mas eu lamento não ter fixado a data.

5 O jornal local *La Dépêche*, do sábado, 16 de abril de 1927, anunciava nestes termos a desencarnação de Léon Denis: "Sois

convidados para assistir aos funerais do Sr. Léon Denis, escritor, chamado ao espaço em seu 81º aniversário."

6 O próprio Léon Denis trata a respeito em seus artigos publicados e intitulados "Socialismo e Espiritualismo" – *Revista Espírita*, 1914.

7 *O Grande Enigma*, edição de 1921, pág. 165. Léon Denis faz a descrição dessa excursão no capítulo "A Montanha".

8 Propriedade do senhor Hubert Forestier, ex-secretário geral da União Espírita Francesa.

9 Em *O Grande Enigma*, pág. 179, edição de 1921, pode-se ler esta afirmação: "Com minha vista enfraquecida pelo trabalho, lanço ainda um olhar para o céu que me atrai e para a natureza que eu amo. Saúdo os mundos que serão mais tarde a nossa recompensa: Júpiter, Sírius, Orion, as Plêiades e essas miríades de lares cujo cintilar trêmulo tantas vezes verteram em minha alma ansiosa, a paz e inefáveis consolações."

10 *Chancellère* – sem tradução para o português. Trata-se de uma caixa revestida de peles onde os pés são aquecidos. (N.T.)

11 A vida de um médium espírita. (N.T.)

12 É provavelmente de N. D. Guglose que Joseph Denis foi nomeado para Morcenx.

13 *Tendue* – caça aos pardais. (N.T.)

14 *Léon Denis, Apóstolo do Espiritismo, sua Vida, sua Obra*. Biblioteca de filosofia espiritualista moderna e de ciências psíquicas, Edições de Jean Meyer 8, rua Copernic, Paris. (*)

(*) Obra publicada em português, sob o mesmo título, pela Editora CELD. (N.T.)

15 Ele começa a sofrer da visão.

16 Essa mesa me foi oferecida, bem como um tinteiro e a pequena carteira sobre a qual o mestre apoiava sua revista braille.

17 Um jovem discípulo do mestre, desenhista de talento, feliz por levar-lhe um testemunho de seu filial e profundo reconhecimento, quis reproduzi-lo para a presente obra: esta

fotografia e ainda o retrato de Léon Denis, tomado no Congresso Espírita Internacional de Paris de 1925.

18 As cartas do senador nos couberam em partilha após a desencarnação do mestre, e encontramos as respostas em seguida às cartas recebidas.

19 Ver em *O Mundo Invisível e a Guerra*, pág. 262, detalhe sobre essa sessão, e 263, essa primeira comunicação. O Sr. G. Luce também a reproduziu em seu livro *Léon Denis, o Apóstolo do Espiritismo, sua Vida, sua Obra*, pág. 75.

20 Jaurès, Jean – político e líder socialista francês. Formou-se em Filosofia pela Escola Normal Superior de Paris e a seguir foi nomeado catedrático de Filosofia no Liceu de Albi. Livre-docente da mesma disciplina na Faculdade de Toulouse, elegeu-se deputado para o mesmo período. Morreu assassinado por um débil mental. Publicou: Provas, Ação Socialista, A Arte e o Socialismo, História Socialista da Revolução Francesa, O Socialismo e a Pátria, Socialismo e Internacionalismo. (N.T.)

21 O Sr. Rossignon havia, na Inspeção de Ruan Ruen, obtido as funções de secretário; devotado às causas espíritas, ele dirigiu nesta cidade o grupo "Vauvenargues", onde havia obtido uma prova de identidade espírita cuja descrição havia sido publicada por "Phare de Normandie". Em Reins o Sr. Rossignon havia demonstrado o mesmo zelo na defesa da causa.

22 Eis os anos das últimas edições de Léon Denis: *Depois da Morte* (1920); *Cristianismo e Espiritismo* (1920); *O Grande Enigma* (1921), *O Problema do Ser e do Destino* (1922); *No Invisível (Espiritismo e Mediunidade)* (1924); *Joana d'Arc, Médium* (1926).

23 Esta definição da felicidade, nós acreditamos dever acrescentar aqui num plano bem mais desenvolvido, estando em posse de um rascunho suplementar que não havia sido inserido no artigo da *Revista Espírita* do mês de novembro de 1926. Essas linhas suplementares estão em grifo.

[24] *Coppée* – poeta e dramaturgo francês. Trabalhou no Ministério da Guerra. Poeta parnasiano, sua preferência estava entre os humildes, razão pela qual é considerado o poeta dos humildes. Escreveu: *O Relicário*, *O Violeiro de Cremona*, *Os Jacobitas, Pela Coroa*.

[25] *Leitmotiv* – em inglês no original. Traduz-se como Fio Condutor. (N.T.)

[26] *Millerand* – Estadista francês, militante do Socialismo Radical, ocupou várias vezes pastas ministeriais. Em 1920 torna-se, por substituição ao renunciante, Presidente da França. (N.T.)

[27] *Duquesa de Pomar* – grande propagandista da causa espírita na França.

[28] *Gaston Luce* – amigo íntimo de Léon Denis e autor do livro *Léon Denis, o Apóstolo do Espiritismo, sua Vida, sua Obra*. (N.T.)

[29] *Maurício Barrés* – escritor e político francês. Eleito Deputado aos 26 anos de idade e membro da Academia Francesa. Autor de: *Suas Faces*; *Sangue*; *Sobre a Volúpia e a Morte*; *Viagem a Esparta*. (N.T.)

[30] Henri Regnault – *La Mort n'est pas*, segundo a obra de Léon Denis. Leymarie Editor, à venda nas edições Jean Meyer, 8, Rua Copernic, Paris. (*)

(*) Esta obra foi publicada em português, sob o título *A Morte não Existe*, pela editora CELD. (N.V.E.)

[31] Ver *Revista Espírita*, 1920, nºs de outubro, novembro, dezembro, e 1921, fevereiro e março.

[32] Ver na mesma revista os artigos "Livre arbítrio e determinismo", nºs de maio, junho e julho de 1921.

[33] *Spinoza* – filósofo holandês. Foi o criador de um dos sistemas doutrinários da história da filosofia. Sofreu a influência de Descartes. Baseou-se no método matemático. Publicou em vida: *Tratado Teológico Político*. (N.T.)

34 *Shopenhauer* – filósofo alemão. Livre docente na Universidade de Berlim. Sua filosofia é pessimista. Autor de: *O Mundo como Vontade e Representação*; *Sobre o Desejo da Natureza*; *Os Dois Problemas Fundamentais da Ética*. (N.T.)

35 *Tayne* – historiador, escritor e filósofo francês. Tentou conciliar o idealismo alemão com o positivismo inglês. Teve como mestres: Condillac, Hegel, Bain. Escreveu: *Ensaio sobre as Fábulas de Fontaine*; *Vida e Opiniões de Tomás Graindorge*; *Filosofia da Arte*. (N.T.)

36 *Voltaire* – escritor francês. Foi por duas vezes encerrado na Bastilha. Apontou uma religião e uma moral nacional em oposição aos padrões católicos. Combateu a intolerância, o fanatismo e as injustiças sociais. (N.T.)

37 "Liberdade e Fatalidade: impressão e sensação de um Espírito" – Ver *Revista Espírita*, fevereiro de 1925.

38 Esses artigos foram reunidos em uma obra editada em língua portuguesa pela editora CELD, com o mesmo título: *O Espiritismo na Arte*. (N.V.E.)

39 Esses escritos foram reunidos em uma obra editada em português pela editora CELD, com o mesmo título: *O Espiritismo e as Forças Radiantes*. (N.V.E.)

40 Ver *Revista Espírita* de fevereiro a dezembro de 1924. (*)

(*) Esses artigos foram reunidos em uma obra editada em língua portuguesa pela Casa Editora O Clarim, com o mesmo título: *Socialismo e Espiritismo*. (N.V.E.)

41 Genro do pastor Ch. Wagner e continuador de sua obra *O Lar da Alma*.

42 Ver a *Revista Espírita* de janeiro de 1924.

43 Esta carta foi reproduzida pela *Revista Espírita* número de julho de 1921.

44 Ela foi escrita e posta no correio no dia 2 de abril de 1927 e o escritor desencarnou no dia 12.

45 Ver *O Mundo Invisível e a Guerra*, pág. 83 e 84.

[46] *Rupert Lives*, obra de Walter Wynn, foi publicada em português pela editora ECO, sob o título *Meu Filho vive no Além*, na 1ª edição, e posteriormente, na 2ª edição, o título foi alterado para *A Morte não Existe*. (N.T.)

[47] Esta importante obra de Gustave Geley não foi ainda traduzida para a língua portuguesa. Outra obra do Dr. Geley foi editada em português pela editora FEB: *O Ser Subconsciente*. (N.V.E.)

[48] *La vie sage*, do Dr. Paul Carton, editora A. Maloine et Fils.

[49] *Mes annès chez Barrès*, pág. 169 e 170.

[50] Barrès dizia: "Ao invés de descrever a história de Jeanne d'Arc, Anatole escreveu a história de sua criadinha", página 223 da mesma obra.

[51] É sob este nome que o guia do médium se havia revelado a ele.

[52] Ver *Revista Espírita*, de março de 1923.

[53] Ver *Revista Espírita*, de setembro de 1926, pág. 387.

[54] Léon Denis, em *O Mundo Invisível e a Guerra*, fala do reconforto que lhe deram, durante a grande tormenta, as previsões dos seus guias espirituais. Sempre escrupuloso em tal matéria, o mestre dava a data exata de cada mensagem anunciando a previsão que deveria se realizar alguns meses mais tarde.

[55] *Oui-ja* – pequeno aparelho de origem americana composto de um minúsculo tamborete triangular cujos pés são munidos de carretilhas e que se põe sobre um quadro onde são escritas as letras do alfabeto. Se a pessoa que nele põe a extremidade dos dedos é dotada de mediunidade, o tamborete se move.

[56] Ver *Espíritos e Médiuns*, pág. 43 a 45.

[57] Pode-se ler as mensagens dadas por Allan Kardec em *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, última obra de Léon Denis, publicada depois de sua morte pelos cuidados do Sr. Jean Meyer, herdeiro de sua obra. Todas as outras mensagens

obtidas ficaram na propriedade do Sr. Gaston Luce, ao qual o mestre deixou sua biblioteca e seus papéis.

58 O espírito cometera um erro mencionando dezembro ao invés de janeiro como mês do assassinato, mas ele havia sido exato quanto à sua morte em Tours. Foi também exato dando o nome da granjeira e o número das crianças mortas, o nome da comuna e do departamento.

59 Pág. 244.

60 Número de junho de 1921.

61 *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, pág. 230.

62 Ver *Memórias*, de M. Barthol na *Revista dos Dois Mundos*.

63 *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, págs. 58 e 59.

64 Ibidem, págs. 101 e 102.

65 *Oppidum* – praça-fortaleza, fortaleza, cidade. (N.T.)

66 *Au Service de l'Alemagne*, cap. IV.

67 Jerônimo de Praga fazia alusão ao livro que Léon Denis desejava fazer imprimir sobre o "Socialismo e Espiritismo" (*) e que devia conter todos os artigos publicados sob esse título na *Revista Espírita*.

(*) Esta obra foi publicada em português sob esse mesmo título, pela Casa Editora O Clarim. (N.V.E.)

68 Diretora dos *Anais do Espiritismo* e do *Grupo de Estudos Psíquicos de Rochefort-sur-Mer*.

69 *A sobrevivência da alma e sua evolução após a morte*. Ed. Jean Meyer, rua Copernic, Paris.